O XIISMO NO ISLAM

Nossa Mensagem II

ALLAMAH AYYATULLAH AL-ODHMAH
ASSAYED MOHAMMAD HUSSEIN AL-TABATABAÍ (K.S.)

O Xiismo no Islam

Elaboração, Supervisão e Apresentação
Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji

Tradução e Revisão
Ahmed Abdul Monhem El-Horr,
Aidah Rumi e Ismail Ahmed Barbosa

Tradução e Revisão
Ahmed Abdul Monhem El-Horr, Aidah Rumi e Ismail Ahmed Barbosa

Capa, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica
Yelow Design e
Nasereddin Taleb Al-Khazraji

Tiragem
2.000 exemplares

Data da Edição
Abril de 2008

Impressão e Acabamento
Editora Marse
Tel.: (11) 6292-3322 - E-mail: ed.marse@terra.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Índice para catálogo sistemático:

Todos os direitos desta edição são reservados ao

Centro Islâmico no Brasil
Tel.: 55 11 3361-7348
Fax: 55 11 3331-5077
www.arresala.org.br
edicoes@arresala.org.br

É proibida a reprodução de parte ou da totalidade dos textos sem a autorização prévia.

Sumário

Resumo da Biografia do Autor 9
Apresentação do Autor 13
Palavra do Tradutor 16
Palavra da Tradutora Complementar 17
Introdução para a Primeira Edição 19
Introdução para a Segunda Edição 21

Capítulo 1 25
A Forma da Constituição do Xiismo e seu Desenvolvimento 25
Início da Instituição Xiita e sua Forma 25
A Causa da Dissidência da Minoria Xiita da Maioria Sunita e Surgimento das Divergências 28
Os Assuntos do Califado e a Afluência Teológica 29
O Método Político do Califado Eletivo e sua Distinção no Pensamento Xiita 31
O Fim do Califado com o "Príncipe dos Crentes" e sua História 35
O que os Xiitas Conseguiram Durante o Califado do Imam Ali Ben Abi Taleb "Príncipe dos Crentes", em 5 anos 38
A Transferência do Califado para Muáwiya e sua Transformação em Reinado Hereditário 40
Os Dias Difíceis que os Xiitas Passaram 42
Duração do Reinado dos Omíadas 43
Os Xiitas no 2° Século Hijrita (Século VIII d.C.) 46
Os Xiitas no 3º Século Hijrita (Século IX d.C.) 48
Os Xiitas no 4° Século Hijrita (Século X d.C.) 49

Os Xiitas do 5° ao 9° Século Hijrita (Século XI ao VX d.C.) 50
Os Xiitas no 10° e 11° Século Hijrita (Século XVI e XVII d.C.) 51
Os Xiitas do 12° ao 14° Século Hijrita (Século XVIII ao XX d.C.).....52
Ramificações dos Xiitas..... 52
Ramificações de Algumas Facções e Sua Extensão 52
Azzaidíya..... 54
O Ismailismo e suas Ramificações 55
Al-Náziríya, Al-Mustâaliya, Al-Drúziya e Al-Muqânaa 57
O Xiismo dos Doze Imames e Sua Divergência com a Zaidiya e a Ismailíya 59
Resumo da História dos Xiitas Duodécimos 61

Capítulo 2..... 63
O Pensamento Religioso em Relação ao Xiismo 63
O Significado do Pensamento Religioso 63
As Principais Fontes para o Pensamento Religioso no Islam..... 63
Os Caminhos que o Islam expõe para o Pensamento Religioso 64
As Divergências entre esses Três Caminhos 66
O 1º Caminho: O Exoterismo Religioso e suas Divisões..... 67
O Colóquio dos Companheiros (Sahaba) 68
Outra Pesquisa no Livro (Alcorão) e no Preceito (Sunnah)..... 69
O Exoterismo do Alcorão e seu Esoterismo..... 70
Interpretação do Alcorão 72
Continuação da Pesquisa Sobre a Tradição (Hadith) 75
Os Xiitas e a Lida na Tradição 76
O Estudo e o Ensino Geral no Islam 77
O Xiismo e os Conhecimentos Transcritos 78
O 2° Caminho - As Teses Intelectuais 79
O Pensamento Intelectual, Filosófico e Expressivo 79
Extensão do Progresso dos Xiitas no Pensamento Filosófico e Expressivo no Islam 80
Os Xiitas sempre se esforçaram no Campo da Filosofia e outras Ciências Intelectuais 82
Por que a Filosofia permaneceu entre os Xiitas?..... 83
Cinco dos destacados Sábios Xiitas 83

O 3° Caminho - O Manifesto..... 86
O Homem e sua Compreensão nos Reconhecimentos 86
A Constatação dos Reconhecimentos no Islam 87
Diretrizes do Livro (Alcorão) e do Preceito (Sunnah) para o Conhecimento da Alma e seus Métodos..... 89

Capítulo 3..... 91
As Crenças Islâmicas do Ponto de Vista dos Xiitas Imamitas..... 91
A Visão do Universo através das Criações e dos Fatos - A Necessidade da Existência de Deus Supremo..... 91
Outro Ponto de Vista sobre a ligação do Homem com o Mundo - Conclusão do Capítulo "Unicidade de Deus" 92
A Unicidade de Deus Supremo..... 94
A Personalidade e as Atribuições 95
O Significado das Atribuições de Deus Supremo..... 95
Outros esclarecimentos sobre o Significado das Atribuições 96
As Características da Ação 98
A Fatalidade e o Destino..... 99
O Homem e a Opção 100
O Conceito Sobre o Profeta 102
Sobre o Objetivo – A Orientação Geral 102
A Orientação Própria 104
A Razão e a Lei..... 105
Os Sentimentos Simbólicos, ou seja, "Al-Wahi" 106
Os Profetas e a Infalibilidade da Profecia 106
Os Profetas e os Dogmas Celestiais 107
Os Profetas e a Evidência da Revelação e da Profecia..... 109
O Número dos Profetas 110
Os Profetas, Autoridades da Resolução, Portadores dos Dogmas Celestiais 111
A Profecia de Mohammad (S.A.A.S.) 111
O Nobre Profeta e o Alcorão Sagrado 116
A Noção Sobre o Dia do Juízo Final 119
O Homem, Espírito e Corpo..... 119
Estudo Sobre a Verdade do Espírito, Sob Outra Visão..... 120
A Morte do Ponto de Vista do Islam..... 121

O Mundo do Limbo 121
O Dia da Ressurreição – Juízo Final 123
Outra Elocução 125
A Continuidade da Criação e Suas Conseqüências 129
O Conceito Sobre o Imam 129
O Significado de Imam 129
O Imamato e a Sucessão do Profeta (S.A.A.S.) no Estado Islâmico 130
Confirmação às Notas Anteriores 134
O Imamato nas Ciências Dogmáticas 137
A Distinção Entre o Profeta e o Imam 138
O Imamato no Sigílo das Práticas 140
Os Imames e Líderes do Islam 143
Resumo da Vida dos Doze Imames 144
Os Representantes Particulares 168
Pesquisas Sobre o Aparecimento do Al-Mahdi do Ponto de Vista Geral (os não-Xiitas) 169
Pesquisas Sobre o Aparecimento do Al-Mahdi do Ponto de Vista dos Xiitas em Particular 170
Resposta às Analogias 171
Epílogo - A Retórica Psicológica do Xiismo 173

Resumo da Biografia do Autor

O grande erudito Assayed Mohammad Hussein Al-Tabatabaí nasceu no ano 1321 Hijrita (1901 d.C) na cidade iraniana de Tabriz, tendo o privilégio e a benção de proceder de uma Casa de Conhecimento e Virtude, cuja família tradicional sempre serviu, por catorze gerações, o Islam e o método do Mensageiro Mohammad (S.A.A.S.) e seus descendentes provenientes dos Ahlul Bait. E, sendo descendente dos mais destacados sábios e eruditos de Tabriz, Assayed Al-Tabatabaí iniciou seus estudos nesta cidade, transferindo-se depois para Al-Najaf, ao sul de Bagdád, no Iraque, no ano de 1344 Hijrita (1924 d.C), no lugar em que permaneceu por aproximadamente uma década, adquirindo os conhecimentos islâmicos, onde estudou a jurisprudência, os regulamentos, a filosofia, a matemática, etc, até que, em 1354 Hijrita (1934 d.C), já aos trinta e três anos de idade, retornou à sua terra natal.

Não se contentando com o que aprendeu em termos de jurisprudência e regulamentos, Assayed Al-Tabatabaí se aprofundou mais nestes conhecimentos, inclusive na síntaxe, na gramática, na cultura árabe, nos Elementos, base da geometria elementar de autoria de Euclides, matemático do século III a.C., no Almagesto, composição matemática de autoria de Claudio Ptolomeu, astrônomo, matemático e geógrafo grego do século II d.C., aprendendo inclusive a filosofia, a retórica e a interpretação do Alcorão Sagrado.

Sua fama se expandiu mais quando saiu de Tabriz indo se radicar em Qom, uma outra cidade iraniana, em conseqüência da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1365 Hijrita (1944-1945 d.C), onde lecionou a interpretação, a jurisprudência e o conhecimento islâmico, sem jamais discutir com seus opositores,

guiando inclusive muitos deles ao caminho da verdade e diretriz.

Participou de vários congressos culturais, onde se abordavam os assuntos religiosos e filosóficos, sempre se destacando em seus teoremas.

Assayed Al-Tabatabaí era de temperamento ameno e sutil, acessível e comunicativo, valorizando mais a índole humana do que a própria jurisprudência e o conhecimento.

Assayed Mohammad Hussein Al-Tabatabaí é autor de dezenas de obras grandiosas, fora os vários artigos que foram publicados em revistas culturais e educativas. Sua obra mais importante é *Al-Mizán Fí Tafssír Al-Qor-án*, ou seja, "O Equilíbrio na Interpretação do Alcorão", formada por vinte Volumes, sendo considerada uma das interpretações mais valiosas deste século e verdadeiramente utilíssima na sociedade islâmica, tendo sido traduzida para diversos idiomas, inclusive para o idioma espanhol.

O grande erudito Al-Tabatabaí dedicou toda a sua vida em prol da doutrina islâmica, sendo um farol para os eminentes do saber e do conhecimento, iluminando o caminho daqueles que buscavam o espírito da sabedoria. Faleceu na cidade de Qom, no Irã, no ano 1402 Hijrita (1981 d.C.) com aproximadamente oitenta e um anos de idade.

Trabalhos que preparou enquanto ainda estudava em Najaf:
Monografia em Raciocínio
Monografia em Sofisma
Monografia em Análise
Monografia em Combinação
Monografia em Idéias de Origem Humana
Monografia em Profecia e Sonhos

Trabalhos que compôs enquanto vivia em Tabriz:
Monografia em Profecia e Sonhos
Monografia nos Nomes e Atributos
Monografia em leis Divinas
Monografia em Intermediários Entre Deus e Homem
Monografia em Combinação
Monografia em Idéias de Origem Humana

Monografia em Profecia e Sonhos
Monografia em Intermediários Entre Deus e Homem
Monografia em Homem no Mundo
Monografia na Vice-Regência
Monografia em Profecia

Trabalhos que compôs em Qom:
Tafsir al-Mizán: Publicado em vinte volumes. Neste trabalho o Alcorão é exposto de uma maneira sem precedentes, verso a verso.
Princípios da Filosofia - O Método do Realismo: A Filosofia do oriente e ocidente é inspecionada neste trabalho de cinco volumes.
Anotações sobre o Kifayat al-Usul
Anotações sobre Molla Sadra, al-Asfar al-Arba'a: Publicado em nove volumes.
Revelação ou Consciência Mística
Duas Monografias sobre o Governo Islâmico
A Missão Xiita no mundo de hoje
Monografia em Milagres
`Ali e a Filosofia Divina
O Xiismo no Islam
Uma Antologia Xiita
O Alcorão no Islam
Caminhos do Profeta
Entrevistas com o Professor Corbin, orientalista francês, em 1959.
Artigos selecionados, Perguntas e Respostas, e outras Discussões Escolásticas e Filosóficas diversas.

Apresentação do Autor

O livro que tem em mãos, *O Xiismo no Islam*, explica a verdadeira seita dos xiitas e sua importância. É uma das principais seitas islâmicas que são: o Xiismo e o Sunismo.

Este livro expõe a formação e origens da seita xiita, o estilo de pensamento religioso dos xiitas e os conhecimentos islâmicos sob o ponto de vista deles.

A Religião – Sem dúvida, todo ser tende a se inclinar para os de sua raça, sem deixar de relacionar-se, em seu ambiente, com os outros, em todas as suas atividades: no comer e beber; na inércia e na atividade; no dormir e no despertar e, ao mesmo que esses atos se separam, mantém uma sólida união entre si.

Com base nessa realidade, o homem se vê compelido a viver dentro de limites e normas de mútuo respeito, e isto é compreensível sob o ponto de vista da lógica, eis que o ser humano persegue, sempre, a felicidade para a sua vida, buscando, em sua natural ambição, a realização de todos os seus desejos para a sua conservação e sobrevivência.

Partindo deste ponto de vista, o homem organizou suas atividades em conformidade com leis e normas por ele mesmo criadas ou adaptadas de outros. Daí vemo-lo adotar uma maneira própria de vida, esforçando-se para satisfazer as suas necessidades, pois as considera essenciais para a sobrevivência. Busca, no alimento e na água a satisfação da fome e da sede, pois a comida e a água são duas necessidades primordiais para a continuidade da vida. Essas normas que regem a vida do homem constituem o princípio fundamental que forma a base de seu relacionamento. Assim é que ele vê a vida e o Universo, do qual se sente parte. Assim é que se lhe afigura esta verdade, igualmente vista por seu semelhante, relativa à vida e ao mundo.

Os que resumem a existência a um mundo materialista consideram o homem apenas como um ser vegetativo (vive porque a vida pulsa em seu corpo, mas que acaba com a morte). Este é o ponto de vista puramente materialista, e os que assim pensam, procuram realizar as suas necessidades materiais e se esforçam, nessa senda, dentro de suas possibilidades, para a obtenção de oportunidades que satisfaçam seus anseios e interesses particulares.

Mas aqueles que acreditam que o mundo é criação de um Ente Superior, como os que adotam os símbolos das imagens, para estes, a fé de que o criador é único que lhes dá a graça da vida, e assim programam a sua existência de acordo com os ensinamentos do Criador, e afasta-os de Sua ira e de Seu castigo. Portanto, fazendo-se dignos das bênçãos de Deus terão sempre a Sua graça. E quando esta se afasta deles, será um sinal de Seu descontentamento.

Há os que acreditam que Deus é único e consideram eterna a vida do homem, e que ele é responsável por seus próprios atos, sejam bons ou maus, e acreditam no Dia do Juízo Final, tal como os Zoroastros, os Judeus, os Cristãos e os Muçulmanos, e adotaram um modo de vida fiel a este princípio, para alcançarem a felicidade nesta vida e na Eternidade após a morte.

A soma dessas crenças e princípios (a crença na verdade do homem e do Universo) e no que se lhe necessita de leis codificadas e normas organizadas, no tocante de suas atitudes e práticas na vida, chama-se de *"Al-Mazhab"*, ou seja, "A Seita", tais como a seita dos Xiitas e a seita dos Sunitas no Islam, ou, a seita dos Melkitas e dos Nestorianos no Cristianismo.

Com base nas colocações acima, torna-se impossível ao homem, mesmo que negue a existência de Deus Supremo, não necessitar de uma religião (código de vida, embasado em princípios convictos). Portanto, a religião é norma da vida, que dela não se separa.

O Alcorão Sagrado mostra que o homem, sem dúvida, deve tomar a religião como um caminho e um comportamento, e este caminho foi instituindo por Deus Altíssimo para toda a humanidade, e, quando trilhado, chega-se até Deus Majestoso e Supremo.

Entretanto, esta questão se distingue de indivíduo para indivíduo, e aqueles que seguiram a religião da verdade que é o Islam, permaneceram no caminho certo, porém, os que se desviaram desse caminho, se perderam em erro evidente[1].

1. "… Que a maldição recaia sobre os iníquos, que afastam (os outros) da senda de Deus e a anunciam tortuosa e negam a Eternidade" - Alcorão Sagrado - Surat Al-Aaráf - Capítulo 7, Versículos 44 e 45.

O Islam – É uma expressão e é um comando para seguir os mandamentos do Imperativo (Deus) sem oposição, e o Alcorão Sagrado qualificou o Islam com a palavra nessa missão, de forma global, de que o ser humano deve se submeter ao Senhor do Universo[2], e jamais adorar senão a Deus Uno e Único, e somente seguir os Seus mandamentos.

O Alcorão Sagrado nos informa que Abraão "O Escolhido" (A.S.)[3], foi o primeiro que denominou esta religião por Islam e seus seguidores por muçulmanos[4].

Xíat ou Xiismo significa seguimento, continuidade, e são xiitas aqueles que admitem que a sucessão (califado) depois do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) é transmitida aos seus descendentes provenientes dos Ahlul Bait, isto é, da linhagem de sua filha Fátima "Azzahrá" (A.S.) e seu marido, o Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.), os quais são os primórdios nos conhecimentos islâmicos.

Assayed Mohammad Hussein Al-Tabatabaí

2. "E quem professou a melhor religião significa que se submeteu diante de Deus, e ele pois é caridoso e segue a crença de Abraão monoteísta" - Alcorão Sagrado – Surat Annissá – Capítulo 4, Versículo 125.
"Dize: Ó adeptos do Livro (judeus e cristãos versados na Torah e no Evangelho), vinde à Palavra em comum entre nós e vós, a fim de não adorarmos senão a Deus e não Lhe associarmos (outra divindade) em nada, e não nos tomarmos uns aos outros por senhores em vez de Deus, porém, caso se recusem, dize-lhes: Testemunhai que nós somos muçulmanos" - Alcorão Sagrado – Surat Ále Imrán – Cap. 3, Versículo 64.
"Ó crentes, abraçai todos o Islam..." - Alcorão Sagrado – Surat Al-Baqara – Capítulo 2, Versículo 208.
3. Estas iniciais significam "Aleihi Assalám" ou "Aleihum Assalám", que é uma saudação aos homens e mulheres santos de Deus, e que se traduz por "A paz esteja com ele(s)".
4. "Ó Senhor nosso, faça de nós submissos a Ti e de nossa semente surja uma nação submissa a Ti..." – Alcorão Sagrado – Surat Al-Baqara – Cap. 2, Versículo 128.
"... o credo do vosso pai Abraão, Deus vos denominou muçulmanos (submissos a Deus)..." - Alcorão Sagrado – Surat Al-Hadj – Cap. 22, Vers. 78.

Palavra do Tradutor

Traduzir um livro como este não é tarefa fácil. Fi-lo, implorando a ajuda de Deus, a inspiração na fé que cultuo ao Profeta (S.A.A.S.) e, em particular, em duas pessoas que tiveram grande destaque na Batalha sangrenta de Karbalá: nossa senhora Zeinab Bent Ali, Heroína de Karbalá e Al-Abbás Ben Abdel Muttâleb, cognominado por Abu Al-Fadl Al-Abbás, tio do Mensageiro de Deus.

Busquei, na tradução ideológica que fiz, dar sentindo autêntico ao conteúdo do livro, muçulmano xiita que sou.

A louvável iniciativa da Embaixada da República Islâmica do Irã no Brasil, autorizando a tradução para a língua portuguesa, veio preencher uma grande lacuna, um largo espaço vazio de conhecimentos sobre a realidade xiita, sua origem, história, pensamento e filosofia.

Acusam-nos de severos! Lançam-nos a pecha de fanáticos! Ora, se repudiar a injustiça, abominar o vício, pugnar pela moral e levantar a espada contra a opressão é ser severo e fanático, desses postulados, então temos orgulho de sê-lo!

Ahmad Abdul Monhem Al-Horr

Palavra da Tradutora Complementar

A pedido de sua Eminência Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji, Imam do Masjed Mohammad Rassul Allah em São Paulo, me empenhei com muita dedicação na revisão e complementação da tradução que faltava deste precioso livro de autoria do grande erudito Assayed Mohammad Hussein Al-Tabatabaí, o que me elevou mais ainda o espírito e aumentou o meu humilde conhecimento sobre o verdadeiro Islam, particularmente sobre quem seriam realmente os xiitas e como eles surgiram, etc...

E o livro "O Xiismo no Islam" elucida tudo isso, inclusive o pensamento xiita, o qual responde toda e qualquer pergunta, em todos os campos.

O que mais me surpreendeu, é a inteligência deste respeitável e honorável erudito, Assayed Mohammad Hussein Al-Tabatabaí, o qual infelizmente não tive o privilégio e a honra de conhecer pessoalmente, e o qual, sendo xiita, não feriu em nenhuma passagem de sua obra os sentimentos dos nossos irmãos muçulmanos sunitas, o que é uma tarefa difícil.

Contudo, nós aqui no Brasil, devemos ser imensamente gratos às autoridades religiosas que estão se empenhando nas traduções de importantíssimos livros, cujo teor é o esclarecimento da verdadeira essência do Islam, e que lamentavelmente era deturpada tanto pela prática quanto pela informação, dando uma imagem distorcida da realidade islâmica.

Agradecemos e louvamos a Embaixada da República Islâmica do Irã no Brasil, pelo seu interesse e empenho neste sentido, para o incentivo e difusão do Islam, que é a doutrina complementar do verdadeiro e primórdio cristianismo propagado pelo Messias Issa Ben Mariam (Jesus Cristo, a paz

esteja com ele) e que foi concluída através do Concludente dos Profetas Mohammad Ben Abdulláh Ben Muttâleb (Deus o abençoou juntamente com sua Linhagem e os saudou), em um País como o nosso, onde o brasileiro se interessa em conhecer o Islam e no que ele se fundamenta.

E, para melhor esclarecimento, tomei a liberdade de mencionar alguns apontamentos (conforme a Nota da Tradutora Complementar) no rodapé das páginas, onde o leitor poderá discernir melhor algumas referências, localidades ou personagens mencionados no texto pelo autor, os quais podem ser familiarizáveis aos árabes, porém, estranhos aos brasileiros, inclusive mencionei anexo às datas, anos ou séculos Hijritas, àqueles concordantes no Calendário Gregoriano, a fim de esclarecer em qual época da História ocorreram os fatos.

Quero ressaltar que o Islam não é uma religião fanática, mas sim, uma doutrina que leva o ser humano à verdadeira vida de paz e tranqüilidade, longe das ilusões dos vícios e das promiscuidades, porém, infelizmente, aqueles que monopolizam o poder econômico, provocam seus seguidores que lutam pela justiça e pelos verdadeiros direitos humanos, e não pelos direitos dos criminosos que lesaram os direitos de suas vítimas.

Concluindo, gostaria de esclarecer um ponto: Seguir os conhecimentos do Islam, não significa praticar a apostasia, porém, complementar a sua religião ensinada pelo Messias Issa (Jesus Cristo, a paz está com ele).

Bem-aventurados são aqueles que encontraram a senda reta de Deus e acreditaram em Sua mensagem!

Aidah Rumi

Introdução para a Primeira Edição

بسم الله الرحمن الرحيم

Em nome de Deus, O Clemente, O Misericordioso

O Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.) disse: *"Os eruditos permanecerão, apesar da ausência física através dos tempos, pois seus exemplos se encontram nos corações"*.

O grandioso erudito e pensador islâmico Assayed Mohammad Hussein Al-Tabatabaí (que Deus o abençoe) é um dos mais destacados sábios e esplêndidos filósofos... e os campos do saber, do pensamento e do conhecimento, em todas as suas abrangências, são testemunhas por seu magnífico e relevante papel na edificação do pensamento nítido e da filosofia genuína.

Este respeitável pensador viveu aproximadamente oitenta anos, dedicados desde a infância, ao estudo, à atividade, ao labor intelectual, à sapiência e à devoção. Suas obras chegaram ao número de cinqüenta volumes, fartamente ricos em conhecimentos divinos e amplamente esclarecedores, os quais abrem para o homem o caminho da crença em Deus Uno e Supremo, para que ele possa suplicar e se apiedar junto ao seu Senhor e Criador, e, se aprofundar em sua fé através do bom comportamento, da excelente moral e do seu amor ao próximo.

Este venerável erudito foi privilegiado com a retidão, integridade moral, devoção e amor pelos devotos de Deus Supremo e Majestoso, desapegado de bens materiais e vaidades deste mundo, sendo um homem humilde com toda a nobreza de sentimentos, tratando a todos, sem exceção, com muito carinho e compreensão, e por isso, era querido, amado, respeitado e admirado pelas pessoas. E, dentre suas notáveis e elevadas qualidades, Assayed Mohammad

Hussein Al-Tabatabaí era incansável, sempre participando ativamente em todas as datas comemorativas dos Ahlul Bait, em especial, constantemente presente nos dias de cerimônia póstumas, em memória do Imam Al-Hussein (A.S.).

O livro intitulado "O Xiismo no Islam" é considerado uma das obras importantes do magnífico erudito Al-Tabatabaí, onde ele expõe o que é de mais útil e interessante dos elevados e instrutivos conhecimentos da escola dos procedentes dos Ahlul Bait (A.S.).

Assayed Mohammad Hussein Al-Tabatabaí faleceu no ano de 1981 e seus purificados restos mortais foram sepultados na cidade de Qom, no Irã, perto do purificado túmulo da senhora Fátima, filha do 7º Imam Mussa Ibn Jaafar Al-Kadhem (A.S.), deixando para nós um preciosíssimo legado refletivo, rico em conhecimentos proveitosos, com os quais se iluminam as mentes, levam o ser humano à diretriz e à orientação, impelindo-o à edificação de uma ilustre nitidez cívica, para o enaltecimento da doutrina islâmica em uma existência nobre e livre.

Que a paz esteja com ele no dia em que nasceu e nos dias em que ele labutou através de seu conhecimento e sabedoria, legando à humanidade o seu aprazível e agradável pensamento, que é um substancial alimento ao espírito!

Que a paz esteja com ele no dia em que retornará vivo juntamente com os Profetas, Mensageiros e os Imames purificados (A.S.)!

E que a paz, a misericórdia e as bênçãos de Deus estejam convosco!

Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji
Imam da Mesquita Mohammad Mensageiro de Deus (S.A.A.S.)
São Paulo - Brasil
15/Ramadán/418 Hijrita
14/Janeiro/1998 d.C.

Introdução para a Segunda Edição

بسم الله الرحمن الرحيم

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.

Louvado seja Deus, o senhor do universo, que a paz e a benção de Deus estejam com o Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), seus Ahlul Bait (A.S.), as melhores entre suas criaturas, e com seus seguidores, até o dia do encontro com Deus.

A abençoada jornada da divulgação islâmica foi pregada pelo Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) com a ordem de Deus, o Altíssimo, para que fosse a última das mensagens celestiais e apresentasse a religião islâmica à toda a humanidade. Ele (S.A.A.S.) se esforçou o máximo possível para que a esclarecesse totalmente a todas as pessoas. E por este motivo, Ele (S.A.A.S.), juntamente com seus primeiros companheiros fiéis e bondosos, superou muitas dificuldades e sofrimentos. Tudo isto para cumprir a ordem de Deus da melhor forma possível.

Em diversas ocasiões o Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) aproveitou da oportunidade para divulgar uma das questões mais importantes que envolvia o futuro do Islam. Em verdade, esta questão era a liderança da nação islâmica e o Imamato após o seu falecimento. O grau de importância desta questão é tão alto que vale como proteção, continuação e preservação do Islam após a sua morte, e por isso, com a ordem de Deus, ele (S.A.A.S.) sempre apontava ao Imam Príncipe dos Fies, o Imam Ali Ibn Abi Taleb (A.S.), como seu sucessor. Ele (S.A.A.S.) sempre ordenava as pessoas que seguissem e obedecessem a Ali (A.S.), e que jamais entrassem em desacordo com ele (A.S.), pois o que ele (S.A.A.S.) queria das pessoas é que caminhassem no método, caminho e ensinamentos de Ali (A.S.).

Aqui afirmamos que seguir a Ali (A.S.) caminha ao lado da jornada de divulgação da grandiosa religião do Islam pelo Mensageiro de Deus, o selo dos profetas Mohammad al-Musafa (S.A.A.S.), praticando assim a ordem de Deus. Por isso, os seguidores de Ali (A.S.) e crentes em seu Imamato e direito de sucessão ao Profeta Mohammad (S.A.A.S.) eram seus Xiitas, os quais se aliaram a ele, o apoiaram e ajudaram, e assim apoiaram o método e a tradição do Mensageiro de Deus (S.A.A.S.). Este caminho foi abraçado por Ali Ibn Abi Taleb (A.S.), seus companheiros e seguidores.

Mas infelizmente, após o falecimento do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) este caminho sofreu alguns abalos, visto que a nação da época do profeta Mohammad (S.A.A.S.) se reunia exclusivamente em volta dele, já que era o último dos Profetas e Mensageiros e o divulgador da Mensagem de Deus. Porém, depois de seu falecimento aqueles que se firmaram nos conselhos e ensinamentos do mensageiro de Deus (S.A.A.S.) e seus verdadeiros companheiros foram poucos, e estes são chamados de Xiitas.

Então, podemos dizer que o Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) foi quem plantou a semente do xiismo de Ali (A.S.), e o titulo Xiismo foi criado pelo Profeta Mohammad (S.A.A.S.), o qual em vida cuidava, vigiava e regava esta corrente desde o inicio, até que fossem vistos seus frutos e seu florescer, mas tudo isto foi abalado por sua morte.

Vários relatos históricos apontam este fato, e aqui mencionamos alguns deles.

Assaiuti relata em seu livro *al-Dor al-Manthur fi tafsir ketabellah al-Mathur*, sobre a interpretação do versículo número sete da Surata al-Bayenah (Evidências – 98) na qual Deus o Altíssimo disse: *"...os fiéis que praticam o bem, são as melhores criaturas"*. Ibn Askar relata de Jaber ibn Abdillah que disse: "O profeta Mohammad (S.A.A.S.) recebeu Ali (A.S.) e disse: *"Juro por Quem possui a minha alma em suas mãos (Deus) que este (Ali) e seus Xiitas (seguidores) são os vitoriosos no dia do juízo final"*. E então foi revelado o seguinte versículo: *"Em verdade, os fiéis, que praticam o bem, são as melhores criaturas"*.

Ibn Udai relata de Ibn Abbas, que disse: *"Quando foi revelado o versículo "Em verdade, quanto aos fiéis que praticam o bem, são as melhores criaturas" foi revelado, o Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) disse a Ali (A.S.): "Você e teus Xiitas serão agradados por Deus e agradecidos a Ele"."*

Foi relatado por Ibn Marduiah que Ali (A.S.) disse o seguinte: *"O Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) disse a mim "Não ouviste o versículo de Deus que diz "os fiéis, que praticam o bem, são as melhores criaturas?" A você e seus Xiitas prometo que nos encontraremos na fonte quando as nações forem julgadas. Você e seus Xiitas serão convocados com as faces iluminadas"."*

No livro al-Nihayah Ibn al-Athir disse: *"O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) disse a Ali (A.S.), tu e seus Xiitas virão a Deus agradados e agradecidos, por outro lado, seus inimigos virão amaldiçoados e algemados."*

No livro Rabi al-Abrar Zamkhashri relata que o Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) disse: *"Ó Ali, se chegar o dia do juízo final me apego em Deus, você se apega em mim, seus filhos em você, e seus Xiitas entre si, então, veremos aonde seremos guiados"*.

Há muitos outros ditos, relatos e narrações verídicas que afirmam que Ali (A.S.) e seus Xiitas são os vitoriosos no dia do juízo final.

Então, o titulo e a palavra Xiita, ou mesmo a expressão Xiismo, surgiu com o Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), e o Alcorão Sagrado diz: *"Que vosso camarada jamais se extravia, nem erra, nem fala por capricho. Isso não é senão a inspiração que lhe foi revelada."* (Capitulo 53 – A Estrela).

Ele (S.A.A.S.) sempre esclarecia isto às pessoas em diversas ocasiões e eventos, e isto fez que muitos dos companheiros do Profeta fossem fiéis a Ali (A.S.) também, caminhando lado a lado com ele, o obedecendo e considerando ele (A.S.) como seu Imam, colocando assim em prática as ordens do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), o qual foi o pregador dos ensinamentos islâmicos e da verdadeira sabedoria do bem e do mal. Estes companheiros foram conhecidos em suas épocas como seguidores e Xiitas de Ali (A.S.), se destacando de outros através deste título, e no passar dos anos, décadas e séculos, a teoria Xiita foi pregada, firmada e enraizada, se expandindo dia após dia no mundo todo, e abrangendo assim os mais longínquos horizontes da terra, tudo graças à benção e ao conhecimento dos Ahul Bait (A.S.).

Dessa forma que foram formados os alunos, as escolas, as instituições teóricas e as hawzas islâmicas no mundo todo, onde o principal método é o método do Islam representado por Ali Ibn Abi Taleb (A.S.) e os Ahlul Bait (A.S.). E dessa forma que foram surgindo os conhecimentos em diversos campos, que formaram muitos teólogos, sábios, filósofos e lideres em diversas áreas,

como na literatura, filosofia, matemática, astrologia, medicina e etc. Todos estes homens formados nas escolas Xiitas de ensino islâmico foram grandes escritores, os quais as grandes bibliotecas do mundo testemunham, e estas grandes bibliotecas também devem muito a eles, já que foram eles que as enriqueceram com milhares de livros e escritos islâmicos, que até hoje carregam a crença e a teoria islâmica nos campos das jurisprudências, ética, economia, história, filosofia, interpretação e etc.

O livro que carrega em mãos, *"O Xiismo no Islam"*, é de autoria do Allamah al-Kabir e inigualável filósofo Ayyatullah al-Odhmah Assayed Mohammad Hussein Tabatabaí, autor da maior e mais rica das interpretações do Alcorão Sagrado, o *"Tafsir al-Mizan"*, e de muitas outras obras primas em diversos campos do conhecimento, que enriqueceram a literatura islâmica. Este é um livro que irá se expressar por si mesmo, e deixamos a análise final dos fatos e acontecimentos por conta do leitor.

Tendo a certeza do benéfico desta obra, o Centro Islâmico no Brasil teve a honra de revisar e publicar a segunda edição deste livro, isto depois de esgotada a primeira edição. A segunda edição se destaca pela sua revisão detalhada e pelo delicado processo de averiguação pela qual passou.

Aproveitamos da oportunidade para agradecer a todos os membros da comissão responsável pela edição desta grandiosa obra, irmãos que se esforçaram muito para concluí-la da melhor forma possível.

Rogamos a Deus, O Único, que aceite as nossas ações em seu caminho, e que nos corrija sempre para o melhor e para o Seu agrado.

Louvado seja Deus, o Senhor do Universo.

Sheikh Taleb Hussein al-Khazraji
31 de Março de 2008
22 de Rabi al-Awal de 1429

Capítulo 1

A Forma da Constituição do Xiismo e seu Desenvolvimento

Início da Instituição Xiita e sua Forma

Devemos saber que a instituição xiita, que foi denominada pela primeira vez por "*Xíat Ali*", ou seja, "Xiismo de Ali"[1] e que aliás, iniciou-se no tempo do Mensageiro de Deus, o nobre Profeta Mohammad (S.A.A.S.). Portanto, o aparecimento da missão e convocação islâmica, sua expansão e seu progresso, ocorreram durante os vinte e três anos, a contar do ano da Revelação (610 d.C.), a qual gerou o surgimento desta seita entre os Companheiros (Sahába) do Profeta (S.A.A.S.).

a) Nos primeiros dias de sua missão, ele foi convocado em texto no Alcorão Sagrado para convocar seus parentes mais chegados[2] e, em reunião, ele disse: *"O primeiro que me der seu voto de confiança como missionário, será o meu sucessor e meu recomendado depois de mim"*.

1. Pelo qual, só merecem fé os ensinamentos do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), transmitidos pelos "Ahlul Bait", isto é, "Gente da Casa" e sua descendência. Ali Ben Abi Taleb (A.S.) foi o 1º. Imam proveniente da Linhagem do Mensageiro de Deus, como foi seu primo de primeiro grau e posteriormente seu genro ao se casar com sua filha caçula Fátima Azzahrá (A.S.).
2 "E admoesta teus parentes mais próximos" - Surat Achoura - Capítulo 26, Versículo 214.

E Ali Ben Abi Taleb (A.S.) foi o primeiro que se apresentou e aceitou o Islam, e por sua vez, o Profeta (S.A.A.S.) anuiu e acreditou na fé e renovou-lhe a promessa feita[3].

É geralmente difícil para o Comandante de uma revolução, e principalmente nos seus primeiros dias, empossar um sucessor, preferencialmente aos outros, sem antes confirmar sua fidelidade, contentando-se com essa escolha para conhecê-lo e fazê-lo conhecer aos demais, sem lhe dar a saber qual a sua missão no futuro, deixando-o afastado das responsabilidades ministeriais e sucessórias.

b) O Profeta Mohammad (S.A.A.S.), de acordo com a história, tanto dos Sunitas como dos Xiitas, afirma que Ali (A.S.) é livre, isento de erros e fiel à sua palavra e a seus atos[4], e tudo o que ele faz está de acordo com a religião muçulmana, sendo delas o maior conhecedor, e tem a sabedoria do islamismo e das Leis de Deus[5].

c) O Imam Ali (A.S.) praticou muitos atos impressionantes, arriscando-se constantemente[6]. E como exemplo, quando a pedido do Profeta (S.A.A.S.),

3 De acordo com a Tradição (Al-Hadis), o Imam Ali (A.S.) disse: "E para vos falar de forma doutrinária exclamou: 'Eu, ó Profeta de Deus, serei o teu Ministro!' Então, o Mensageiro de Deus segurou-me pela nuca e falou: 'Este é meu irmão, meu recomendado e meu sucessor! Acatai-o pois, e ouve a sua palavra.' O grupo começou a rir dizendo para Abu Taleb: ' Vês?! Ele te ordena a ouvir a palavra do teu filho e obedecê-lo!' " Este fato foi mencionado pelo historiador árabe Al-Yaaqúbi, 2o. volume, página 63; e também por Abi Al-Fadá, 1o. volume, página 39, e em suas obras "Al-Bidáya Wan Niháya", 3o. volume, página 39, e "Gháyat Al-Marán", página 32

4 Omm Salama, uma das esposas do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) disse: "Eu ouvi o Mensageiro de Deus dizer que Ali está com a verdade e com o Alcorão, e a verdade e o Alcorão estão com Ali, e ambos jamais se separarão até que me retorne a questão!" E esta afirmação foi mencionada em 15 ocorrências, particularmente por Ibn Abbás, Abu Bakr, Áicha, Ali, Abu Said, Al-Khadari, Abu Laila e Abu Ayyúb Al-Ansári, na obra "Gháyat Al-Marám" da página 539 até a página 540, onde também menciona que o Mensageiro (S.A.A.S.) disse: "Que Deus seja clemente com Ali, pois a verdade está com ele, onde ele estiver." Mencionado também na obra "Al-Bidáya Wan Niháya" Volume 7, página 360.

5 Alqama Ben Moharrez, um dos oficiais muçulmanos, conta que certa vez, ao aludirem sobre Ali, o Mensageiro disse: "Eu dividi o Paraíso em dez partes, sendo que nove delas as dou para Ali e uma para o resto da humanidade".

que receava uma traição, ocupou sua cama na noite da emigração, e também, pela sua participação efetiva nas batalhas de Badr, Ohod, Al-Khandaq e Khaibar, sem o que os muçulmanos jamais teriam conseguido vitória alguma, em nenhuma delas. A morte e a frustração seriam o resultado certo sem a sua participação.

d) A questão de Ghadir Khom foi quando o nobre Profeta (S.A.A.S.) anunciou publicamente que Ali (A.S.) seria o seu sucessor como Governante dos Muçulmanos[7].

Sem dúvida, tais particularidades e privilégios que o Imam Ali (A.S.) possuía, eram confirmadas pelos historiadores com unanimidade. Como também, o relacionamento que o Profeta (S.A.A.S.), lhe dedicava era marcante, fazendo com que ele tivesse muitos amigos sinceros e seguidores leais dentre os Companheiros do Profeta de Deus e seus aliados, ao mesmo tempo em que muitos lhe guardavam rancor e inveja. Contudo, a expressão "Xiismo de Ali" e "Xiismo dos Ahlul Bait"[8] surgia muito durante a conversa do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) em seus sermões.[9]

6 Quando os idólatras de Mecca decidiram eliminar Mohammad (S.A.A.S.), sitiando a sua casa, o Profeta (S.A.A.S.) decidiu emigrar para Medina, dizendo para Ali (A.S.): "Tu estás disposto a dormir no meu leito, para que eles pensem que sou eu quem está deitado, enquanto eu encontro e fico em local mais seguro?" Sem hesitar, Ali (A.S.) concordou satisfatoriamente.

7 A questão de Ghadir Khom é concordante nos relatos dos escritores e historiadores xiitas e sunitas, sendo que mais de cem Companheiros do Profeta Mohammad o confirmaram em seus fundamentos e expressões (Assánid Wa Ibárát).

8 Ahlul Bait seriam exclusivamente Fátima Azzahrá, seu marido Ali Ben Táleb e os filhos de ambos Al-Hassan e Al-Hussein. (NT)

9 Jáber Ben Abdalla, que teve seu pai morto na batalha de Ohod, o qual era dos Ansár, relata o seguinte: "Certo dia, estávamos reunidos com o Profeta, quando Ali surgiu. Então, o Profeta disse: 'Eis que se aproxima de vós o meu irmão!' Depois, ele virou-se para a Caaba e, tocando-a prosseguiu: 'Pois este e seu xiismo serão os vencedores no Dia da Ressurreição!' "Por sua vez, Ibn Abbás relatou: "Quando desceu o Versículo que diz "Aqueles que creram e praticaram o bem, são as melhores das criaturas" (Surat Al-Bayinát - Capítulo 98, Vers.7), o Profeta falou: 'Estas criaturas são tu e teu xiismo, os quais virão no Dia da Ressurreição satisfeitos e aceitos'..." (NT)

A Causa da Dissidência da Minoria Xiita da Maioria Sunita e Surgimento das Divergências

Os xiitas de Ali (A.S.) e seus Companheiros (Sahabas), acreditavam firmemente que a sucessão do Profeta (S.A.A.S.), depois de seu falecimento, seria de Ali Ben Abi Taleb (A.S.), e isto pela sua capacidade e pela posição que ocupava junto ao Mensageiro (S.A.A.S.) e perante todos os muçulmanos, o que veio a ser confirmado com os acontecimentos que se sucederam à doença do Profeta (S.A.A.S.)[10].

Mas o que aconteceu, foi o contrário do que era esperado, pois, quando o Profeta (S.A.A.S.) foi ao encontro do Amigo Supremo, seu corpo purificado ainda não tinha sido lavado e antes de seu enterro, quando seus familiares e um número de Companheiros (Sahaba) ocupavam-se do velório, eis que chega a notícia de que um pequeno grupo estava reunido a fim de empossar um sucessor ao Profeta falecido. E essa minoria venceu a maioria, os quais anunciaram a decisão de surpresa, sem consultar os familiares do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), seus parentes ou seus amigos, visando pô-los diante de um fato consumado.

Depois que o Imam Ali (A.S.) e seus amigos (Ibn Al-Abbás, Al-Zubair, Abi Zôrr, Al-Moqdád e Ammár) terminaram a cerimônia do enterro, ficaram sabendo o que havia acontecido. Então, levantaram a bandeira da oposição, criticaram aquela minoria, e se declararam contrários à sucessão por eleição.

10 Quando o Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) sentiu a aproximação da morte, chamou Ossama Ben Zaid Ben Háretha e disse-lhe: "Prepare a cavalaria e vá até o local onde pereceu teu pai, pois eu te nomeio o Comandante deste Exército, e se Deus te fizer alcançar os inimigos, não te apresses, e ficai alerta e avance a vanguarda." E não houve ninguém dos aliados (Ansár) e dos emigrantes (Muhádjerín) que não fizesse parte deste Exército, inclusive Abu Bakr e Omar Ibn Al-Khattáb... Porém, um grupo começou a comentar: "Vós achais que este moço tem capacidade de comandar os imigrantes e os aliados?!" Quando o Mensageiro ouviu os comentários, irritou-se e saiu com o turbante na cabeça, rumo à Mesquita, onde subiu ao púlpito coberto com uma peça de veludo e falou: "Ó humanos! O que significa aquilo que ouvi em conspiração contra Ossama? Sabei que, se vós conspirais contra a nomeação de Ossama no Comando, então vós conspirastes contra a nomeação de seu pai no passado. Por Deus que, se Zaid foi adequado ao emirado, o filho dele o seria também, depois dele, e ambos me são dos mais queridos! Portanto, procurai recomendar o bem..." - Relatado por Abi Al-Hadid - Volume I, página 159.

A resposta que tiveram foi a de que o ocorrido se fez em prol da pacificação dos muçulmanos.

Tais críticas e tal confissão levaram a uma separação entre a minoria e a maioria. Eles consideravam cada opositor e aliado do Imam Ali (A.S.), como um rebelde contra a decisão deles, chegando a denominar a "*Xíat Ali*" com adjetivos de baixo nível.

Na verdade, os xiitas foram condenados às divergências desde os primeiros dias de sua rebelião, nada mais conseguindo desde o começo de sua oposição. No entanto, o Imam Ali (A.S.) não declarou revolução nem guerra, buscando sempre os interesses do Islam e dos muçulmanos, mesmo porque, não dispunha de número suficiente de homens para um movimento revolucionário.

Contudo, aqueles opositores, aliados de Ali (A.S.), não se entregaram à maioria, pois acreditavam que a sucessão é fonte teológica. É um direito absoluto do Imam (A.S.), e nos assuntos teológicos e morais, sempre recorriam a ele (A.S.), inclusive em casos de julgamentos civis ou criminalistas[11].

Os Assuntos do Califado e a Afluência Teológica

Os xiitas acreditavam que o mais importante para a sociedade islâmica, antes de tudo, era lançar-se no estudo[12] dos princípios islâmicos para depois difundi-los com o objetivo de pregar que o interesse comunitário deve se sobrepor, sempre, aos particulares ou individuais.

11 O Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) disse: "Eis que vos deixo as duas incumbências, as quais se vós se agarrais a elas jamais se perderão, pois cada uma é tão grandiosa quanto a outra, e que são: o Livro de Deus, que é uma conexão estendida entre o céu e a Terra, e a outra, são os meus descendetes provenientes dos Ahlul Bait, e ambos não se separarão até que me retorne a questão." Esta passagem foi contada em mais de cem relatos alusivos a 35 Companheiros do grandioso Mensageiro – "Ghayát Al-Marám", página 211. Em outra ocasião, o Profeta disse também: "Eu sou a Metrópole do Conhecimento e Ali é o seu Portal, e todo aquele que buscar o conhecimento, deverá fazê-lo pelo seu Portal" – "Al-Bidáya Wan Niháya" - Volume VII, Página 359.

12 Estudo do Livro de Deus (o Alcorão Sagrado), o Preceito Profético (Sunna Annabauiya) e sobre os Imames (A.S.) provenientes da Linhagem do Mensageiro Mohammad (S.A.A.S.), porque eles conservaram os ensinamentos e a palavra do Profeta (S.A.A.S.), que sempre recomendava: "O ensino é um dever de todo muçulmano e de toda muçulmana" - do livro "Al-Behár" - Vol. 1, Pág. 55.

Isto de um lado, e, de outro, a formação de um Governo religioso, nada mais é do que as sentenças islâmicas na sociedade e sua preservação, para que o povo adore senão Deus Majestoso e Supremo, e para que se alcance a liberdade total e a justiça individual ou social. E, estas duas tarefas devem ser confiadas a uma pessoa cujo é comprovada a infalibilidade e proteção divina, embora se admita que haja pessoas que se responsabilizam por esta tarefa, e não se isentam da adulteração reflexiva e ideológica, passíveis à infidelidade e traição, e com isso, a justiça que concede uma liberdade islâmica, transforma-se em reinado oligárquico perpétuo, como a supremacia de Cosroé (Kussra) e César (Qaiçar), e então, a doutrina islâmica fica sujeita à alterações, tal como ocorreu nas demais religiões celestiais.

O único que seguiu os ensinamentos do Profeta (S.A.A.S.), em todos os seus atos e comportamentos, e era fiel aos seus compromissos, adaptando-se ao Livro de Deus e ao Preceito de Seu Profeta (Sunna Annabauiya), foi o Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.).

Se a maioria daquele tempo alegava que Coraich[13] não admitia o Governo do Imam Ali (A.S.), que era na realidade o sucessor por justiça e direito do Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), deveria então, ter orientado os rebeldes a um bom caminho, o da verdade, o correto e do direito, como fez com os que não pagavam o Donativo (*Zacát*), pois essa maioria os enfrentou arrecadando os tributos à força. Deviam ter agido sem medo de Coraich.

Sim, o que levou os xiitas a se rebelarem contra o Califado eletivo, foi por temor de seus funestos resultados, tais como a corrupção e a forma molestadora que o Governo Islâmico tomaria, destruindo os alicerces da religião.

Esse fato foi confirmado com o passar dos tempos, o que levou os xiitas a continuarem coesos e firmes em seus princípios, certos de seus objetivos, embora tenham sido a minoria, e que, aparentemente, pareciam diluir-se na maioria, eles prosseguiam secretamente nos ensinamentos islâmicos de "Ahlul Bait", os quais eram versados em seus esclarecimentos e expressões, ao mesmo tempo em que se empenhavam no progresso e ascensão, e na preservação e fortalecimento do Islam e sua grandeza, evitando confrontos, pública e declaradamente.

13 Coraich era um dos Clãs mais nobres do Hidjáz, do qual procedia o Profeta Mohammad (S.A.A.S.). (NT)

Ao contrário, os xiitas apoiavam as lutas sagradas sem interferir em ideologias, e o Imam Ali (A.S.) sempre procurou orientar no interesse do Islam e em benefício dos muçulmanos.

O Método Político do Califado Eletivo e Sua Distinção no Pensamento Xiita

Os xiitas acreditavam que os princípios celestiais islâmicos, impostos e contidos no Livro de Deus (Alcorão), assim como os ensinamentos do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) seriam eternos, sem sofrerem quaisquer modificações ou alterações[14].

Ao Governo islâmico, não se permite sob nenhum pretexto negligenciar as providências do Governo por completo, pois é dever do Governo islâmico adotar o Conselho (*Choura*) nas articulações da doutrina, em conformidade com os interesses da ocasião, porém, isto não ocorreu quando do acordo político, assim como ocorreram os fatos nos últimos dias de vida do nobre Profeta (S.A.A.S.), quando os defensores do Califado Eletivo acreditavam que somente o Livro de Deus (Alcorão) deve ser conservado e preservado como Lei, enquanto o Preceito e os ditos do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) não contavam na questão, acreditando que o Governo islâmico tem o poder em relegar de lado o Preceito, se assim se entendesse para os interesses.

Esse pensamento é registrado em muitas passagens da História, escrito pelos Companheiros do Profeta (Sahaba), políticos do Governo, onde se afirmava que o Califa, conhecedor da teologia, quando acerta em suas decisões é recompensado por Deus e, se errar, ele é perdoado. E a melhor prova disso foi o ocorrido em meados do século VII d.C., quando Kháled Ibn Al-Walíd, um dos Comandantes do Califa, entrou como convidado na casa de um importante muçulmano, chamado Málek Ben Nuaira, e que na calada da noite o matou, colocando sua cabeça dentro de um forno e queimando-a, e, naquela mesma noite violentou sexualmente a esposa deste.

14 "...e ele é o Livro Poderoso, inalterável e irrefutável, porque é a Revelação do Prudente, Laudabilíssimo>> - Alcorão Sagrado - Surat Fúçilat, Capítulo 41, versículos 41 e 42. Na Surat Yussef - Capítulo 12, Versículo 40 e no Versículo 67, está mencionado: "... pois a sentença pertence somente a Deus...", isto é, a doutrina seria a doutrina de Deus a qual chega à humanidade por intermédio da Profecia, tal como é mencionado na Surat Al-Ahzáb - Capítulo 33, Versículo 40: "... porém, ele é o Mensageiro de Deus e Concludente dos Profetas...". Em outra Surata do Alcorão Sagrado, ou seja, na Surat Al-mà-eda - Capítulo 5, Versículo 44, está mencionado: "... e aqueles que não julgarem conforme o que se revelou por Deus, serão os perjuros".

Para este crime horrendo, o Califa não quis aplicar nenhuma sanção ao autor, desculpando-se dizendo que "*Kháled era útil ao Governo islâmico*"[15].

Também temos o não pagamento do *Al-Khums*, o tributo de um quinto dos lucros aos familiares do Profeta (S.A.A.S.) e seus parentes[16] e a proibição de se reproduzirem os sermões (Ahadith) do nobre Profeta (S.A.A.S.) de forma terminante (e quando se achava algum sermão escrito, era queimado[17]. Esses atos eram freqüentes durante o mandato de todos os Califas governantes até a época do Califa omíada Omar Ben Abdel Aziz Ben Maruán (99 a 102 Hijrita / 715 a 717 d.C.). Inclusive, essa política ficou bem acentuada no período do 2º Califa Omar Ibn Al-Khattáb (13 a 25 Hijrita / 634 a 644 d.C.), o qual extinguiu algumas das normas da doutrina islâmica, tais como: a Peregrinação Regular - Casamento por tempo determinado - A menção da frase "*Hayya Allah Khair Al-Âmal*"[18] durante o chamado à oração (*Al-Ázán*) - Permitiu-se que o divórcio se repetisse por três vezes[19] - A casa da moeda distribuía o dinheiro com distinção entre o povo, o que acarretou o surgimento de diversas camadas sociais entre os muçulmanos e, conseqüentemente divergências internas com episódios sangrentos.

Durante o governo de Omar Ibn Al-Khattáb, o então Governador (*Wáli*) das terras do Chám[20], radicado em Damasco, cujo nome era Moawiya Ben Abi Sufián, comandava a sua área tal qual como o fazia Cosroé da Pérsia, apoiado pelo 2º Califa Omar Ibn Al-Khattáb, o qual o cognominava de "*Kussrat Al-Arab*", ou seja, "Cosroé dos Árabes", dando-lhe plenos poderes sem interferência em suas decisões.

15 Obra de Al-Yaaqúbi - Vol. III, pág. 110 e obra de Abi Al-Fadá - Vol. I, pág. 158.

16 Está mencionado no Alcorão - Surat Al-Anfál - Cap. 8, Vers. 41: "E sabei que, de tudo quanto despojardes (na guerra) a quinta parte pertence a Deus, ao Mensageiro e a seus parentes...".

17 Abu Bakr (1º. Califa) reuniu durante o seu Governo 500 Tradições (Hadis). Contudo, sua filha Áicha relatou: "Certa noite, encontrei meu pai preocupado e insone até o raiar do dia, quando ele me disse: 'traga-me os sermões', e, depois que os entreguei em suas mãos, ele os queimou todos".

18 A frase "Hayya Allah Khair Al-Âmal", a qual incentiva ao trabalho honesto, era mencionada no tempo do Profeta (S.A.A.S.) durante o chamado à oração, porém, Omar Ibn Al-Khattáb, 2º. Califa, falou que tal expressão afasta o povo da militância (Jihád), substituindo-a por outra.

19 Em se tratando do divórcio, no tempo do Mensageiro (S.A.A.S.), ele não tinha validade se fosse repetido em um mesmo Conselho, considerando-o um divórcio só, isto é, para cada divórcio deverá haver um Conselho, porém, Omar Ibn Al-Khattáb fê-lo valer por três vezes utilizando o mesmo Conselho, ou seja, o primeiro. Estas divergências e renovações são mencionadas nos livros da Tradição (Hadith) e da erudição, tanto por parte dos sunitas quanto dos xiitas.

20 As terras do Chám compreendiam os atuais países que são: Palestina, Líbano, Síria, Jordânia e Iraque. (NT)

Após o assassinato do 2º Califa Omar Ibn Al-Khattáb, praticado por um adolescente persa em novembro de 644 d.C., os seis membros que compunham o Conselho do Califado, escolheram e empossaram Othmán Ben Affán, apesar da idade já avançada, como 3º Califa, o qual nomeou alguns de seus parentes como governadores dos emirados do Hidjáz, do Iraque, do Egito e outros, igualmente islâmicos.

Esses governadores corruptos agiam com despotismo, oprimindo o povo e esmagando-o com o peso de sua tirania, o que causou inúmeras reclamações na Casa do 3º Califa Othmán Ben Affán, o qual não atendia às suas reivindicações, por causa do parentesco que possuía com os governadores, particularmente com Maruán Ben Al-Hakem[21]. Diante do estado dos fatos, desgostoso, o povo se revoltou e, no ano 35 Hijrita (656 d.C.) sitiaram a residência do Califa, culminando com a morte violenta dele.

21 Maruán Ben Al-Hakem era na ocasião Governador do Egito, e devido à sua tirania o povo vivia oprimido e injustiçado. Então, um grupo dos habitantes do Egito, dirigiu-se a Othmán, o qual sentiu certo perigo sobre a sua pessoa. Desesperado foi procurar Ali Ben Abi Taleb a fim de lhe pedir auxílio, apoio e orientação. Contudo, Ali lhe disse: "Que posso fazer se a revolta dos habitantes do Egito é pela reivindicação da justiça?!" Diante das palavras do Imam, Othmán mostrou-se arrependido, afirmando de que no prazo de três dias ele iria destituir do poder todos os Governantes tiranos. O Imam Ali então escreveu juntamente com Othmán um acordo, entregando-o ao grupo de egípcios reivindicantes, os quais retornaram à sua terra. Entretanto, durante o trajeto de volta, o grupo viu o emissário de Othmán montado no camelo do Califa, com destino para o Egito, desconfiado, o grupo revistou o jovem, encontrando com ele uma carta de Othmán dirigida ao seu Governador do Egito, contendo o seguinte: "Quando Abdel Rohmán Ben Odaiss chegar até vós, apliques nele 100 chibatadas e raspe-lhe a cabeça e a barba, e depois condene-o à prisão por longo tempo. O mesmo deverá ser aplicado a seus acompanhantes, inclusive Omar Ben Hamaq, Sudán Ben Hemrán e Orwa Ben Nabá..." Abdel Rohmán Ben Odaiss, chefe do grupo egípcio sentiu-se indignado e ferido em seus sentimentos. Inconformados, os componentes do grupo retornaram até Othmán dizendo-lhe: "Tu nos traíste, ó Califa! Eis a prova!" Mostrando-lhe a carta. Inicialmente, Othmán negou ter escrito a missiva, porém, diante da afirmação de que o emissário era dele e o mesmo montava seu camelo, o Califa declarou que desconhecia tudo isso e que o animal deveria ter sido roubado apesar da caligrafia pertencer a seu escriba em particular. Diante das negativas do Califa, a comissão dos egípcios disse-lhe que não era digno de ocupar o cargo e que ele deveria renunciar ao califado, pois se a questão foi de seu conhecimento e ordem, ele seria um traidor, caso contrário ele seria incompetente como Califa dos muçulmanos. Portanto, ou ele renunciaria ou demitiria todos os Governantes tiranos que ele nomeara. Diante da conjuntura, Othmán Ben Affán lhes respondeu: "Se vós desejais que eu seja como vós quereis, então quem seria o Califa e dono da questão? Eu ou vós?!" Irritados, os egípcios saíram do aposento excessivamente revoltados. Este relato consta na obra literária de Al-Tobari, tomo III, páginas 402 a 409. (NT)

O Califa Othmán Ben Affán dava todo o seu apoio ao seu representante em Damasco, o qual era um dos seus parentes[22], sendo ambos do ramo de Omaia Ben Abed Chams - daí surgiu a dinastia dos Omíadas - e na verdade, todo o peso do califado se centralizava em Damasco e não em Medina, berço do Estado Islâmico fundado pelo Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), a qual era capital apenas na aparência formal.

O 1º Califa Abu Bakr foi eleito pela maioria dos Companheiros (*Sahaba*). O 2º Califa Omar Ibn Al-Khattáb, foi designado pelo 1º Califa. E, o 3º Califa, foi eleito pelos seis membros do Conselho (*Choura*) impostos pelo 2o. Califa. A política destes três primeiros Califas, na administração geral, era a de executar as Leis Islâmicas, em conformidade com o interesse geral, preservando-se sempre, a posição do califado. Na ocasião, o Alcorão Sagrado deveria ser lido sem interpretação. Os sermões do grandioso Profeta (S.A.A.S.) na Tradição (*Hadith*) não podiam ser escritos em papel e tudo deveria se restringir à audição, ou seja, oralmente.

Depois da batalha de Yamama que durou até o ano 12 Hijrita (634 d.C.), com a morte de alguns dos Companheiros do Profeta, que eram os conhecedores e declamadores do Alcorão, Omar Ibn Al-Khattáb sugeriu ao 1º Califa Abu Bakr, a reunião dos Versículos do Alcorão em um só Livro, pois segundo ele, em caso de guerra e morte dos que conheciam o Livro Sagrado, este desapareceria por completo.

A sugestão foi aceita e executada e, a partir dái, tem-se o Alcorão Sagrado, legado à posteridade. Apesar dos sermões do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) serem uma seqüência do Alcorão e correrem o mesmo risco de perda, não houve nenhuma preocupação em sua conservação ou preservação, e suas transcrições era proibidas. Qualquer cópia encontrada era lançada ao fogo.

Não decorreu muito tempo e surgiu a primeira consolidação escrita dos assuntos islâmicos, pertinentes a orações, o que não ocorreu, entretanto, com relação a outros temas, enquanto encontramos, no Alcorão Sagrado, o incentivo ao estudo e ao conhecimento da sabedoria teológica,

22 Othmán era filho de Affán Ben Abil Áss Ben Omaia Ben Abed Chams. Moawiya era filho de "Abu Sufián" Sakhr Ben Harb Ben Omaia Ben Abed Chams. Abed Chams era irmão gêmeo de Háchem, bisavô do Profeta (S.A.A.S.). (NT)

tudo isso também pregado nos sermões do Profeta (S.A.A.S.), o povo mais se preocupava e se interessava pelos valores materiais, partindo, inclusive, à prática de saques, roubos e outros atos semelhantes, visando apenas, o enriquecimento, procurando impedir o Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.) de pregar os valores morais e difundir o sentimento de religiosidade, apesar de ter sido declarado como sucessor do Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), o qual sempre o declarou o mais sapiente nos ensinamentos islâmicos e esclarecimentos corânicos, e mesmo assim, não lhe permitiram que se unisse a eles na reunião dos Versículos do Alcorão, apesar de estarem cientes de que Ali (A.S.) conservava consigo o Alcorão depois da morte do Profeta Mohammad (S.A.A.S.)[23].

Tudo isso colocou os xiitas numa posição mais elevada e digna, como conhecedores dos princípios religiosos. Pois como o Imam Ali Ben Abi Taleb estava impossibilitado de assumir a doutrinação em massa do povo, restringiu-se à instrução e iniciação dos seus seguidores.

O Fim do Califado com o "Príncipe dos Crentes" e sua História

O Califado do Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.) começou em fins do ano 35 Hjrita (656 d.C.) e durou cerca de quatro anos e nove meses. Sua reputação era semelhante à do grandioso Profeta Mohammad (S.A.A.S.). Fez renascer grande parte dos costumes da época dos Califados anteriores e exonerou os Governadores incompetentes. Na verdade, foi um levante revolucionário objetivando corrigir os inúmeros problemas que assolavam o povo.

23 Depois que Abu Bakr tomou posso do califado, pediu a Ali (A.S.) para firmar com ele um acordo, e Ali (A.S.) lhe respondeu que ele só sairia de sua casa para as orações até terminar de reunir o Alcorão, e isto ocorreu logo depois de seis meses do Califado de Abu Bakr. Conta-se também que o Imam Ali (A.S.), após terminar a coleta do Alcorão, montou em uma camela e o mostrou ao povo. Em outro relato, afirmou-se que a guerra de Al-Yamáma ocorreu no ano seguinte ao Califado de Abu Bakr, quando o Alcorão já estava com seus Versículos todos reunidos. (NT)

O Imam Ali (A.S.), já nos primeiros dias de seu califado, em discurso, disse ao seu povo: *"A vossa situação voltou a ser de quando Deus enviou Seu Profeta - Deus o abençoou e o saudou - o Qual enviou-o pela verdade a fim de inquietar a confusão e peneirar o bem do mal, e aplicar a justiça em seus rigores para que os oprimidos sejam compensados, e para que o avanço seja dado aos retardatários, e os que se excederam sofram o retrocesso..."*

O Imam Ali (A.S.) prosseguiu com o seu Governo revolucionário, e como era de se esperar, as bandeiras oposicionistas se levantaram contra ele por parte dos rebeldes. Os descontentes provocaram uma sangrenta revolução interna, dizendo-se vingadores do sangue de Othmán Ben Affán, o 3º Califa, quando na verdade, eles procuravam defender seus próprios interesses. Esse estado de coisas durou por quase todo o Califado do Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.).

Os xiitas acreditavam que os provocadores dessa guerra só visavam os interesses particulares e a vingança pretendida tinha por objetivo incentivar os outros à oposição e à revolta contra o Imam do Islam Ali Ben Abi Taleb (A.S.), porque na verdade, não havia outros motivos[24].

E os motivos que levaram à Batalha do Camelo têm sua origem na época do 2º Califado, quando o dinheiro do Tesouro do Islam era partilhado de maneira suspeita, o que não aconteceu no Califado do Imam Ali (A.S.), cuja distribuição era feita de forma eqüitativa entre todos, como o fazia o grandioso Profeta (S.A.A.S.) em seu tempo. Isto revoltou Al-Zubair e Talha, levando-os a saírem

24 Depois da morte do nobre Profeta (S.A.A.S.), alguns dos seguidores do xiismo de Ali, recusaram fazer acordo, sendo encabeçados por Salmán Al-Fárisi, Abu Zôr, Al-Meqdád Ben Amro e Ammár Ben Yásser. Quando o Imam Ali (A.S.) tomou posse do Califado, ele teve como opositores: Said Ben Al-Áçi Ben Omaia, Al-Walid Ben Oqba (o qual provocou a luta entre o Profeta (S.A.A.S.) e Bani Moçtaleq), Maruán Ben Al-Hakem (o qual se tornou posteriormente Califa omíada - 683 a 685 d.C.), Amro Ben Al-Áç (o qual foi um dos oficiais do Profeta- S.A.A.S. na Gâzuat Zut Assalássel), Bossor Ben Arttát, Samra Ben Jondob e Al-Moghíra Ben Chooba, e outros. E, ao se analisar a vida destas duas facções e o que preservou a História, esclarece-nos de que havia dentre os Companheiros do Profeta (S.A.A.S.) aqueles que se destacaram com a devoção e a renúncia pelo Islam. Conta-se que o Mensageiro (S.A.A.S.) disse certa vez: "Deus me ordenou amar quatro pessoas!" E ao ser questionado quem seriam ele (S.A.A.S.) respondeu: "Ali, Abu Zôr, Salmán e Al-Meqdád".

de Medina, em direção a Mecca, com pretexto de peregrinação. Lá, fizeram um acordo com a Mãe dos Crentes, Áicha, viúva do Mensageiro (S.A.A.S.), a qual não tinha nenhuma simpatia pelo Imam Ali (A.S.) e tampouco qualquer afeto ou afinidade. E os três combinaram "vingar o sangue de Othmán".

Talha e Al-Zubair se encontravam em Medina quando a casa do 3º Califa Othmán foi cercada, e ambos não o defenderam, e, hipocritamente foram os primeiros a dar voto de confiança e lealdade a Ali (A.S.), em nome deles e dos emigrantes (*Muhágerín*), logo após o assassinato de Othmán.

A Mãe dos Crentes, Áicha, intimamente desejava e incentivava a morte do 3º Califa Othmán, e quando soube de seu assassinato, disse que os causadores de sua morte foram seus próprios companheiros, com a remessa de diversas cartas a outras Províncias, atraindo a ira contra o Califado.

Contudo, o motivo que provocou a Guerra de Çiffín[25], iniciada em 26 de julho de 657 d.C. e que durou um ano e meio, era a ambição de Moawiya pelo Califado, o qual acendeu o fogo da guerra com o pretexto de "vingar a morte de Othmán", e dessa forma muito sangue foi derramado, morrendo mais de cem mil pessoas. A posição de Moawiya era de atacante e não de quem se defende, porque a vingança não deixa de ser também uma defesa. O lema desta guerra era "a vingança do sangue de Othmán", visto que o 3º Califa já tinha pedido a ajuda de Moawiya para repelir o ataque, e, o Exército de Moawiya de fato se dirigiu a Medina, mas o fez muito lentamente até o assassinato de Othmán em Affán. Imediatamente, este Exército retornou a Damasco, clamando "vingança".

Depois que o Imam Ali morreu como mártir, Moawiya se esqueceu dos assassinos do 3º Califa e não os puniu.

Depois da Guerra de Çiffín, foi provocada uma outra que se chamou por *Nahrawán*. Houve uma revolta do povo, dentre os quais se encontravam alguns dos *Sahaba*, aliados a Moawiya e participantes da Guerra de Çiffín, que se revoltaram contra o Imam Ali (A.S.), indo para outras cidades islâmicas, onde massacraram seus simpatizantes e mataram violentamente mulheres grávidas, torturando-as até a morte.

25 Çiffín era uma planície deserta, na margem direita do rio Eufrates, no Iraque. (NT)

O Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.) conseguiu apagar esse incêndio, porém, na manhã do dia 21 de Ramadán do ano 40 Hijrita (661 d.C.), quando ele orava na Mesquita de Kufa, foi covardemente assassinado com uma espada envenenada, pelas mãos do fanático criminoso Abdel Rahmán Al-Môljam, o qual pertencia aos rebeldes "*Khawáredj*", ou seja, *Kharidjitas*[26].

O que os Xiitas conseguiram durante o Califado do Imam Ali Ben Abi Taleb "O Príncipe dos Crentes", em 5 anos

O Imam Ali (A.S.), durante os quatro anos e nove meses de seu califado (656-661 d.C.), mesmo não conseguindo recolocar todas as situações turbulentas em seus devidos lugares, conseguiu atingir três objetivos essenciais:

1. Ressaltar a personalidade brilhante do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), principalmente aos olhos dos jovens. Sua solidariedade para com os pobres, em oposição à importância que a isto dava Moawiya, como era feito por Cosroé (Kussra) e César (Qaissar). O Imam Ali (A.S.) nunca privilegiou nenhum de seus amigos, parentes ou familiares, em detrimento a outros e nunca enalteceu o rico sobre o pobre, ou o forte sobre o fraco.

2. Apesar de todas as vicissitudes da época, o Imam Ali (A.S.) conseguiu pôr ao alcance dos muçulmanos as valiosas fortunas do conhecimento teológico e os verdadeiros ensinamentos do Islam. Seus opositores, entretanto, atribuíam-lhe coragem, dizendo-o desconhecedor da diplomacia política, e que, no início de seu Califado, conseguiu iludir seus inimigos com seu cinismo para, adquirida a sua confiança, combatê-los com maior facilidade e aniquilá-los.

26 Quando o Exército de Moawiya viu-se em desvantagem na batalha de "Çiffin", Amro Ben Al-Áç, partidário de Moawiya, ordenou que se pendurassem folhas do Alcorão nas pontas das lanças içadas para o alto. Esta atitude forçou o Imam Ali (A.S.) a interromper a luta e a aceitar uma arbitragem. Entretanto, quando o Exército dele se retirou um bom número de seus partidários pretendeu obrigá-lo a retomar à luta, porém, diante da recusa do Califa Ali (A.S.), descontentes, separaram-se dele formando um grupo dissidente, ficando conhecidos como "Al-Khawáredj", isto é, "Os que saem". (NT)

Mas estes se esqueceram de algo muito importante, ou seja, de que o Califado de Ali (A.S.) foi um levante revolucionário, muito distante da mentira, do engano e da traição. Igualmente acontecendo no tempo do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), nos primórdios de sua missão, quando os descrentes lhe pediram a paz por diversas vezes, rogando-lhe que não atacasse seus ídolos. E o Imam Ali (A.S.) se comprometeu em não contrariar a missão do Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), o que não foi aceito por seus opositores. Ele poderia ter feito um trato com eles para consolidar a sua posição, e depois se levantar contra seus inimigos, porém, isto não compatibilizava com a índole do Imam (A.S.). Por outro lado, seria contra a doutrina islâmica, que não permite que se faça valer um direito em detrimento a outro direito, nem que se corrija um erro cometendo-se outro erro. Neste sentido, o Alcorão é rico em versículos:

"E seus chefes se retiraram dizendo-lhe: Ide e perseverai em vossos deuses..." Surat Çád - Capítulo 38, versículo 6.

"E se não tivéssemos firmado, ter-te-ias inclinado de certo modo a eles". Surat Al-Issrá - Capítulo 17, Versículo 74.

"Pois eles anseiam que sejas flexível para serem também". Surat Al-Qalam - Capítulo 68, Versículo 9.

Sabia-se que os inimigos e opositores do Imam Ali (A.S.) não vacilavam em cometer crimes e levantar críticas contra as Leis islâmicas (sem exceção) a fim de atingir seus objetivos, escudando-se na alegação de serem Companheiros do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) e estudiosos da nação, mas o Imam Ali (A.S.) era comprometido com as verdadeiras sentenças e normas islâmicas.

Dizem que o Imam Ali (A.S.) tem mais de onze mil expressões em assuntos intelectuais, sociais e religiosos, e seus discursos valiosos eram abundantes em conhecimentos islâmicos. Foi ele quem instituiu as regras gramaticais da língua árabe. Foi ele quem primeiro navegou os mares da filosofia divina e pregou de acordo com o livre raciocínio e pela lógica, dedicando-se de corpo e alma aos assuntos filosóficos, os quais não os

mencionaram anteriormente os filósofos da ocasião, em todo o mundo, fazendo com que isso passe a ser prioritário sobre qualquer outra questão, mesmo em tempos de guerra[27].

3. Educou e preparou inúmeros homens religiosos e teólogos do Islam, entre eles Oais Al-Qami, Cumail Ben Ziád, Maisam Al-Tamáer e Rachid Al-Hidjri, que são considerados a fonte original dos conhecimentos islâmicos, verdadeiramente capacitados para a oratória religiosa e particularmente para a interpretação do Alcorão.

A Transferência do Califado para Muáwiya e sua Transformação em Reino Hereditário

Com o falecimento do "Príncipe dos Crentes" (A.S.), o Califado e o Imamato passaram às mãos de seu filho primogênito Al-Hassan (A.S.), de acordo com o testamento do Imam Ali e a anuência do povo. E o Imam Al-Hassan (A.S.) é considerado o 2º Imam para os xiitas partidários dos doze Imames da linhagem do Profeta Mohamad (S.A.A.S.).

Entretanto, Moawiya não se conformando com isso, preparou imediatamente o seu Exército, o qual se dirigiu para o Iraque, sede do Califado, declarando guerra contra Al-Hassan Ben Ali (A.S.).

27 Conta-se que em "Yaum Al-Gamal" (656 d.C.), batalha que se concentrou em torno do camelo em que Aicha se encontrava, encorajando seus partidários e opositores de Ali (A.S.), veio um beduíno árabe e falou ao Califa: "Ó Príncipe dos Crentes, tu dizes que Deus é Uno?..." Nisso, os presentes o interromperam dizendo: "Ó beduíno, tu não vês que o Príncipe dos Crentes não está livre em dividir seu tempo?!" Entretanto, o Imam Ali interveio e disse: "Deixa-o, pois o que o beduíno deseja é o mesmo que desejamos de todos!" - E virando-se para seu interlocutor, prosseguiu. - "Ó beduíno, a palavra confirma que Deus é Uno sobre quatro partes, sendo que duas delas não aceitam Deus Majestoso e Supremo como Uno, e duas O confirmam Uno. Aqueles que não O aceitam como Uno, são os que pretendem entrar pela porta dos inimigos e isso não lhes é permitido, porque uma parte não entraria pela porta inimiga, ou porque blasfemam ao declará-Lo um em três, ou que Ele foi um humano comum, e isto não é correto, pelo fato de assimilar Deus Majestoso com a aparência humana. Contudo, as outras duas partes que O confirmam Uno, é porque crêem que nada se Lhe assemelha e é Único, não se divide nem na existência, nem na mente e nem na imaginação, porque Deus é Majestoso e Supremo."

Entrementes, Moawiya passou a corromper os companheiros do Imam Al-Hassan (A.S.) de várias formas, gastando fortunas em dinheiro, a fim de atraí-los para junto dele e espionar o Imam (A.S.), enfraquecendo-o até obrigá-lo abdicar do Califado a seu favor, com a condição do mesmo ser devolvido para Al-Hassan (A.S.) após a morte de Moawiya e que este último não interferisse no xiismo. E assim, o Califado passou para Moawiya de acordo com uma série de condições que deveriam ser seguidas conforme o Alcorão e o Preceito Profético.

E foi no ano 40 Hijrita (661 d.C.) que Moawiya se apossou do Califado, fundando a dinastia dos Omíadas, indo para o Iraque, então sede do Governo, onde discursou para o povo: *"Ó cidadãos de Kufa! Vós pensastes que eu vos combati porque quis forçá-los à oração, ao pagamento do donativo (Zacát) e à Peregrinação (Al-Hajj), quando eu sabia que vós praticáveis estes deveres?! Na verdade, eu vos combati para governar-vos, e esta é a determinação de Deus, mesmo contra a vossa vontade!..."*

E disse mais em seu duro pronunciamento: *"... e todo sangue derramado numa batalha será aumentado se me contrariardes... e todo acordo assinado está debaixo dos meus pés!..."* Aludindo às condições impostas pelo Imam Al-Hassan (A.S.).

Moawiya, com essa sua declaração pública, quis mostrar que pretendia separar a política da religião, e não queria impor a ninguém normas religiosas, importando-lhe apenas o seu Governo e sua conservação. É evidente que este governo era um Reinado e não um Califado de sucessão do grandioso Profeta (S.A.A.S.).

Houve quem o cumprimentasse como rei, e, aliás, ele mesmo se apresentava imponente nas suas reuniões solenes. Um reinado que se institui pela força, é hereditário e, como resultado, Moawiya conseguiu a sua pretensão, nomeando seu filho Yazid como seu sucessor. E este jovem era um rapaz que não possuía boa índole e não tinha princípios religiosos, cometendo atos e crimes vergonhosos[28].

28 Yazid Ben Moawiya apreciava o deleite e o prazer íntimo, a vida da vizinhança, possuindo cães e macacos. Gostava de se embriagar com a bebida alcoólica agindo desenfreada e loucamente. Conta-se que ele possuía um macaco chamado Abu Qaiss, o qual o acompanhava onde quer que ele fosse, inclusive na sala de audiência, tendo um lugar especial ao seu lado, confortavelmente almofadado, sempre vestido com seda vermelha.

Moawiya, pelo que foi dito acima, não queria que o Califado voltasse para o Imam Al-Hassan (A.S.). Seu pensamento era outro: queria que Al-Hassan (A.S.) fosse assassinado pelo veneno, o que foi feito, deixando assim o caminho livre para seu filho Yazid. Revogou então, o acordo feito com o Imam Al-Hassan (A.S.) e começou a perseguir os xiitas, sem tréguas, tirando-lhes a liberdade religiosa. Também neste ponto particular, conseguiu seus objetivos. Moawiya proibiu até, todo e qualquer comentário ou reprodução de sermões (*Ahadith*) pronunciados por familiares do Profeta (A.S.), declarando que os infratores não teriam paz em suas vidas, ameaçando seus bens materiais, sua moral e sua honra. Indo além disso ordenou que fosse recompensado com prêmios em jóias preciosas todo aquele que lhe denunciasse um infrator. Ordenou ainda, que fosse vilipendiado, em toda parte, o nome do Imam Ali (A.S.), e esta ordem durou com seus efeitos, até o Califado de Omar Ben Abdul Aziz (99 - 102 Hijrita / 715 - 717 d.C.).

Muitos xiitas foram mortos pelas mãos de mercenários contratados por Moawiya, dentre os quais foram vítimas, alguns dos Companheiros, e as cabeças dos mortos eram levadas na ponta das lanças, de cidade em cidade, como prova de poder do Governante déspota que tinha por lema: *Morte aos desobedientes!*

Os Dias Difíceis que os Xiitas Passaram

Os dias mais difíceis, de brutalidade e terror, que os xiitas passaram, foram no tempo do Califado de Moawiya Ben Abi Sufián, e que duraram por quase vinte anos (661 - 680 d.C.). Os xiitas não tinham paz e eram constantemente perseguidos. Nem os Imames Al-Hassan e Al-Hussein (A.S.) tinham qualquer possibilidade de se revoltarem e acabar com a triste situação. E o Imam Al-Hussein (A.S.), quando se revoltou, nos primeiros meses do Governo de Yazid, sucessor de Moawiya, acabou sendo traído e assassinado, morrendo como mártir, juntamente com seus parentes, filhos e companheiros, o que denotou que ele não pudera se revoltar durante os longos dez anos em que viveu sob o Governo de Moawiya.

Alguns dos nossos irmãos sunitas falavam e comentavam sobre a perfídia e o derramamento de sangue e outros crimes contra os xiitas, e que tinham como autores, partidários de Moawiya que se diziam ser *Sahaba*, teólogos e

religiosos, e que, por suas posições, eles seriam justificados e inocentados por Deus. Os xiitas repudiam tais afirmações argumentando:

1 - É impossível que um líder como o Profeta Mohammad (S.A.A.S.), o qual diligenciou para instituir o direito, a liberdade e a justiça social, seguido por muitos que se esforçaram para realizar esse ideal, para depois de realizado, deixá-los agirem com livre arbítrio e liberdade absoluta, a fim de deturparem as normas sagradas e demolir a sua construção colossal, pelas próprias mãos que as erigiram.

2 - As histórias que consagram os *Sahaba*, os inocentam de seus atos injustos e os consideram daqueles que Deus perdoa as perversidades, foram propagadas pelos próprios Sahaba, Companheiros do Profeta (S.A.A.S.).

A História é testemunha que nenhum deles ocultava os maus atos dos outros. Pelo contrário! Eles os tornavam públicos. Alguns deles empreendiam matanças de grupos, ofendiam-se mutuamente, sem qualquer retratação ou perdão.

Em face disso, os *Sahaba* contestavam a veracidade desses comentários que visavam, apenas, denegrir a sua verdadeira imagem.

O fato de alguns dos *Sahaba* terem sido elogiados em Versículos do Livro de Deus (Alcorão) foi devido a sua grande contribuição ao bem-estar social do povo, seguindo os ensinamentos do Todo Poderoso Senhor do Universo.

Logicamente, com isto eles merecem as bênçãos de Deus, pois seus objetivos nunca foram a prática do mal em nome de Deus, só por terem sido protegidos por Ele.

Duração do Reinado dos Omíadas

Moawiya faleceu no ano 60 Hijrita (680 d.C.), assumindo o trono do Califado o seu filho Yazid, de acordo com o pacto que seu pai havia feito com o povo, tornando-se o líder do governo islâmico.

A História nos relata que Yazid não era dotado de personalidade islâmica. Ele era um jovem que não cultuava importância aos dogmas islâmicos, mesmo no tempo de seu pai. Era ocioso, rebelde, alcoólatra, entregue às orgias quase que diariamente, totalmente indiferente aos crimes, os mais hediondos que se praticavam e dos quais na maioria das vezes participava, tudo isso sem precedente na história do Islam, ao longo dos três anos de seu curto governo.

Entretanto, no primeiro ano deu seu governo, Yazid mandou matar o Imam Al-Hussein Ben Ali (A.S.), neto do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), juntamente com todos os seus filhos, familiares, parentes, amigos e companheiros, num espetáculo horrível e dantesco, ordenando um desfile, por toda parte, com as cabeças dos mártires, decapitadas e espetadas na ponta das lanças, carregadas pelas mulheres e crianças de suas vítimas.

No ano seguinte, Yazid ordenou seu Exército a saquear a cidade de Medina e praticar um genocídio dos mais sangrentos, dando a seus soldados três dias de total liberdade para agirem como bem entendessem sem a mínima punição.

No terceiro ano, ele ordenou a destruição da Caaba, incendiando-a.

Em 63 Hijrita (683 d.C.), com a morte do cruel Yazid, o qual contava trinta e oito anos de idade, sucedeu-o seu filho Moawiya, o qual morreu quarenta dias depois de tomar posse do Califado, extinguindo assim a linhagem direta de Abu Sufián, passando o poder para outro ramo dos Omíadas, que se denominava por Maruânidas, tomando posse do Califado Maruán Ibn Al-Hakem (63 - 64 Hijrita / 684 - 685 d.C.), tendo como seu sucessor, seu filho Abdel Malek Ben Maruán (64 - 84 Hijrita / 685 - 705 d.C.), conforme nos relata a história, perdurando a dinastia dos Omíadas por longos setenta anos, ou melhor, exatamente sessenta e sete anos de acordo com o calendário gregoriano, com doze sucessões, instituindo-se um imperialismo árabe em uma sociedade islâmica, camuflado com o estigma de Califado Islâmico, o qual foi tirano, marcado pela opressão e pelas dificuldades em todos os campos, sendo os usurpadores do Califado puro, advindo com o verdadeiro sucessor do Profeta (S.A.A.S.), e que seria o Imam Ali (A.S.) e seus descendentes, o qual é considerado e reconhecido como sendo o único defensor da religião e que reconstruiu moralmente a Caaba, onde se isolava em suas meditações, principalmente nos dias da peregrinação.

Um dos Califas da dinastia dos Maruânidas havia atravessado o Alcorão com sua flecha, registrando depois a seguinte frase que ele exclamara ao praticar este ato de sacrílego: *"E no dia em que apresentares diante do Senhor, diga-Lhe que o Califa te fez em pedaços!"*[29]

29 O poeta Al-Walíd Ben Yazid, em sua obra intitulada "Murúdj Azzâhab", isto é, "Os Prados do Ouro" - Capítulo 3, página 228, fez alusão a este fato blasfemo em um dos seus poemas, traduzidos conforme segue: *Se tu consideras todo tirano um obstinado, pois eis que sou um tirano obstinado! E quando te confrontares com teu Senhor no Dia do Juízo Final, dize: "Ó meu Senhor, Al-Walíd me despedaçou!"*

Naturalmente, os xiitas divergiam, essencialmente, dos sunitas, em dois aspectos: O que diz respeito aos califados e à afluência religiosa.

E, apesar das perseguições e das opressões que sofriam, eles fortificavam-se cada vez mais em sua fé, revigorada com a morte do 3º Imam Al-Hussein (A.S.), tendo como resultado dessa persistência a propagação e a frutificação do pensamento xiita em regiões distantes, como o Iraque, o Irã e o Iêmen.

O testemunho real desses fatos foi o ocorrido no tempo do 5º Imam xiita, Mohammad Al-Báquer (A.S.), antes de findado o primeiro século Hijrita. Decorridos menos de quarenta anos da morte do Imam Al-Hussein (A.S.), começaram a surgir e se agravar as concentrações no governo dos Omíadas, abalando os alicerces de sua formação, e os xiitas de todo o mundo islâmico convergiram em busca da proteção do 5º Imam, que soube acolhe-los com a sua sapiência, e com o qual adquiriram maiores informações e conhecimentos islâmicos.

No final do primeiro século Hijrita, um grupo de Emires fundou a cidade de Qom, no Irã, instalando nela os xiitas, que viviam sem manifestarem sua crença, assim orientados por seus Imames a fim de evitarem as perseguições que vinham sofrendo, exemplificadas com as frustrações e morte de uma plêiade de Alauitas, revoltados com as opressões.

Tem-se também, o fato do corpo de Zaid, Líder da *Xía Zaidiya*, ter sido retirado de seu túmulo e ter sido deixado por três anos crucificado, depois incinerado, e suas cinzas lançadas ao vento. E, a maioria dos xiitas crê que as mortes dos 4º e 5º Imames (A.S.) ocorreram por envenenamento, pelas mãos dos Omíadas, assim como admitem ter sido o assassinato do 2º e do 3º Imames (A.S.), também por eles cometidos.

As atrocidades cometidas pelos Omíadas levaram os próprios sunitas, apesar de acreditarem nos Califados, a classificarem os Califas em dois grupos: Os sábios, que são os quatro primeiros depois da morte do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) e que são: Abu Bakr, Omar Ibn Al-Khattáb, Othmán Ben Affán e Ali Ben Abi Taleb; e o segundo grupo que se iniciou com Moawiya e que denominam de leigos.

Os descendentes dos Omíadas, cujo Governo foi marcado pelas perseguições e opressões, impondo o pânico a todos, com a queda de seu poderio, limitado pela morte do último de seus Califas, se viram obrigados a fugir com um pequeno grupo da dinastia, não encontrando onde se refugiar, erraram pelos desertos da

Núbia, da Abissínia e de Bajáwa, muitos deles morrendo vítimas da fome e da sede, enquanto que os sobreviventes foram para na região sul do Iêmen, onde permaneceram por tempos, vivendo de esmolas e doações. Depois, voltaram para Mecca disfarçados de carregadores e se misturaram na sociedade local.

Os Xiitas no 2º Século Hijrita (Século VIII d.C.)

Houve uma espécie de convocação em nome dos Ahlul Bait na região de Khurassan, ao norte do Irã, sob a liderança de Abu Muslem Al-Mérwazi, isto nos fins do primeiro terço do Século Dois Hijrita, em conseqüência das revoltas e das guerras sangrentas que aconteceram em todas as Províncias islâmicas, assim como uma resposta à brutalidade e à opressão dos Omíadas.

Abu Muslem era um líder e comandante persa, que se revoltou contra o Governo Omíada, e que teve muito sucesso até conseguir acabar com o jugo Omíada. O levante, ou a revolução, era fomentada pelos princípios xiitas, e até certo ponto, era considerada também como uma vingança aos mártires pertencentes aos Ahlul Bait. Contudo, não existia apoio por parte dos Imames xiitas, nem direta e nem indiretamente; tanto é que a prova disso se dá quando Abu Muslem Al-Mérwazi ofereceu as condições do voto de confiança para o seu Califado, ao 6º Imam Jaafar Assadeq, em Medina, e a resposta do Imam foi violenta ao queimar a correspondência com a labareda da lamparina, dizendo ao mensageiro: *"Vá e relate ao vosso amo tudo que presenciaste aqui"*.

Como resultado, os Abássidas[30] apoderaram-se do Califado em nome dos Ahlul Bait, dirigindo sua política com benevolência aos Alauitas que se levantaram contra os Omíadas, e dizimando estes últimos quase que totalmente, como vingança aos mártires Alauitas. Eles também profanaram os túmulos dos Califas Omíadas, retirando seus restos mortais e lançando-os ao fogo. No entanto, em pouco tempo, os Abássidas acabaram adotando as mesmas táticas dos Omíadas, e, destemidamente, afrontaram os princípios e normas islâmicas, implantando o terror entre a população.

30 A dinastia dos Abássidas foi fundada por Abu Al-Abbás "Al-Saffáh", isto é, "O Sanguinário", descendente de Abbás Ben Abdel Muttâleb, tio do Profeta (S.A.A.S.). Abu Al-Abbás destronou os Omíadas em 750 (132 Hijrita).

Preso, Abu Hanifa, chefe de uma das quatro seitas ao tempo de Al-Mansur [31], foi submetido às mais atrozes torturas. Outro chefe de seita, Ibn Hânbal, foi açoitado, e também encontrou uma morte cruel.

Em 148 Hijrita (768 d.C.), o sanguinário e déspota Abássida mandou matar por envenenamento Jaafar Assadeq, 6º Imam dos xiitas, depois de torturas psicológicas e perseguições. Os Alauitas eram levados em grupos e decapitados, ou, enterrados vivos, e outros, emparedados ou colocados nos alicerces durante o levantamento de edifícios oficiais.

Apesar de tudo isso, o Império Islâmico só se expandiu durante o mandato do Califa Abássida Haroun Al-Rachid (786 - 809 d.C.), o qual, às vezes, olhava para o Sol e exclamava: *"Desponte onde tu desejares, pois não despontarás fora do meu reino!"*

De um lado, o Exército do Califa avançava em conquista, tanto para o Leste, como para o Oeste e, de outro lado, era visto sobre a ponte de Bagdad, a poucos passos do Palácio, cobrando taxas de travessia sem o conhecimento do Califa Haroun Al-Rachid.

Conta-se que o próprio Califa, ao atravessar a ponte foi barrado e cobrado!

No que se alude ao Califa Abássida Al-Amin (809 - 813 d.C.), o qual governou o Iraque e as Províncias Ocidentais até o seu assassinato, conta-se que ele gratificou um cantor com três milhões de derhem de prata, por ter-lhe composto duas canções bajulando-o. Diante de tão magnânimo gesto e, não acreditando no que acontecia, o cantor se lançou aos pés do Califa indagando: *"Vossa Majestade me concedes esta vultosa soma, ó Príncipe dos Crentes e eu?!"*

O Califa Al-Amin o interrompeu dizendo: *"A soma não importa, pois recuperaremos este dinheiro de qualquer parte do reino!"*

30 Abu Jaafar "Al-Mansur", isto é, "O Vitorioso", foi o 2º Califa Abássida, governando de 754 a 775 d.C. Era meio irmão de Abu Al-Abbás, sempre agindo inescrupulosamente na execução de seus planos, não admitindo, sob hipótese alguma, que houvesse sombra à sua autoridade, chegando ao ponto de aprisionar seus tios e mandar matar, em 755 d.C. Abu Muslem, o qual, praticamente abriu as portas para os Abássidas. Em 762 d.C. "Al-Mansur" empreendeu a construção da nova Capital, Bagdád, (que significa "Dom de Deus" e que se tornou famosa na História). "Al-Mansur" morreu em 775 d.C. nas proximidades de Mecca, durante uma peregrinação. (NT)

As altas somas em dinheiro chegavam aos cofres muçulmanos de todas as províncias islâmicas e eram gastas em diversões para os prazeres dos Califas. Nos saguões do Palácio, eram visto escravos e jovens de ambos os sexos, inclusive Guilmán[32] aos milhares, vivendo no luxo das orgias palacianas.

A situação dos xiitas não se modificou depois do governo da dinastia dos Omíadas, seguida pela dos Abássidas, que mudava apenas os nomes de seus inimigos tiranos e opressores.

Os Xiitas no 3º Século Hijrita (Século IX d.C.)

Um pouco de alívio só pôde ser sentido pelos xiitas nos início do Século Três Hijrita (Século Nove d.C.), e os motivos foram os seguintes:

1 - A tradução de muitos livros filosóficos e científicos, do grego, do aramaico e de outros idiomas, para o árabe, o que despertou a curiosidade de muitos, levando um grande número ao estudo e à intelectualidade, cientes da abertura proporcionada pelo Califa Abássida Al-Mamún (195 - 218 Hijrita / 813 - 833 d.C.), o qual incentivava o estudo da filosofia das seitas. O resultado foi a consodolidação e a expansão dos conhecimentos religiosos e a liberdade religiosa total, o que proporcionou aos filósofos xiitas um progresso inestimável na ampliação de seus conhecimentos e na propagação da seita dos Ahlul Bait[33] - que a paz esteja com eles.

2 - Al-Mamún outorgou a Ali Ben Mussa Al-Reda (A.S.), o 8º Imam xiita, a chefia de seu Governo, e assim os xiitas e os aliados dos descendentes do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) ficaram protegidos contra as perseguições políticas dos poderosos, e gozaram de uma relativa liberdade por um curto período, após o que, voltaram a ser oprimidos, torturados, assassinados ou banidos, revivendo os horrores dos tempos de Al-Mutawakel, neto de Haroun Al-Rachid, (232 - 247 Hijrita / 847 - 861 d.C.), o qual era inimigo da política do Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.) e seu xiismo, chegando a mandar profanar e destruir o túmulo do 3º Imam Al-Hussein (A.S.), em Karbalá, no Iraque.

32 Os Guilmán eram jovens adolescentes e imberbes, próprios para a prática sexual promíscua. (NT)

33 Os Ahlul Bait se compunham de Fátima Azzahrá, filha do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), seu marido o Imam Ali e os filhos de ambos (A.S.).

Os Xiitas no 4º Século Hijrita (Século X d.C.)

O Século Quatro Hijrita (Século Dez d.C.) foi marcado por grandes acontecimentos que deram vigor à seita xiita, permitindo sua larga expansão. Entre eles, destacam-se: o fim do apogeu do Califado Abássida e o surgimento dos reis Al-Buwayh[34].

Esses reis eram xiitas muito influentes na cúpula central do Califado Abássida em Bagdád, tanto que houve uma inversão total na ordem política e no Poder, de forma que os xiitas, que se encontravam na posição de perseguidos, passaram a enfrentar, com superioridade, seus inimigos, conseguindo uma vertiginosa expansão da seita e sua filosofia.

Os historiadores são unânimes em seus relatos ao afirmarem que os habitantes de toda a Península Arábica, ou quase toda, eram adeptos à seita xiita, ressalvados os grandes centros que já eram, como Hajr, Omám e Saadat. Enquanto a cidade de Bassora no Iraque, era o núcleo dos sunitas, os quais tinham divergências com os xiitas de Kufa, centro destes últimos.

Igualmente, as cidades de Trípoli (porto ao norte do Líbano), Nablus (Palestina), Tiberíades (norte da Palestina), Alepo (norte da Síria) e Harát (noroeste do Afeganistão), eram habitadas por xiitas, tal qual a cidade de Ahwáz (no Irã, ao norte de Abadan, na embocadura do Chatt al-Arab) e nas margens do golfo Pérsico no Irã.

No começo do século Quatro Hijrita (Século Dez d.C.), Násser Al-Atrúch, conquistou o norte do Irã, depois de anos de lutas incansáveis, instalando-se na região de Tabrastán, onde instituiu o seu Estado, transmitido a seus filhos, depois dele. Al-Hassan Ben Zaid Al-Alaui já governava nessa região antes de Al-Atrúch.

Neste mesmo século, os Fatímidas, que eram uma ramificação dos Ismailitas[35], governaram o Egito por mais de dois séculos (296 - 527 Hijrita / 911 - 1142 d.C.).

Às vezes, surgiam divergências entre os xiitas e os sunitas, em cidades grandes como Bagdád e Bassora (no Iraque), e Chahpur (no Irã), sendo os xiitas, muitas vezes os vencedores.

35 São os que reconhecem como Imam outro filho de Jaafar "Assadeq" (A.S.), Ismail, o 7º Imam xiita, terminando com ele a linhagem do Imamato proveniente da descendência do Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), por parte de sua filha Fátima Azzahrá (A.S.) e seu marido o 1º Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.). Dai veio o nome de "Ismaelitas" ou "Septimanianos", os quais passaram a aguardar o "Al-Mahdi". (NT)

Os Xiitas do 5º ao 9º Século Hijrita (Século XI ao VX d.C.)

Os xiitas se expandiram durante o Século Cinco até o fim do século Nove Hijrita (do século Onze ao Quinze d.C.), com a mesma força e vantagens iniciadas no Quarto século Hijrita (século Dez d.C.), advindas de reis convertidos ao xiismo e que muito fizeram pela expansão da seita.

Os Ismailitas firmaram-se apesar das "cenas de morte" e continuaram na sua missão por um século e meio dentro do Irã, e os Líderes Maraachiyún governaram por anos seguidos em Maznadaran (no Irã).

Khada Bandah, um dos reis da Mongólia, adotou a seita xiita e foi sucedido por outros reis desta seita durante anos seguidos. Todos contribuiram para a expansão e enaltecimento do xiismo, e assim também o fizeram os Sultões Ále Qoinlo e Qóra Qoinlo, pois a cidade de Tabriz era a capital do Estado e seu Poder atingiu Fáres e Karamán enquanto os Fatímidas governaram o Egito por muitos anos consecutivos.

Era sabido que o Poder religioso dos sunitas, com seus reis, não era constante e conhecia-se a sua fragilidade, inconsistência e inconstância. Depois da queda do Estado Fatímida e a vinda do Governo Ayubita[36], a situação se modificou e os xiitas perderam a sua liberdade religiosa no Egito e em Damasco, na Síria. Muitos deles, inclusive, foram mortos. Entre os mártires xiitas, o primeiro foi Mohammad Ben Mohammad Al-Melki, teólogo erudito, no ano 786 Hijrita (1401 d.C.), em Damasco, sob o pretexto de ser adepto do xiismo. Também foi morto o Sheikh Chiháb Edín Assahrúrdi, acusado de ser filósofo. Durante estes cinco séculos (do XI ao XV d.C.), o número de xiitas aumentou consideravelmente, graças ao apoio e até às próprias divergências dos Sultões da época, no que alude ao livre pensamento. E, apesar dito, em nenhum país islâmico o xiismo foi considerado como seita oficial.

36 Os Ayubitas era os partidários de Saláh Edín Al-Ayúbi, ou seja, Saladino (nasceu em 1138 d.C. e morreu em 1193 d.C.), o qual esmagou a 3º Cruzada em 1187. (NT)

Os Xiitas no 10º e 11º Século Hijrita (Século XVI e XVII d.C.)

No ano 906 Hijrita (1521 d.C.) havia um adolescente de treze anos de idade, da família do Sheikh Sâfie Din Al-Ardabili, falecido no ano 735 Hijrita (1350 d.C.), e que era um dos Sheikes do sistema xiita.

Este jovem liderou trezentos *daráwích*[37], amigos e aliados de seus ancestrais, com o ideal de fundar um Estado xiita, forte e independente, partiu com eles da cidade de Ardabil (no Irã, perto do litoral do mar Cáspio), começando com a conquista da região e o aniquilamento do sistema monárquico religioso no Irã.

Depois de longas e sangrentas batalhas com os monarcas da dinastia de Othmán, os quais representavam o Império Otomano[38], o jovem revolucionário fez do Irã um Estado unificado, depois de ter sido despedaçado em várias partes, organizando-o em regiões distintas, governadas por pessoas competentes e idôneas, tendo o xiismo como sua religião oficial.

Depois da morte do rei Ismail Açafawi, descendente do Sheikh Sâfie Din Al-Ardabili, este foi sucedido por outros reis da mesma dinastia, a dos Seféviddas, até meados do século Doze Hijrita (meados do século XVIII d.C.), e cada um desses reis apoiava a seita xiita, sendo que, no tempo do Xá Abbás, o Grande[39], o qual era considerado a estrela dessa descendência, conseguiu-se a expansão do território iraniano e, conseqüentemente do número de adeptos, até atingir o dobro da população atual no Irã (1384 Hijrita / 1965 d.C.).

Durante os dois séculos e meio seguintes, a situação continuou a mesma em todas as regiões islâmicas, com a evolução da crença xiita.

37 "Darwích", "Dervixe" ou "Daroês" eram religiosos muçulmanos.

38 Este Império surgiu de uma tribo turca, estabelecida na Anatólia, no século XII d.C. de cujo chefe, Othmán I (morto em 1326 d.C.) tirou seu próprio nome. Só com a morte do monarca otomano Solimão, o Magnífico, em 1566 d.C. é que o Império começou a sua decadência no Oriente

39 Abbás, o Grande (nasceu em 1571 e morreu em 1629 d.C.), Xá da Pérsia desde 1587 d.C. até a sua morte, quando ele contava cinqüenta e oito anos de idade. Al-Abbás era da dinastia dos Seféviddas e estabeleceu a sua capital em Ispahán, no Irã.

Os Xiitas do 12º ao 14º Século Hijrita (Século XVIII ao XX d.C.)

A expansão e o progresso da seita xiita durante os três últimos séculos continuaram no mesmo ritmo do passado. Atualmente, e no fim do século Catorze Hijrita (século Vinte d.C.), o xiismo é a religião oficial do Irã, também sendo a maioria dos povos do Iêmen e do Iraque xiitas.

Os xiitas estão presentes em todos os Estados islâmicos do mundo, em proporções menores e maiores, e o número deles aproxima-se de 100 milhões.

Ramificações dos Xiitas

Ramificações de Algumas Facções e Sua Extensão

Cada seita abrange questões e aspectos considerados alicerces principais da crença. Existem ainda, outros secundários.

A diferença entre uma e outra seita, na forma de sua interpretação, embora conservando muitos aspectos comuns, constituem o que chamamos de Ramificação.

As Ramificações existem em todas as religiões, principalmente nas ditas Celestiais e Divinas, como o Judaísmo, o Cristianismo, o Zoroastrianismo[40] e o Islam. A seita xiita não sofreu nenhuma ramificação durante o tempo dos três primeiros Imames: Ali, Al-Hassan e Al-Hussein (A.S.), porém, depois do martírio do 3º Imam Al-Hussein (A.S.), seu filho Ali Al-Sajjád (A.S.) foi reconhecido para o Imamato pela maioria dos xiitas. Entretanto, a minoria conhecida por *Al-Kissániya* deram voto a Mohamad Ben Al-Hanfiya, como sendo ele o 4º Imam, inclusive, crêem ser ele o Al-Mahdi prometido, e que ele se ausentou no monte Radwa até o dia em que reaparecerá.

40 É a religião instituída por Zoroastro, reformador da antiga religião persa. Zoroastro nasceu nos meados do século VIII ou VII a.C., e constituiu a casta dos magos, que foram adoradores do Sol e do fogo. (NT)

Contudo, após a morte do 4º Imam Ali Al-Sajjád (A.S.), a maioria dos xiitas seguiu e acreditou no Imamato de seu filho Mohammad Al-Báquer (A.S.), mas a minoria se apegou à seita do mártir Zaid, outro filho do Imam Al-Sajjád (A.S.), e foram chamados de *Azzaidiya*.

Depois do falecimento do 5º Imam Mohammad Al-Báquer (A.S.) seus adeptos seguiram seu filho, o 6º Imam Jaafar Assadeq (A.S.) e, com a morte deste, seguiram o 7º Imam Mussa Al-Kadhem.

Uma parte deles acreditou que Ismail Ben Jaafar, filho mais velho do 6º Imam Assadeq (A.S.) seria o 7º Imam, porém, ele faleceu enquanto seu pai ainda vivia, sendo nomeado Mussa Al-Kadhem (A.S.) como 7º Imam. Diante disso, eles se separaram da maioria xiita, passando a ser conhecidos por Ismailitas. Outros, ainda, preferiram seguir o Imam Abdulláh Al-Aftâh, outro filho do Imam Assadeq (A.S.), e outros, o Imam Mohammad, considerado o último dos Imames.

Depois da imolação do Imam Mussa Al-Kadhem (A.S.), a maioria seguiu seu filho Ali Ben Mussa Al-Reda (A.S.) como sendo o 8º Imam, enquanto que um grupo xiita permaneceu fiel ao 7º Imam Mussa Al-Kadhem, ficando conhecidos como *Al-Wáquefiya*, ou seja, "Os Interruptores".

Não surgiu nenhuma ramificação no período entre o 8º e o 12º Imam (A.S.), que é considerado pela maioria xiita, como sendo Al-Mahdi, ou seja, "O Guia" prometido.

Contudo, se ocorreu algum fato nesse tempo, não durou mais que alguns dias e não houve ramificação alguma, mesmo que algumas ocorrências tenham advindo, e não foram de grande importância, como por exemplo, depois do falecimento do 10º Imam Ali Al-Hádi (A.S.), quando seu filho Jaafar se proclamou Imam, foi seguido por alguns que se dispersaram em pouco tempo.

As pequenas divergências que existiram entre alguns xiitas, foram de ordem interpretativa e exegética, retórica e erudição da religião, as quais não chegaram a formar ramificações propriamente ditas na seita.

Essas facções citadas, que se ramificaram e apareceram entre a minoria xiita, extinguiram-se rapidamente, exceto as facções *Azzaidiya* e *Al-Ismailiya*, ainda existentes, e seus adeptos vivem em diversas regiões como o Iêmen, a Índia, o Líbano, e outras. Assim sendo, vamos descrever estas duas seitas e a da maioria xiita dos Doze Imames.

Azzaidíya

Consideram-se Azzaidíya os seguidores do imolado Zaid, filho do 4º Imam Ali Assajjád (A.S.).

Zaid Ben Ali se revoltou no ano 121 Hijrita (736 d.C.) contra o Califa Omíada Hichám Ben Abdel Malek (724 a 743 d.C.), sendo apoiado por um grupo de partidários, terminando seus dias assassinado durante uma luta ocorrida na cidade de Kufa, entre ele e os aliados do Califa.

Zaid Ben Ali era considerado por seus companheiros o 5º Imam proveniente dos Ahlul Bait (A.S.), sendo sucedido por seu filho Yahia Ben Zaid, o qual também se revoltou contra o Califa Omíada Al-Walid Ben Yazid (743 a 744 d.C.). Após a morte de Yahia, sucedeu-o Mohammad Ben Abdulláh e Ibrahim Ben Abdulláh, e ambos se revoltaram contra o Califa Abássida Mansúr Aduániqui (754 a 775 d.C.), os quais acabaram morrendo assassinados. Estes, portanto, são os Imames da *Azzaidíya*.

Desde aquele tempo, as questões da seita *Azzaidíya* eram desordenadas, até o aparecimento de Nasser Al-Atrúch, que é descendente do irmão de Zaid Ben Ali, em Khurassan. Devido às perseguições que sofreu por parte do Estado na época, ele foi obrigado a fugir para Mazenderan, onde os habitantes dessa região não eram convertidos ao Islam, o que veio ocorrer com grande número deles durante treze anos de catequese, abraçando a seita *Azzaidíya*, e assim dominando a região chefiados por Nasser Al-Atrúch, o qual foi sucedido por seus filhos.

Os adeptos da *Azzaidíya* acreditavam que todo Fatímida era um erudito, desprendido, bondoso e valente, que se rebelava contra a injustiça, e por isso poderia ser um Imam.

No início, os *Azzaidíya* consideravam Abu Bakr e Omar Ibn Al-Khattáb, os dois primeiros Califas depois da morte do Profeta (S.A.A.S.), como Imames, porém, um grupo deles desconsiderou tal hipótese, passando a se fixarem a partir do Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.).

Segundo os registros, os *Azzaidíya* seguem os Retirantes (*Al-Mootazetat*) no Islam, apoiando a jurisprudência de Abu Hanífa, apesar de haver algumas divergências entre eles e o jurisconsulto.

O Ismailismo e Suas Ramificações

Al-Bátiníya (A Esotérica) - O 6º Imam Jaafar Assadeq (A.S.) tinha um filho, mais precisamente, seu primogênito, chamado Ismail, o qual morreu ao tempo de seu pai, sendo que este último testemunhou a morte de seu filho, pedindo o respectivo Atestado de Óbito ao Governador de Medina, pelo qual ele foi atendido.

Entretanto, um grupo não acreditou na morte de Ismail, alegando que ele preferiu a ausência, porém, retornará, pois se trata do Al-Mahdi, ou seja, O Guia prometido e esperado. Contudo, o testemunho do 6º Imam Assadeq (A.S.) era firme e sólido e se fez valer oficialmente, receando que o Califa Abássida Al-Mansur viesse reivindicar o Imamato para Mohammad Ben Ismail, já que Ismail era Imam antes de falecer em tempo de seu pai.

As duas facções se extinguiram em curto período, permanecendo a terceira facção até os nossos dias, hoje dividida em diversas ramificações.

Os Ismaelitas têm uma filosofia parecida com a dos adoradores das estrelas e tem algo do sufismo[41] indiano. Admitem que os conhecimentos e os dogmas islâmicos têm uma parte exotérica e outra esotérica. Todo aparente contém em si o não aparente, e para cada Revelação existe uma interpretação, e que a Terra não existe sem razão e que as Razões de Deus se manifestam sob duas formas: Uma expressa e outra hermética.

A expressa é manifesta através do nobre Profeta (S.A.A.S.), e a hermética é dada ao Imam, que foi recomendado pelo Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) em todas as situações.

Toda a essência esotérica gira em torno do número sete. E nessa ordem, acreditam que cada Profeta, em sua missão, é seguido por sete missionários, todos do mesmo nível e categoria, sendo que o sétimo deles recebe três encargos: a profecia, o testamento e o comando, e assim sucessivamente, para cada sétimo missionário.

41 O sufismo é a parte esotérica do Islam, que busca integrar o ser humano à divindade. (NT)

Os Ismailitas afirmam que Adão (A.S.) foi enviado como Profeta e com poderes de comando, e tinha sete recomendados, todos com os mesmos poderes, sendo o sétimo deles, o Profeta Noé (A.S.), incumbido com a profecia, o testamento e o comando, seguido por Abraão (A.S.), o sétimo sucessor que, igualmente e nas mesmas condições, foi seguido por Moisés (A.S.) e este por Issa (A.S.), que é seguido por Mohammad (S.A.A.S.), seguido por Mohammad Ben Ismail na seguinte ordem: Mohammad - Ali - Al-Hussein - Ali Ibn Al-Hussein Assajjád - Mohammad Al-Báquer - Jaafar Assadeq - Ismail - Mohammad Ben Ismail[42].

Depois de Mohammad Ben Ismail, são sete os seus descendentes, cujos nomes permaneceram no anonimato, seguidos por sete reis Fatímidas no Egito, o primeiro deles fundou neste país o Estado Fatímida, e seu nome era Obaidalláh Al-Mohdi.

Os Ismailitas acreditam na existência de doze representantes permanentes na Terra, que são mensageiros do legado de Deus. Mas, para alguns deles, que são os Druzos, há seis Imames eleitos dentre eles, e outros seis de outros grupos.

No ano 278 Hijrita (893 d.C.), apareceu na cidade de Kufa, um homem, cuja origem era de Khuzastan, porém, de identidade desconhecida (antes do surgimento de Obaidalláh Al-Mohdi por anos).

Este homem passava os dias em jejum e as noites em vigília, na prática da devoção, oração e meditação, e se sustentava através de seu próprio trabalho com pequenos serviços, ao mesmo tempo em que exortava à seita *Ismailíya*, conseguindo um bom número de adeptos e aliados, dentre os quais ele elegeu doze representantes próprios e depois partiu para Damasco, na Síria, e nunca mais se soube dele.

Este desconhecido foi sucedido no Iraque, por Ahmad, conhecido pelo cognome de Al-Qormot e que inspirou e implantou os estudos herméticos e, como relatam os historiadores, criou uma nova forma de orar, em substituição às cinco orações diárias islâmicas. Aboliu o banho obrigatório após o coito e liberou o uso da bebida alcoólica.

Nessa mesma época surgiram outros líderes que pregavam a mesma seita, que era chamada de *Al-Bátiníya*, conseguindo um grande número de adeptos.

42 Eles não consideram o 2º Imam Al-Hassan (A.S.) pertencente à série desses Imames. (NT)

Perseguiam os que não aderiam à seita, saqueando seus lares e matando inocentes, e assim agiram também no Iraque, em Bahrein, no Iêmen e em Damasco na Síria. Inclusive, assaltavam as Caravanas de peregrinos, matando-os aos milhares.

Em 321 Hijrita (936 d.C.), Abu Táher Al-Qormoti, um dos líderes da *Al-Bátiníya*, se apossou de Bassora no Iraque, matando muita gente e roubando-lhes seus valores materiais e monetários.

Em 327 Hijrita (942 d.C.), Abu Táher dirigiu-se em companhia de um grupo pertencente à seita *Al-Bátiníya* para Mecca, onde, depois de uma luta com a polícia local, matou muitos de seus habitantes e peregrinos que lá se encontravam o que resultou no derramamento de sangue na Casa Sagrada de Deus e na Caaba. Cortou em pedaços a cortina que cobria a Caaba e os dividiu entre seus aliados, arrancou a porta do Templo Sagrado, removeu a Pedra Negra de seu lugar, levando-a para o Iêmen, onde ficou durante vinte e dois anos.

Por todos esses atos, a maioria dos muçulmanos se revoltou contra a seita *Al-Bátiníya*, considerando-a como não muçulmana. Até Obaidalláh Al-Mohdi, um dos Comandantes Fatímidas, o qual tinha aparecido na África e se auto proclamou como "Guia Prometido" perante a *Al-Ismailíya* tinha se distanciado dos Qoramitas.

Segundo os historiadores, a essência da seita *Al-Bátiníya*, era a adaptação das normas exotéricas do Islam para o esoterismo sufista, que considerava a aparência das normas religiosas, ou seja, seu aspecto externo, como sendo próprio dos leigos impossibilitados de atingir a perfeição. Contudo, de tempos em tempos, eram editadas normas e leis constituídas por seus Imames e Líderes.

Al-Náziríya, Al-Mustâaliya, Al-Drúziya e Al-Muqânnaa

No ano 296 Hijrita (910 d.C.) surgiu Obaidalláh Al-Mohdi na África, o qual se auto proclamou Imam pelo sistema *Ismáiliya*, fundando o Estado Fatímida. Seus sucessores escolheram o Egito como centro de seu Califado. Sete deles governaram sucessivamente, na qualidade de Imames, de acordo com a seita *Ismailíya*, sem ocorrer qualquer ramificação ou divisão.

Entretanto, após o sétimo Califa Fatímida, Al-Mustansir Belláh Saad Ben Ali (420 - 479 Hijrita / 1035 - 1094 d.C.), houve disputa do Califado entre seus dois filhos Nizár e Al-Mustâali e, depois da guerra fratricida e terrivelmente sangrenta, Al-Mustâali venceu seu irmão, jogando-o na masmorra, onde faleceu.

Em conseqüência desta disputa, os Fatímidas dividiram-se em duas seitas: *Al-Náziríya* e *Al-Mustâaliya*.

Al-Náziríya - São os seguidores de Hassan Ben Al-Sabáh, que era simpatizante de Al-Mustansir. Foi expulso do Egito por ordem de Al-Mustâali, por defender e proteger Nizár. Hassan transferiu-se para o Irã e, após algum tempo, apareceu na Fortaleza da Morte, nas proximidades de Qazuín, conquistando-a e a outras vizinhanças e se proclamou Sultão das mesmas. Inicialmente, ele apelou para Nizár e, após a morte de Hassan Ben Al-Saláh, ano 518 Hijrita (1133 d.C.), Bezrek Amíd Rudbári assumiu o Sultanato, sucedido por seu filho Kiá Mohammad, e ambos adotaram a forma de Governo de Hassan Ben Al-Sabáh. No entanto, depois de sucedido por seu filho Hassan Ben Kiá, 4º Sultão da Fortaleza da Morte, este alterou o sistema de Governo de Hassan Ben Al-Sabáh, que era Náziríya, e se apegou à seita *Al-Bátiniya*.

Após o seu avanço sobre o Irã, Hulagu Khan[43] (1) conquistou as Fortalezas ismaelitas, matando todos e destruindo seus castelos. E depois, exatamente no ano de 1255 Hijrita (1870 d.C.), Agha Khan III, Príncipe da Índia e chefe religioso dos ismaelitas nazáritas, revoltou-se contra Mohamad Xá Al-Qajár, mas o seu levante foi frustrado na cidade de Karamán, conseguindo fugir para Bambice, antiga cidade da Síria, às margens do rio Eufrates, onde propagou o ministério de *Al-Bátiníya Al-Náziríya* sob seu Imamato e liderança, e esta seita existe até os nossos dias, a qual é conhecida por *Aqakhániya*.

Al-Mustâaliya - O Imamato dos seguidores do fatímida Al-Mustâali no Egito durou até o ano 557 Hijrita (1171 d.C.), reaparecendo depois de certo tempo uma facção chamada *Al-Bôhra* na Índia, com o mesmo sistema, a qual continua até hoje.

43 Hulagu Khan nasceu em 1217 d.C. e morreu em 1265 d.C. – 1º soberano mongol do Irã, de 1251 a 1265 d.C. Era neto de Gêngis Khan e pôs fim no califado de Bagdád em 643 Hijrita (1258 d.C.). (NT)

Drúziya - A comunidade Druza que atualmente se concentra nas montanhas de Drúz, na Síria, inicialmente seguia os califados Fatímidas até o 6º Califa Al-Hákem Ben Al-Aziz, abraçando a missão de Al-Darázi (Nashtajin Al-Darazi) e adotando o sistema de *Al-Bátiníya*.

A seita Druza não foi além do Califado de Al-Hákem Belláh, que, segundo alguns foi morto, enquanto outros acreditavam que ele desapareceu dos olhares e elevou-se aos céus, e que sua ausência será temporária, pois ele deverá retornar e reviver entre os homens. Para todos os efeitos, o desaparecimento de Al-Hákem Ben Al-Aziz ocorreu no ano 406 Hijrita (1021 d.C.).

Al-Muqânnaa - Eram os que seguiam Ettá Al-Muruwy, conhecido pelo apelido de *Al-Muqânna*, ou seja, O Mascarado, pois ele cobria o rosto com o véu de seu turbante, deixando aparecer vagamente apenas os olhos.

Segundo os historiadores, *Al-Muqânna* era dos adeptos de Abu Muslem Al-Khurassáni, morto em 140 Hijrita (755 d.C.), afirmando que, sendo ele a reencarnação de Abu Moslem, ele seria um Profeta, com poderes divinos.

Entretanto, *Al-Muqânna* foi cercado no ano 162 Hijrita (776 d.C.) na Fortaleza de Keich "por detrás do rio", e vendo que estava perdido e que seria a sua morte certa, fez uma grande fogueira, lançando-se nela com alguns de seus companheiros, onde todos morreram carbonizados.

Os companheiros de Ettá Al-Muruwy, ou seja, *Al-Muqânna*, depois de certo período, adotaram a seita da *Al-Ismailíya* e se apegaram à facção *Al-Bátiníya*.

O Xiismo dos Doze Imames e Sua Divergência com a Zaidíya e a Ismailíya

A minoria xiita que foi citada e se ramificou da maioria xiita Imamita, que também se denomina por Xiismo Duodécimo, os quais, conforme mencionado no início de sua formação, tinham discordâncias através de suas críticas, observações e oposições em dois pontos fundamentais dos assuntos islâmicos, sem, porém, divergirem contra as Leis concordantes com os Preceitos (Sunna) e ensinamentos do grandioso Profeta Mohamad (S.A.A.S.). E, esses dois pontos defendidos pelos Duodécimos são: O Governo Islâmico e as Fontes Teológicas, os quais eles afirmam serem unicamente de direito dos Imames provenientes dos Ahlul Bait (A.S.), ou seja, da descendência do Profeta.

Os Xiitas Duodécimos acreditam que o Califado islâmico, incluindo a autoridade essencial e o comando moral e intelectual, compreendem duas partes indivisíveis, que são por direito do Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.) e sua descendência, isto de acordo com o pronunciamento do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) e demais Imames provenientes dos Ahlul Bait, de que eles seriam doze Imames.

Os Xiitas Duodécimos acreditam também que os ensinamentos exotéricos do Alcorão, os quais são considerados como regras e dogmas religiosos, que abrangem a existência psicológica por completo, têm sua essência e fundamentos, os quais não sofrerão qualquer alteração até a hora do Dia da Ressurreição; inclusive, essas normas e leis deverão ser seguidas de acordo com a orientação dada pelos componentes dos Ahlul Bait unicamente, e eis que se esclarece o seguinte:

A divergência entre os xiitas Imamitas (ou Duodécimos) e os xiitas da *Al-Zaidíya* é que estes últimos não restringem o Imamato aos provenientes dos Ahlul Bait e nem reconhecem-os como sendo doze Imames, e tampouco seguem a Jurisprudência dos Ahlul Bait - que são os ensinamentos do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) - o que contraria fundamentalmente os Xiitas Imamitas (ou Duodécimos).

Por outro lado, a divergência fundamental, existente entre os xiitas Imamitas e os xiitas da *Al-Ismailíya*, é que estes últimos acreditam que o Imamato se compõe apenas de sete Imames e que os Profetas não se concluem com Mohammad (S.A.A.S.), e nada os impede de alterar ou modificar os dogmas da religião, inclusive, pode-se aumentar as taxas e tributos primórdios. Há especialmente a afirmação dos adeptos da *Al-Bátiníya* que discorda com a seita dos xiitas Imamitas, os quais acreditam na concludência das profecias de Mohammad (S.A.A.S.) e que ele é o Concludente dos Profetas, tendo ele doze sucessores recomendados, considerando que a interpretação exotérica da doutrina islâmica não admite divergências, afirmando que o Alcorão possui exoterismo e esoterismo.

Entretanto, as duas seitas chamadas *Chaikhíya* e *Karimkhániya*, as quais surgiram nos últimos dois séculos entre os xiitas Imamitas, nós não as consideramos ramificações, porque a divergência de ambas restringe-se apenas, a meras questões de ponto de vista e não à extinção de questões fundamentais.

Existe também uma facção denominada *Ali Allahiya*, proveniente dos xiitas Imamitas, a qual também é chamada de "Os Exagerados" e que se assemelha aos adeptos da *Al-Bátiniya* em relação ao xiismo da *Al-Ismailiya*. Os adeptos de *Ali Allahiya* acreditam somente no esoterismo, apesar de serem carentes da lógica minuciosa; portanto, nós não os consideramos xiitas.

Resumo da História dos Xiitas Duodécimos

Como falamos nos ítens anteriores, a maioria dos xiitas são os seguidores dos Doze Imames, ou seja, os Xiitas Duodécimos, que são os Companheiros e aliados do Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.), os quais levantaram a bandeira da oposição em assuntos do Califado e das fontes teológicas islâmicas após o falecimento do nobre Profeta (S.A.A.S.), e isso foi para assegurar a tradição dos direitos dos familiares do Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), pertencentes aos Ahlul Bait, e por causa disso se separaram da maioria das pessoas.

Os xiitas eram oprimidos na época dos Califas *Ráchidín*, ou seja, Governantes, mais precisamente entre o período do ano 11 a 35 Hijrita (632 a 656 d.C.), e também não tinham proteção ou sequer se havia consideração por suas vidas e seus bens materiais durante o Governo da dinastia dos Omíadas (40 a 132 Hijrita / 656 a 750 d.C.). E quanto mais aumentava a opressão e a perseguição sobre os xiitas, mais aumentava o vigor de seus princípios e de sua fé.

No período que intermediou o governo das dinastias Omíada e Abássida, quando os Califas de Bani Abbás conquistaram o Poder, período esse de fracassos, os xiitas conseguiram respirar aliviados. Isso em meados do segundo século Hijrita (Século Oito d.C.).

Entretanto, não demorou muito e as perseguições e opressões recomeçaram e sua intensidade foi aumentando cada vez mais, até o fim do terceiro século Hijrita (Século Nove e Dez d.C.).

No começo do quarto século Hijrita (Século Dez d.C.), os xiitas reconquistaram suas forças com a vinda dos Sultões da dinastia de Al-Buwayh que eram xiitas, adquirindo a liberdade de pensamento e de expressão intelectual, e começaram novamente a luta que durou até o fim do quinto século Hijrita (Século Onze d.C.).

No início do sexto século Hijrita (Século Doze d.C.), que coincide com o levante dos mongóis, devido a inúmeros problemas surgidos, e à seqüência das guerras com as expedições das Cruzadas, os Governos Islâmicos suspenderam as perseguições aos xiitas, especialmente depois que os sultões mongóis do Irã abraçaram o Islam, inclusive com a influência dos sultões de Meerech em Mazendaran, o que muito contribuiu para que os xiitas se recuperassem e se expandissem, proporcionando-lhes liberdade e crescimento numérico, cada vez maior nas regiões islâmicas, particularmente no Irã, onde se concentravam milhões de xiitas.

Esse estado de coisas durou até o final do nono século Hijrita (Século Quinze d.C.) e, no início do décimo século Hijrita (Século Dezesseis d.C.), e com o advento do Governo dos Safévidas, no Irã, dinastia fundada pelo Sheikh Sâfie Din (735 Hijrita / 1350 d.C.), a seita xiita foi reconhecida oficialmente, e assim permanece até os nossos dias, fim do décimo quarto século Hijrita (Século Vinte d.C.) e começo do décimo quinto século Hijrita (Século Vinte e Um d.C.).

O Xiismo é a seita islâmica oficial do Irã, e, além disso, dezenas de milhões de xiitas vivem em todas as regiões do mundo.

Capítulo 2

O Pensamento Religioso em Relação ao Xiismo

O Significado do Pensamento Religioso

Este termo objetiva-se na investigação e na pesquisa sobre um dos temas religiosos, a fim de se obter um resultado fixo.

Por exemplo, tal como se procede nas questões desportivas, de que a idéia é quem dá o resultado para um definido ponto de vista esportivo, ou, a solução para uma questão esportiva.

As Principais Fontes para o Pensamento Religioso no Islam

Naturalmente, o pensamento religioso é igual aos demais pensamentos, o qual conta com fontes a fim de se inspirar por elas para a sua evolução e consolidação, tal como no caso da idéia desportiva para a solução de determinada questão, pois é indispensável o apoio de um conjunto de teorias, até se chegar ao objetivo final.

E a única fonte com a qual o Islam conta - em face de sua ligação com a Revelação Celestial - é o Alcorão Sagrado, por ser o principal manancial para o vaticínio completo do nobre Profeta (S.A.A.S.), e pelo seu conteúdo, para a exortação ao Islam.

E o Alcorão Sagrado não anula as outras fontes para o pensamento correto e as razões nítidas, conforme exporemos.

Os Caminhos que o Islam Expõe para o Pensamento Religioso

O Alcorão Sagrado oferece três caminhos a seus seguidores, para que eles possam atingir a compreensão religiosa e os conhecimentos islâmicos, esclarecendo-lhes que a visão doutrinária, os fundamentos intelectuais e a percepção moral, só se alcançam por meio da sinceridade na devoção.

Deus Majestoso comunica-se com as pessoas através do Alcorão, onde Ele expõe questões, sem lhes haver algo que venha contrariá-las, devido ao Seu poder de preservação, na qualidade de Criador, e por isso, Ele reivindica a aceitação das crenças fundamentais, tais como: a Unicidade (de Deus); o Vaticínio (dos Profetas); o Dia do Juízo Final, e, os deveres como a Oração, o Jejum e outros, bem como, Ele ordena pela advertência e às vezes pela proibição. E se os Versículos não fossem suficientes para o entendimento essencial não teria sentido a Sua reivindicação para que as pessoas os aceitassem e seguissem. Portanto, não há dúvida que estes Versículos alcorânicos são evidentes, nítidos e que conduzem ao caminho da compreensão dos esclarecimentos religiosos e dos conhecimentos islâmicos. E nós denominamos estas belas-letras por "Evidências Religiosas", alusivas a: "*Creiam em Deus e em Seu Mensageiro*" e "*Praticai a oração*", etc...

E sob outro ângulo verificamos que o Alcorão contém muitos Versículos que concitam aos fundamentos intelectuais, isto para a convocação das pessoas à reflexão a fim de que elas possam se arranjar nos horizontes da vida e na psicologia humana, passando a se comportar de acordo com as evidências da verdade.

Realmente, o Alcorão é o único dentre os Livros Celestiais[44] que dá condições para que o homem chegue ao conhecimento das coisas através da constatação real. Portanto, o Alcorão, com esta sua evidência, considera a razão intelectual e a lógica como parte das questões, isto é, ele exige a aceitação dos conhecimentos islâmicos sem debates, pois ele passa ao fundamento intelectual e dele aproveita os conhecimentos islâmicos, passando a contar com o fato em questão, o qual terá então a

44.Os Livros Celestiais são a Torah, o Evangelho e o Alcorão. (NT)

solução pela lógica, e logo, aceitam-se os conhecimentos dogmáticos do Islam.

Deve-se meditar em tudo que se ouve na pregação islâmica, e pesquisar sobre o tema, estando atento às palavras do Criador, e, antes de aderir ao Islam, deve-se entendê-lo e aceitar suas razões. E o Alcorão incita para o pensamento filosófico.

Por outro lado, verificamos que através de seu estilo extraordinário, este magnífico Livro nos esclarece sobre todos os verdadeiros conhecimentos, os quais jorram da Unidade de Deus. Aliás, só poderão conhecer a plenitude de Deus Majestoso e Supremo aqueles que Deus os tornou os melhores dentre Seus devotos, privilegiando-os para Si mesmo, e estes devotos são os que se desprenderam do mundo material e se dedicaram por completo à devoção, consagrando-se ao Mundo Superior, tendo o coração pleno da luz de Deus Glorioso, e com isso, eles passam a enxergar a realidade da vida, chegando à etapa da convicção, e então, descerra-se-lhes o véu e se expõe diante deles os Reinos do Céu, da Terra e do Mundo da Eternidade.

Todas estas qualidades se acham condensadas nos seguintes versículos alcorânicos:

> *"Jamais enviamos mensageiro algum antes de ti, sem que lhe tivéssemos revelado que: Não há outra divindade além de Mim. Adora-Me, e serve-Me!"*[45] Surat Al-Anbiá - Capítulo 21, Versículo 25

> *"Glorificado seja Deus (Ele está livre) de tudo quanto Lhe atribuem! Exceto os servos sinceros de Deus".*[46] Surat Açáfat - Capítulo 37, Versículos 159 e 160.

> *"Dize: Pois eu sou humano como vós, exceto na Revelação que recebo, porque o vosso Deus é Único, e aquele que deseja encontrar-se com seu Senhor deve pautar na prática do bem e não associá-Lo a ninguém."*[47] Surat Al-Cahf - Capítulo 18, Versículo 110.

45 Entende-se neste Versículo de que a devoção na religião é uma ramificação para a Unicidade de Deus, se constituindo n'Ele.

46 A atribuição é um ramo do conhecimento e da compreensão, e, o que se refere nestes Versículos, é que os leais conhecem Deus por direito e que Ele é imune às (más) atribuições dos outros.

47 Entende-se neste Versículo que o encontro com Deus se dá quando se crê convictamente em Sua Unicidade; e ao praticar o bem e não seguir nenhum outro caminho fora o d'Ele.

"Adora teu Deus, até que atinjas a convicção"[48] Surat Al-Hejr - Capítulo 15, Versículo 99.

"E foi como mostramos a Abraão o reino dos céus e da terra, para que se contasse entre os persuadidos".[49] Surat Al-Anaám - Capítulo 6, Vers. 75.

"Oh, não! Pois o Livro dos Justos será preservado nas alturas (llliyín), e o que te faz entender o que são as alturas (llliyín)? É um Livro manuscrito, atestado pelos que são próximos (a Deus)."[50] Surat Al-Muttâffifin - Capítulo 83, Versículos 18 a 21.

"Qual! Se soubésseis da ciência certa! Verdadeiramente, então, havíeis de ver a fogueira do inferno!" [51] Surat Attacáthor - Capítulo 102, Versículos 5 e 6.

As Divergências entre esses Três Caminhos

Esclareceu-se pelo que foi dito que o Alcorão Sagrado apresenta três Caminhos para se chegar ao conhecimento religioso: o exoterismo religioso, o intelecto e a fidelidade na adoração. Isso significa descobrir as verdades e a sua essência interna, porém, devemos saber que esses três Caminhos se bifurcam entre si por diversas formas, dentre as quais:

A 1º Forma - A parte exotérica da religião está ao alcance da compreensão de todos[52], eis que é expressa com linguagem simples, fácil, aproveitável de

48 O que se aproveita deste Versículo é que com a adoração a Deus se chega a certeza.

49 Entende-se neste Versículo que uma das necessidades da convicção é atinar os reinos dos Céus e da Terra.

50 Compreende-se nestes Versículos que a finalidade dos justos está num Livro chamado "llliyín", isto é, acima das alturas; e aqueles que o atestam são os que se aproximam de Deus Supremo, o que significa que o Livro não é manuscrito literalmente, porém, um mundo de proximidade e enaltecimento.

51 Aproveita-se nestes Versículos o fato que a ciência da convicção é legado quanto à visão da situação dos desafortunados, que é o próprio Inferno.

acordo com a capacidade de cada um, diferentemente do que ocorre com as outras duas partes, que são privilégios de poucos.

A 2º Forma - O caminho do exoterismo religioso é o caminho que se liga aos Regulamentos e Conhecimentos islâmicos e suas ramificações, possibilitando o alcance nas questões convictas e gnósticas, e também nas demais questões operacionais (as ramificações da religião). Entretanto, as partes alusivas à Prudência e suas razões, não estão ao alcance da mente, e estão fora de sua lógica, sendo assim a forma de educar a alma, porque o seu resultado seria a revelação da verdade e sua veracidade, e a isto chamaríamos de "ciência sutil" (proveniente de Deus Altíssimo). Aliás, não nos comporta determinar seus resultados e eficiência, pois as veracidades que se descobrem através desse dom divino, cabem somente àqueles que se isolaram de tudo, exceto de Deus Supremo. Por conseguinte, eles estão sob a proteção de Deus de forma direta, e, tudo que Ele desejar (não o que eles desejam) se revelará para eles.

O 1º Caminho - O Exoterismo Religioso e Suas Divisões

Conforme já se abordou anteriormente, o Alcorão Sagrado, que é considerado a principal fonte para o pensamento religioso islâmico, e a força que dele emana com os exoterismos de seus versículos, colocou em segundo plano os sermões do nobre Profeta Mohammad (S.A.A.S.), e isto foi confirmado pelas palavras de Deus:

"... e te revelamos as evidências (o Alcorão) a fim de expores às pessoas o que lhes fora revelado..." Surat Annahl - Capítulo 16, Versículo 44.

"Realmente, vós tendes no Mensageiro de Deus um excelente exemplo..." Surat Al-Ahzáb - Capítulo 33, Versículo 21.

52 Conforme a frase do Profeta nobre (S.A.A.S.) que diz: "Nós, os Profetas, falamos às pessoas de acordo com suas capacidades mentais."

"Foi Ele (Deus) quem enviou de dentre os iletrados um Mensageiro a fim de lhes recitar Seus Versículos, e educá-los e ensinar-lhes o Livro e a Sabedoria..." Surat Al-Jomaa - Capítulo 62, Versículo 2.

Se as palavras do Profeta (S.A.A.S.), seus atos, e até seu silêncio e determinação não forem uma fonte de razão como o é o Alcorão Sagrado, então não haveríamos de encontrar esclarecimento correto para os Versículos citados. Por isso, as palavras do Profeta (S.A.A.S.) são uma razão plausível e necessária a ser seguida por aqueles que as ouviram àqueles a quem elas foram passadas. O mesmo ocorre com as palavras de seus familiares pertencentes aos Ahlul Bait (A.S.), os quais transmitiram exatamente as palavras e ensinamentos do Profeta (S.A.A.S.), pois isso, dignos de confiança e fé. Os Ahlul Bait (A.S.) têm total influência e credibilidade nos ensinamentos do Islam e jamais erraram na explanação dos conhecimentos e prudências islâmicas; portanto, a palavra deles é uma razão com a qual se pode contar, seja verbal ou textualmente, e, resumindo, os familiares do Mensageiro (S.A.A.S.) provenientes dos Ahlul Bait (A.S.) são a fonte teológica do Islam.

Conclui-se que o exoterismo religioso é considerado a fonte do pensamento islâmico e que se divide em dois: o Alcorão e o Preceito (Sunnah).

O Alcorão é a condensação dos versículos sagrados, e o Preceito são os relatos da Tradição (Hadith) alusivos ao Profeta (S.A.A.S.) e seus descendentes provenientes dos Ahlul Bait (A.S.).

O Colóquio dos Companheiros (Sahaba)

As Tradições (Ahadith) relatadas pelos Companheiros (Sahaba), só têm validade se elas coincidem com as palavras do Mensageiro Mohammad (S.A.A.S.) ou seus atos e não divergem dos relatos de seus descendentes provenientes dos Ahlul Bait (A.S.), caso contrário, se os relatos fossem de opinião pessoal, eles não teriam, então, a merecida consideração, sem deixar de serem respeitados pelos demais muçulmanos. Aliás, os próprios Sahaba se consideravam como muçulmanos comuns, respeitando-se mutuamente.

Outra Pesquisa no Livro (Alcorão) e no Preceito (Sunnah)

O Livro de Deus (Alcorão Sagrado) é considerado a fonte fundamental para o pensamento islâmico, e é ele quem dá o devido respeito e consideração às demais fontes religiosas. Por isso que ele é viável à compreensão de todas as pessoas.

Além disso, o Alcorão indica que é a luz esclarecedora de tudo já pela própria ordenação de seus versículos, que até chega a ser desafiadora, e se pudesse ser contestado ou imitado, já o teriam feito!

É evidente que se o Alcorão não fosse compreendido por todos, seus versículos não teriam qualquer significado ou valor.

E não há espaço para qualquer dúvida de que este assunto (que o Alcorão é compreendido por todos) venha a se contradizer com o assunto anterior (de que o Profeta (S.A.A.S.) e os Ahlul Bait (A.S.) são o recurso científico para os conhecimentos islâmicos, e que é uma verdade indicada pelo Alcorão Sagrado).

No que refere aos conhecimentos islâmicos, que são as leis e normas legislativas, o Alcorão aponta muitas delas e ao mesmo tempo se torna necessário colhê-las do Preceito (Sunnah), que são os relatos dos Ahlul Bait (A.S.), tais como: as prudências da oração, do jejum, do trato com o próximo e demais devoções.

No que diz respeito às crenças e índoles, ou seja, se seus registros e detalhes são de compreensão geral, na prática e esclarecimento de seu significado, é necessário seguir o sistema dos Ahlul Bait (A.S.) com o auxílio dos versículos alcorânicos, pois eles se interpretam entre si, e não recorrer à opiniões pessoais, o que aliás, tornou-se hoje em dia cômodo e conveniente.

O Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.) disse: *"Vós enxergais através do Livro de Deus, falais e ouvis por meio dele, e cada um pronuncia pelo outro, e cada um testemunha sobre o outro"*[53].

O nobre Profeta (S.A.A.S.) falou: *"O Alcorão se confirma em si mesmo..."*. E prosseguindo, disse: *"... e aquele que interpretar o Alcorão sob seu ponto de vista, que lhe seja reservado um lugar no Inferno!"*

53 Nahjul Al-Balágha - Discurso número 133 do Imam Ali (A.S.).

Há exemplos simples na interpretação do Alcorão "em si mesmo", e isto de acordo com a Revelação de Deus sobre a história de Lot:

"E desencadeamos sobre eles um impetuoso torvelinho; e que péssimo foi o torvelinho para os admoestadores (que fizeram pouco caso)!" Surat Achoura - Capítulo 26, Versículo 173.

Em outra passagem do Alcorão, a palavra "piorou" (sá-a) foi substituída pela palavra "pedras" (hijára), conforme se lê no seguinte versículo:

"... e desencadeamos sobre eles uma chuva de pedras incandescentes" Surat Al-Hejr - Capítulo 15, Versículo 74.

Conclui-se pelo sentido dado no 2º versículo, de que a intenção do versículo anterior *"e que péssimo foi o torvelinho..."* significa o mesmo que *"... de pedras incandescentes"*, e isto se confirma por toda pessoa que segue detalhadamente os relatos de "Ahlul Bait" (A.S.). Aliás, os "Sahába" são unânimes nesta interpretação, os quais afirmam de que a forma de interpretação do Alcorão, se conexa com o sistema dos Imames provenientes da linhagem do Profeta (S.A.A.S.).

O Exoterismo do Alcorão e Seu Esoterismo

Ficou evidente que o Alcorão Sagrado, com sua forma e essência, esclarece as questões e oferece as prudências necessárias às pessoas, para a crença, devoção e sua prática, porém, ele não se restringe apenas a isso, por conter a parte hermética que atinge a percepção dos corações mais sensíveis e puros.

O excelso Profeta (S.A.A.S.), que é o mestre divino para os ensinamentos do Alcorão, disse sobre o mesmo: *"Aparência harmoniosa e interior profundo."* Dizendo inclusive: *"O Alcorão possui a ocultação e a exteriorização, e, na sua ocultação há um esoterismo de sete mistérios"*.

Os da linhagem do Profeta provenientes dos Ahlul Bait (A.S.) comentavam muito sobre o esoterismo e os mistérios do Alcorão.

E, a origem destes relatos vem das Revelações de Deus Supremo, tal como se menciona na Surat Arraad, onde se comparam as águas celestiais com a chuva:

"Ele faz descer a água do céu, que corre pelos vales, mesuradamente; sua corrente arrasta uma espuma flutuante. Também (os metais) que os homens funde com afã, no fogo, para fabricar utensílios e ornamentos, produzem uma espuma semelhante. Assim Deus evidencia o verdadeiro e o falso. A espuma desvanece-se rapidamente: o que beneficia o homem, porém, permanece na terra. Assim Deus exemplifica (os fatos)." Surat Arraad - Capítulo 13, Versículo 17.

Este versículo exemplifica a capacidade do homem em aprender os conhecimentos divinos que iluminam os espíritos, dando-lhes uma vida mais feliz. Há os que não se atêm a esta essência da vida e não lhe dão o devido valor. Importam-se tão somente com o materialismo da vida, o que gera neles o egoísmo cego.

O objetivo de aceitação dos conhecimentos celestiais é o de se chegar a admitir o conjunto de normas da crença islâmica, vista e adotada externa e internamente, e, em seguida, à adoração de Deus Majestoso, na esperança de se alcançar a Sua clemência e de se ter consciência do temor ao castigo.

Existem pessoas que pela pureza de sua formação não se importam com os prazeres materiais deste mundo, isso por serem efêmeros passageiros, contentando-se com aquilo que elas necessitam em sua vida material e temendo tudo que é ilícito.

Estas pessoas, na verdade, de corações isentos dos prejuízos mundanos, seguem o caminho da vida eterna, olhando o mundo, em suas diversas faces como quimeras que se registram. Quando as portas do conhecimento lhes abrem-se, descortinando-lhes os mistérios da Terra e dos Céus, infiltrando em suas almas luzes inextinguíveis do Criador, e suas mentes se deslumbram com a beleza da Criação, seus espíritos então, entrarão no espaço infinito do Mundo da Eternidade.

E quando ouvem, pela Revelação divina, que Deus proibiu a adoração das imagens e o ajoelhar-se diante de estátuas percebem que a adoração só é devida a Deus e somente a Ele, porque a verdade da adoração é plena e irrestrita, e a esperança e o temor só residem em Deus e provém d'Ele, e que jamais deverão se entregar às tentações.

Com isso, evidenciam-se os dois aspectos do Alcorão: o exotérico, ou aparente; e, o esotérico, ou a parte hermética. E mais, que um não anula o outro. Pelo contrário, eles se completam, como a alma que dá vida ao corpo.

E como o Islam é uma religião abrangente e eterna, preocupa-se, primeiro e antes de tudo, com o bem-estar social, não desconsiderando as mais simples crenças tidas como as guardiãs dessas normas.

Como pode uma sociedade atingir a felicidade se considerar que basta a ociosidade do homem, sem interesse pelo trabalho, numa vida cercada pela desorganização?!

Como é possível que uma mente perturbada e pensamentos doentios cheguem a criar corações puros e inteligentes, ou que surja em um coração compreensivo, palavras nocivas?!

Deus revelou em Seu poderoso Livro:

"... e as puras para os puros, e os puros para as puras..." Surat Annúr - Capítulo 7, Versículo 26.

E também:

"Da terra fértil brota a vegetação, com o beneplácito do seu Senhor; da estéril, porém, nada brota, senão escassamente. Assim elucidamos os versículos para os agradecidos". Surat Al-Aaráf - Capítulo 7, Versículo 58.

Assim, a confirmação a que se chega é que o Alcorão possui os dois aspectos: o externo e o interno, e que este último tem escalas diversas, e que o meio para sua compreensão reside nos relatos da Tradição (Hadith).

Interpretação do Alcorão

Como era notório entre os nossos irmãos sunitas, no começo do Islam, a possibilidade de se conhecer o exotérico do Alcorão era certa. E quando alguma dúvida surgia, relativa a uma parte, em confronto ao versículo, a interpretação, chamada *Ta'Uíl*, se fazia.

E tudo que era previsto nos livros sunitas, onde a solução às aparentes divergências exotéricas do Alcorão era entregue aos dirigentes das seitas que buscavam nos versículos o resultado almejado. Ainda ocorria, por vezes, quando assim mesmo, persistia a divergência racional entre as partes, cada uma submetia à outra o seu ponto de vista para a interpretação.

Esse tipo de divergência na interpretação, não afetou os xiitas, pois tanto seus livros religiosos, os versículos e tudo o que contém no Alcorão, assim como toda a doutrina dos familiares do Profeta (S.A.A.S.), provenientes dos Ahlul Bait (A.S.), são de clareza meridiana e singela, estando ao alcance de todos, não havendo obscuridade que venha permitir que haja dúvidas ou dubiedade de sentidos.

O que o Alcorão preconiza com a palavra Interpretação (*Ta'Uíl*) não é análise superficial, e sim, a busca dos verdadeiros fundamentos da essência religiosa e da fé, o que não está ao alcance de todos.

Sim, para todos os versículos alcorânicos existe uma Interpretação (*Ta'Uíl*) própria, que não se atinge com a simples leitura das expressões. A verdadeira Interpretação só é dada aos Profetas e aos crentes puros, aqueles que se libertam do materialismo e dos prejuízos do mundo, os quais têm poder de, com um simples olhar, atingir a essência. Na verdade, o Alcorão será verdadeiramente compreendido, no Dia do Juízo Final.

Sabemos perfeitamente que as necessidades da sociedade material levaram o homem aos termos e colocação das palavras, e com isso, ordenar as expressões e o seu aproveitamento. O homem, em sociedade, tem necessidade de transmitir o seu pensamento a seu semelhante e usa, para tanto, em seus diálogos, a voz e o ouvido, utilizando muito pouco o gesto e o movimento dos olhos. Logo, constatamos que o diálogo não se produz entre um cego e um surdo-mudo, pois o que diz o cego não é captado pelo surdo-mudo e os movimentos de expressão manual deste, não são vistos pelo cego.

Assim sendo, a colocação dos termos e nomeação das coisas, não é nada mais do que atingir as necessidades materiais concretas que se captam pelos sentidos ou através do sensitivo. Se faltarem os sentidos próprios a alguém com quem pretendemos dialogar, recorremos à simbologia e ao gesto, como por exemplo, se quisermos demonstrar o que é e como é a luz a um cego de nascença, ou se pretendemos explicar a uma criança as delícias do corpo, lançamos mão da analogia e da simples comparação.

Considerando também que há no Universo realidades imateriais cuja compreensão e assimilação só estão ao alcance de um número ínfimo de pessoas, que não atinge talvez, o número dos dedos de um homem, e a demonstração dessas realidades não se pode fazer com palavras e sim pela analogia e pelo simbolismo.

O Alcorão Sagrado menciona as seguintes Revelações:

"Nós o fizemos um Alcorão árabe, a fim de que o compreendêsseis. E, em verdade, encontra-se na mãe dos Livros, em Nossa Presença, e é altíssimo, prudente". Surat Azukhruf - Capítulo 43, Versículos 2 e 3.

Isto significa que a compreensão comum não o alcança nem o abrange.

E Deus Todo Poderoso revelou também:

"Ele é um Alcorão honorabilíssimo, e um Livro bem protegido, não o tocam senão os purificados". Surat Al-Wáqui'ah - Capítulo 56, Versículos 77 a 79.

Deus inclusive, revelou sobre o nobre Profeta Mohammad (S.A.A.S.) e sobre os Ahlul Bait (A.S.), o seguinte:

"... pois Deus só deseja remover de vós a abominação ó Ahlul Bait e purificar-vos integralmente". Surat Al-Ahzáb - Capítulo 33, Versículo 33.

Conforme as indicações destes versículos, o Alcorão Sagrado surge de forma que incapacita a compreensão das pessoas comuns, por mais que insistissem chegar até ele, e só poderão assimilá-lo integralmente os leais, puros e abnegados, e Seus bondosos Santos; e os Ahlul Bait (A.S.) são os mais credibilitados e confiáveis. Eis que encontramos no Alcorão:

"Porém, desmentiram o que não lograram conhecer, mesmo quando a sua interpretação não lhes havia chegado. Do mesmo modo seus antepassados desmentiram. Repara, pois, qual foi o destino dos iníquos". Surat Yúnes - Capítulo 10, Versículo 39.

Isto significa que, as coisas serão vistas como realmente elas são no Dia da Ressurreição.

"Esperam eles, acaso, algo além da comprovação? O dia em que esta chegar, aqueles que a houverem desdenhado, dirão: Os mensageiros de nosso Senhor nos haviam apresentado a verdade. Porventura obteremos intercessores, que advoguem em nosso favor? Ou retornaremos, para nos comportarmos distintamente de como o fizemos? Porém, já terão sido condenados, e tudo quanto tiverem forjado desvanecer-se-á". Surat Al-Aaráf - Capítulo 7, Versículo 53.

Continuação da Pesquisa Sobre a Tradição (Hadith)

Quanto a autenticidade da Tradição (Hadith) e do que o Alcorão Sagrado afirma, os xiitas e as demais seitas islâmicas a reconhecem, porém, o rastro da deterioração cometida pelos Governantes, nos albores do Islam, e o desperdício que houve por parte dos Companheiros (Sahaba) e seus seguidores na divulgação das Tradições (Ahadith), levaram a tristes e lamentáveis resultados.

De um lado, os Califas daquele tempo proibiram a escrita doutrinária e sua publicação, determinando a queima de tudo o que se encontrava a respeito, e muitas vezes vedavam a transmissão verbal. Isso fez com que ocorressem muitas alterações, modificações e omissões, passando a serem copiadas de acordo com as garantias que ofereciam.

Por outro lado, os Companheiros do Profeta (S.A.A.S.) que assistiam e ouviam a sua doutrinação, e que eram respeitados pelos Califas e pelos muçulmanos na ocasião, expandiram os ensinamentos da Tradição (Hadith) até que, involuntariamente tornaram-se mais importantes do que o Alcorão, o que às vezes a Tradição transcrevia um de seus Versículos[54].

54 A transcrição de versículos alcorânicos nos relatos da Tradição (Hadith) era um dos assuntos do Conhecimento dos Regulamentos, apoiado por um grupo de eruditos sunitas, o que se evidenciou na questão "Fadac", quando da desaprovação das terras pertencentes à Fátima Azzahrá (A.S.) por ordem do 1º Califa.

Havia inclusive pessoas que transcreviam os relatos da Tradição, vindas de lugares distantes, enfrentando todo tipo de dificuldade durante suas viagens, só para ouvir um relato.

Havia também alguns não muçulmanos ou, inimigos do Islam, que se infiltravam entre os muçulmanos e, adotando suas características, saíam pregando os relatos da Tradição (Hadith) deturpando-os sutilmente, até fazê-los caírem no conceito de muitos, abalando-lhes a fé.

Por estes motivos, os eruditos e pensadores muçulmanos decidiram pôr fim a tais atrocidades, buscando uma solução através de dois métodos: o ensino dos homens e o ensino pela investigação, a fim que sejam distinguidos os relatos verdadeiros dos falsos na Tradição.

Além do mais, os xiitas sempre procuraram aperfeiçoar as escrituras da Tradição (Hadith), observando se as razões estão compatíveis com o Alcorão Sagrado e se há veracidade nisso. Houve muitos relatos, através de coletâneas absolutas, oriundos dos xiitas, sobre o nobre Profeta (S.A.A.S.) e os Imames procedentes dos Ahlul Bait (A.S.), de que a Tradição (Hadith) não condizente com o Alcorão, não tem crédito, e só o teria a Tradição (Hadith) compatível com ele. Contudo, não se nega que há entre os xiitas, assim como entre os sunitas, pessoas que, mesmo assim, pautam por esses falsos sermões.

Os Xiitas e a Lida na Tradição (Hadith)

As pregações do grandioso Profeta (S.A.A.S.) e dos Imames procedentes dos Ahlul Bait (A.S.), sem intermediação, são ditames e normas do Alcorão Sagrado; porém, em se tratando dos relatos da Tradição (Hadith) que nos chegam por outros meios, os xiitas se comportam conforme o seguinte:

No que se relaciona com os assuntos convictos que o Alcorão aprova, necessita-se de estudo absoluto sobre os relatos intensificados ou até sobre os relatos cujos testemunhos são irrestritos, porém, o relato que se denomina como "único relato" não é levado em consideração.

No entanto, na criação de prudências legais, em vista às indicações relacionadas, as quais são preferenciais aos relatos intensificados ou absolutos, nesse caso, os xiitas investigam o chamado "único relato", se este for subscrito e autenticado.

Nesse caso, o relato intensificado e o relato absoluto, na opinião dos xiitas, merecem ser levados em consideração e serem seguidos, mas, o relato não absoluto, que é o "único relato", não tem validade caso não tiver sido autenticado por alguma autoridade na questão e ser ligado às sentenças legais.

O Estudo e o Ensino Geral no Islam

O magistério é uma profissão religiosa no Islam, e a melhor prova disso, é a frase do Profeta Mohammad (S.A.A.S.): *"A busca do saber é dever de todo muçulmano e toda muçulmana"*.

E, de acordo com os relatos apoiados pelos testemunhos, a procura do saber é o conhecimento dos três Regulamentos da Religião, que são: A Unicidade de Deus - A Profecia - O Dia do Juízo Final, além de, paralelamente ter conhecimento sobre as Prudências e Leis Islâmicas de forma explícita em cada item de sua necessidade.

É claro que a todos é dado chegar ao conhecimento dos princípios da religião, porém, a interpretação das Leis e Normas religiosas depende de maior aprofundamento e maior cultura e, por isso, não está ao alcance de todos. Alguém, portanto, certamente que consegue cumprir essa incumbência.

O Islam não institui leis onde possa haver dúvidas; portanto, para alcançar o conhecimento das Prudências e Legislações religiosas, deve-se seguir as indicações consideradas suficientes pelos detentores do saber e da capacidade. Aos demais, impõe-se a obediência às normas criadas pelos teólogos denominados de "Os Estudiosos Eruditos", ou seja, *Al-Mujtahedín Al-Fuqahá*, isto é, *Attaqlíd*, o que significa a extração das informações islâmicas, e isto não figura nos Regulamentos da Religião!

O que se vislumbra é que os xiitas não seguem os princípios da "Aplicação" de um erudito já falecido, e aquele que não conhece a questão pelo sistema de "Aplicação" deverá procurar os princípios do "Estudioso Erudito" e não seguir os do já falecido, mesmo que o atual ainda não tenha aplicado a questão, e assim por diante, e isto faz com que a erudição islâmica xiita se destaque por seu dinamismo na solução e aplicação das questões, o que requer grande esforço e sapiência para o alcance dos objetivos, através da extração das informações (do Alcorão e dos Preceitos do Mensageiro de Deus (S.A.A.S.)), o que se denomina por "Aplicação" ou *Attaqlíd*.

Os nossos irmãos sunitas, após a reunião ocorrida no Quinto século Hijrita (Século Onze d.C.), e que resultou na obrigação de seguirem os quatro filósofos de então: Abu Hanífa - Al-Máliki - Al-Cháfii e Ahmad Ben Hânbal, não admitem a "Aplicação" senão a estes quatro sábios.

Desta forma, a sua filosofia permaneceu como era há mil e duzentos anos aproximadamente, e, finalmente, alguns se afastaram, indo viver a chamada "Livre Sabedoria" ou "Livre Aplicação", isto é, *Al-Ijtihád Al-Horr*.

O Xiismo e os Conhecimentos Transcritos

A cultura islâmica, fruto do trabalho dos eruditos religiosos muçulmanos, se divide em duas categorias: a Intelectual e a Translativa. Esta última compreende os idiomas, a história, as palestras, etc... Enquanto que a Intelectual condensa a filosofia, a metafísica e a matemática.

Sem dúvida, o impulso original para o aparecimento dos estudos Translativos no Islam é o Alcorão Sagrado, exceto dois estudos: o estudo da História e da Genealogia, e, o estudo da Métrica[55]. Os demais ensinamentos nascem deste Livro Divino.

Os muçulmanos registraram estes estudos pela sua persistência religiosa, dentre os quais os de importância são: a Literatura Árabe, o estudo da Gramática, o estudo da Eloqüência, o estudo da Língua e tudo que se liga ao exoterismo religioso islâmico, tal como a arte de Ler e de Interpretar, a arte do Diálogo, a arte da Eminência e do Conhecimento, o estudo dos Regulamentos e da Erudição.

Os xiitas têm seu papel preponderante na introdução e aperfeiçoamento desses estudos, e pode-se afirmar que, os pioneiros eram na maioria xiitas, tal como podemos verificar na Gramática, a qual foi especificada e aprimorada por Abu Al-Assuad Addualy, um dos Companheiros do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) e do Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.), que o tinham em grande estima e consideração. Não menos digno de apreço, outro dos Companheiros, Ben Ibád o Xiita, reputado como um dos grandes iniciadores do estudo da Oratória

55 O estudo da Métrica é o conjunto de regras relativas à composição de versos, pré-estabelecidas para cada espécie. (NT)

e da Eloqüência, o qual fora um dos Ministros da dinastia dos Buwayhidas. O primeiro livro voltado ao ensino da língua árabe, intitulado *Quitáb Al-Áin*, obra prima literária do grande e famoso sábio, "O Óptico Xiita", o qual instituiu o estudo da Métrica e foi professor no estudo da Gramática.

Ninguém pode negar o esforço e sacrifício conferidos aos descendentes do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) provenientes dos Ahlul Bait (A.S.) e seu xiismo, no que se refere ao empenho nos ensinamentos da Tradição (Hadith) e da Eloqüência. Aliás, a conexão dos quatro eruditos (Abu Hanífa, Al-Máliki, Al-Cháfii e Ahmad Ben Hânbal) e outros filósofos com os dois imames xiitas da linhagem do Mensageiro, que são: o 5º Imam Mohammad Al-Báquer e o 6º Imam Jaafar Assadeq (pelo período de 67 a 148 Hijrita / 686 a 768 d.C.) é bem conhecida.

O que os xiitas conseguiram, em se tratando de progresso nos Regulamentos da Eloqüência, no tempo de Al-Wahíd Al-Bahbaháni (morto em 1205 Hijrita / 1820 d.C.), particularmente no tempo do Sheikh Mortada Al-Ansári (morto em 1281 Hijrita / 1896 d.C.) é impressionante e nunca alcançado por nossos irmãos sunitas nos Regulamentos da Eloqüência.

2° Caminho - As Teses Intelectuais

O Pensamento Intelectual, Filosófico e Expressivo

Nós apontamos anteriormente que o Alcorão apóia e incentiva a atividade intelectual do homem, considerando-a parte do pensamento religioso. E esta atividade, confirmando a profecia do grandioso Profeta Mohammad (S.A.A.S.), faz com que o exoterismo do Alcorão, com a inspiração divina e os sermões do Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) e de seus descendentes provenientes dos Ahlul Bait (A.S.), seja uma fonte de constatação intelectual, na qual o homem confirma seus entendimentos e, na qualidade inata divina, esta fonte se distingue em duas partes: o Argumento e o Debate.

O Argumento - A motivação é tirada de acontecimentos reais, mesmo não vistos, ou em outros termos, questões percebidas pelo homem em sua vida, pela sua qualidade de ser racional. Por exemplo: Sabemos que o número três é menor

que o número quatro. Este tipo de raciocínio chama-se Atividade Intelectual. E se essa atividade for aperfeiçoada a nível superior e dirigida à pesquisa e estudo do início da Criação (do mundo), teremos o que se chamaria de Atividade Intelectual Filosófica.

O Debate - Para a análise do assunto submetido, recorre-se a testemunhos e à simbologia, como é hábito entre os adeptos das religiões e seguidores de seitas. Partem sempre do ponto de vista das respectivas crenças, observando suas normas e regulamentos. O Alcorão Sagrado engloba estes dois métodos acima mencionados. Aliás, há muitos Versículos neste Livro Celestial, pertinentes aos dois temas:

Primeiro - Determina para se ter pensamento livre e abrangente sobre a natureza em geral e sobre a ordenação global do mundo em que vive o ser humano e, também, sobre as partes que compõe o todo, como o céu, as estrelas, a noite, o dia, a terra, as plantas, os animais, o homem, etc...

Segundo - Ordena o pensamento analítico, isto é, o racional, na análise e na discussão temático-dialética, desde que conduzida de forma harmoniosa, de maneira a se provar o direito, sem que se firam sensibilidades, como Deus recomenda em Seu Livro Sagrado:

> *"Convoca à senda de teu Senhor com prudência e bom diálogo e debate com eles da melhor forma..."* Surat Annahl - Capítulo 16, Versículo 125.

Extensão do Progresso dos Xiitas no Pensamento Filosófico e Expressivo no Islam

Desde que a minoria xiita se separou da maioria sunita, os xiitas passaram a debater com seus opositores sobre os pontos de vista que eles adotavam, próprios deles unicamente.

É bem verdade que as divergências têm dois extremos que ligam os antagonistas, porém, os xiitas tinham a posição de desafiantes e os outros de defesa, e quem se posiciona como desafiante, sem dúvida deverá ter preparado os meios suficientes para o debate, para em seguida investir.

O progresso alcançado nas pesquisas e debates orais de forma gradual, durante o Segundo e princípio do Terceiro século Hijrita (Séculos Oito e Nove d.C.) atingiu seu apogeu, pois os sábios xiitas e seus instrutores, os quais foram os discípulos das escolas dos descendentes dos Ahlul Bait (A.S.), estavam sempre na dianteira dos adversários.

Todos os oradores sunitas, sejam notificantes ou separatistas, acabam chegando em suas graduações até o 1º Imam xiita Ali Ben Abi Taleb (A.S.), porém, os que conheceram os relatos dos Companheiros (Sahaba), sabem perfeitamente que de todos os vestígios atribuídos à eles (tendo-se em registro doze mil deles), não se encontra um que se conecta ao pensamento filosófico, exceto o Imam Ali (A.S.), o qual, em sua mensagem e belas cartas fantásticas sobre o conhecimento de Deus Supremo, destaca-se pela sua profunda filosofia.

Nos dois primeiros séculos hijritas (Séc. VII d.C.), os Companheiros (Sahaba) e seus seguidores, inclusive os árabes de modo geral, não possuíam nenhum pensamento filosófico livre, enquanto que, podia-se encontrar nas palavras graves do Imames xiitas, principalmente do 1º Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.) e do 8º Imam Ali Ben Mussa Al-Reda (A.S.), verdadeiros tesouros de pensamentos filosóficos, os quais os transmitiram a seus discípulos.

O árabes permaneceram distantes do pensamento filosófico até o aparecimento da tradução de alguns livros da filosofia grega, passados à língua árabe no início do Segundo século hijrita (Século VIII d.C.). Depois, diversas outras obras filosóficas traduzidas do grego e do aramaico para o árabe, no início do Terceiro século hijrita (Século IX d.C.), o que facultou e facilitou esses conhecimentos, pondo-os ao alcance de todos. Mesmo assim, muitos eruditos e oradores não deram muito valor à filosofia e demais estudos intelectuais que chegavam a eles ainda recentemente, e isto foi devido à falta de incentivo, e até, a certas restrições impostas pelos governos da ocasião.

Decorridos tempos, a situação se modificou e vieram proibições veementes do cultivo da filosofia, inclusive, os livros eram lançados ao mar, a exemplo do livro alusivo às Cartas da Fraternidade de Al-Çafá (Rassá-El Ekhuán Açafá), de autoria de diversos pensadores, o que vem a ser a prova da insensatez e da instabilidade emocional daquele tempo. Depois disto, em princípios do Quarto século hijrita (Século X d.C.), a filosofia se propagou pelas mãos de Abi Nassr Al-Farabi que difundiu no Islam a filosofia de

Aristóteles, e, no início do Quinto século hijrita (Século XI d.C.), com os esforços do filósofo Abi Ali Ibn Sina[56], essa ciência atingiu grande expansão. No Sexto século hijrita (Século XII d.C.), o Sheikh Sahrurdi criou "A Filosofia do Esplendor", e foi assassinado por isso, por ordem do Governador Saláh Edin Al-Ayúbi (Saladino I). Depois disto a filosofia entrou numa fase de decadência até o Sétimo século hijrita (Século XIII d.C.), quando então, na Andaluzia[57], nos limites dos Estados Islâmicos, o pensador Ibn Arruchd Al-Andaluci[58] reativou os estudos filosóficos.

Os Xiitas sempre se esforçaram no Campo da Filosofia e Outras Ciências Intelectuais

Os xiitas, como já foi dito, foram os precursores do pensamento filosófico, dando muita importância à evolução desse pensamento, e sempre se esforçaram para a expansão da ciência intelectual.

Depois da morte de Ibn Arruchd (Arrázi) a filosofia desapareceu entre a maioria dos sunitas, o que não aconteceu entre os xiitas. A seguir, muitos filósofos se destacaram, a exemplo de Khawája Nassir Edin Al-Tússi, Chams Edin Mohammad Turkeh, Mirdamád e Sadr Al-Muta-ahhelin, e cada um desses eruditos, contribuiu para a evolução da ciência filosófica.

Também, nas demais ciências intelectuais, se destacaram Khawája Al-Tússi, Albert Jundi e outros. Todos estes conhecimentos, particularmente a filosofia teológica, progrediram de forma sólida e penetrante, graças à dedicação e esforços dos pensadores xiitas.

56 Ibn Sina, ou seja, Avicena, médico e filósofo iraniano, cognominado por "O Príncipe dos Médicos", nasceu em Isfahán no ano 980 d.C. e morreu em Hamadán no ano 1037 d.C. Ele foi um dos homens mais notáveis do Oriente pela extensão de seus conhecimentos. Entre outras de suas obras, destacamos A Filosofia Iluminativa (NT)

57 Região ao sul da Espanha, dividida em oito Províncias: Al-Meria, Cádiz, Córdoba, Granada, Huelva, Jáen, Málaga e Sevilha. Os árabes ocuparam a Andaluzia (Al-Andalus) de 711 d.C. até 1492 d.C., criando uma brilhante civilização. (NT)

58 Ahmad Ibn Arruchd, ou seja, Arrazi, historiador hispano-muçulmano, autor da "Geografia e História da Andaluzia". (NT)

Por que a Filosofia permaneceu entre os Xiitas?

O principal fator que fixou em definitivo o pensamento filosófico e o fez expandir-se, deus-se graças aos Imames xiitas e seus mestres, que o tornaram um dos tesouros culturais do xiismo, e, a propagação posteriormente alcançada é precisamente devida a essas relíquias cultivadas e deixadas pelos xiitas, que as consagravam.

Estes tesouros culturais se comparam aos descendentes do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) provenientes dos Ahlul Bait (A.S.), cujas obras filosóficas foram surgindo no decorrer dos tempos.

Evidentemente, nós vimos que a filosofia se aproxima muito dessas relíquias culturais, ocorrendo isto até o nascer do Décimo Primeiro século hijrita (Século XVII d.C.), quando praticamente não havia nenhuma diferença essencial, notando-se apenas, pequenas diferenças de interpretações.

Cinco dos destacados Sábios Xiitas

1) Thiqat Al-Islam[59] Mohammad Ben Yaaqúb Al-Kulaini, falecido no ano 329 Hjrita (909 d.C.), foi o primeiro sábio xiita que reuniu e organizou os temas da eloqüência e da teologia das obras literárias xiitas, as quais estavam registradas em sua essência (que é a raiz do que o narrador coletou sobre as personalidades provenientes dos Ahlul Bait (A.S.) de forma específica) em um só compêndio, cujo tomou o título de *Al-Káfi*, isto é "O Suficiente", e o qual se divide em três partes: "Os Regulamentos" (Al-Uçúl), "As Ramificações" (Al-Furú') e "Os Prados" (Al-Mutaforqát, ou Alcorânicos), e abrange 16.1999 relatos da Tradição (Hadith). E este livro é considerado uma das mais famosas obras sobre a Tradição no mundo do Xiismo.

E eis que existem mais três obras literárias depois do *Al-Káfi*, não menos valiosas, e que são: *Men Lá Yahdorohu Al-Faquih*, isto é, "Aquilo que o Eloqüente não Assiste", de autoria do Sheikh Açuddúq Mohammad Ben Babaweih Al-Qomi, falecido em 381 Hijrita (961 d.C.) – *Attahzíb*, ou seja, "A Educação" e *Al-Istibçár*, isto é, "Em consideração", ambos de autoria do Sheikh Al-Tússi, falecido em 460 Hijrita (1040 d.C.).

59 "Thiqat Al-Islam" significa "A Confiança no Islam". (NT)

2) Abu Qássem Jaafar Ben Hassan Ben Yuhai Al-Huli, conhecido como Al-Mohaqqeq, ou seja, "O Pesquisador", falecido no ano 676 Hijrita (1256 d.C.), tem lugar entre os destacados eruditos nos estudo da teologia e é um dos famosos sábios xiitas. Os livros "O Resumo Útil", ou seja, *Al-Mokhtaçar Annáfe* e "Os Dogmas", isto é, *Achará-e'*, foram os melhores que ele escreveu sobre a teologia, e há setecentos anos esses livros são motivo de admiração e respeito entre os sábios e eruditos, que os têm ao alcance das mãos.

Dos livros que seguiram a obra intitulada *Al-Káfi*, de autoria de Al-Kulaini, há outra obra intitulada "O Brilho Damasquino", ou seja, *Allâmaa Addimachquiya*, de autoria do pesquisador Chams Edín Mohammad Ben Maki, o primeiro mártir que morreu em Damasco, na Síria, no ano 786 Hijrita (1366 d.C.) acusado por professar o xiismo. Chams Adin registrou seu livro em alto estilo, durante sete dias em que estivera no cárcere.

Outro livro intitulado "Descerramento da Coberta", ou seja, *Kachf Al-Ghattá*, de autoria do Sheikh Jaafar Káchef El-Ghattá Al-Najafi, é considerado uma de suas melhoras obras.

3) O Sheikh Mortada Al-Ansári Al-Tastari, falecido no ano 1281 Hijrita (1861 d.C.), aperfeiçoou o estudo dos Regulamentos da Eloqüência e libertou os sistemas de suas normas operacionais, o que é de grande valia. Sua escola, ou seja, o seu estilo e método, continuam valendo, sendo respeitados pelos sábios há mais de cem anos.

4) Khawája Nassir Edin Al-Tússi, falecido em 676 Hijrita (126 d.C.), e que foi o precursor da arte da Oratória, tem uma de suas mais famosas obras, rica em seu conteúdo, intitulada por "Absorção da Palavra", ou seja, *Tajríd Al-Calám*, obra esta de mais de setecentos anos, e que ainda continua sendo admirada pelos entusiastas da arte da oratória. Este livro já foi editado com inúmeras explicações e anotações pelos especializados no assunto.

Além de ser um privilégio no estudo da expressão, ele é considerado um dos mais destacados de sua época no estudo da filosofia e da matemática, e, o melhor testemunho disto são as diversas obras importantes que ele produziu, com variados temas intelectuais.

5) Sadr Edin Mohammad Al-Chirázi, nascido no ano 979 Hijrita (1559 d.C.) e falecido em 1050 Hijrita (1630 d.C.). Foi o primeiro filósofo

a classificar e organizar os temas filosóficos e matemáticos (depois de dispersos por séculos na era islâmica), obtendo os seguintes resultados:

Primeiro - A abertura de espaço para que a filosofia fosse colocada e discutida a fim de que centenas de questões fossem resolvidas. Este espaço não existia antes.

Segundo - A facilidade proporcionada para a exposição de questões racionais (o que se considerava, até então, fora da lógica e acima do nível intelectual do homem), sua pesquisa e análises.

Terceiro - Muitas questões religiosas e expressões filosóficas e profundas dos Imames descendentes do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) e provenientes dos Ahlul Bait (A.S.), as quais permaneceram por séculos indecifráveis, sendo descritas de forma análoga, o que não teria fundamento, e por isso eram consideradas pela maioria, como questões assimiladas. Por conseguinte, os exoterismos religiosos islâmicos acabaram alcançando o conhecimento e a filosofia na maior parte dos recursos, ficando em um mesmo método.

Entretanto, houve quem se dedicasse a esta incumbência antes de Sadr El-Muta-ahhelín, tais como o Sheikh Assahrurdi, autor do livro *Hikmat Al-Achráq*, ou seja, "A Prudência do Esplendor", e Chams Edín Mohammad Turkeh, ambos filósofos do Século Seis Hjrita (Século XII d.C.), os quais se empenharam em estudos frutíferos, sem no entanto conseguirem um sucesso total, sendo porém, alcançado por Sar El-Muta-ahhelín.

Sadr El-Muta-ahhelín teve sucesso por seguir essa metodologia ao confirmar o ponto de vista do movimento substancial, descobrindo "a quarta dimensão" e "a teoria comparativa" (fora da lógica mental e intelectual); ele escreveu mais de cinqüenta obras, entre livros e cartas, sendo o seu livro filosófico mais importante o "As Escrituras", isto é, *Al-Asfár* composto por 4 Volumes.

3° Caminho - O Manifesto

O Homem e Sua Compreensão nos Reconhecimentos[60]

Ao tempo em que a maioria das pessoas luta pela sua sobrevivência, para prover suas necessidades diárias, sem se importar com os valores morais, pois há nelas um instinto que se chama "instinto do amor próprio", que nelas se desenvolve, levando-as à percepção de uma série de questões psicológicas.

Todo homem (apesar dos sufistas e similares denominam toda verdade e todo incidente por superstição) crê em fatos concretos, e vemo-lo por vezes, observar por sua natureza e consciência as ocorrências reais no Universo, isto de um lado, e de outro lado, sente que parte deste mundo se extingue, pois ele percebe o mundo como um espelho que destorce os fatos e valores incontestes. E quando ele capta suas delícias os demais prazeres tornam-se insignificantes sob seu ponto de vista, o que o leva a se afastar das atrações transitórias da vida.

Esta é a intensidade da atração pelo reconhecimento que leva o crente a um mundo superior, enraizando em seu coração a grandeza de Deus e Sua Majestade, fazendo-o distanciar-se das coisas do mundo, e esquecê-las, vivendo para a adoração de Deus, que não se vê, mas que está presente em tudo o que se vê e se ouve.

Em verdade, essa atração secreta proporciona ao homem o amor a Deus Todo Poderoso, e o consciente ama-O com fervor e sinceridade, sem ser movido pelo egoísmo nem pelo medo. Conclui-se daí, que o reconhecimento não é uma religião entre outras, mas um caminho que leva à adoração (adoração pela fé sincera e não pelo medo ou por interesse). É o caminho da compreensão e da constatação da verdade das religiões, comparado ao caminho do exoterismo religioso e da meditação.

Todas as religiões divinas, e até as pagãs, têm seus adeptos, os quais adotam também este caminho. Portanto, seja no Paganismo, Judaísmo, Cristianismo, Zoroastrianismo ou Islamismo, existem pessoas informadas e pessoas desinformadas.

60 É quando se admite a legitimação e sua veracidade. (NT)

A Constatação dos Reconhecimentos no Islam

Entre os Companheiros (Sahába) do nobre Profeta (S.A.A.S.) (que a história cita-os como aproximadamente doze mil), o Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.) se distingue entre todos por suas belas-letras que transmitem o reconhecimento e as etapas psicológicas da vida, por conter plenas preciosidades. Aliás, nos registros que temos ao nosso alcance, entre os demais Companheiros (Sahába), não se encontra quem se lhe compare.

Os mais famosos Companheiros e discípulos do Imam Ali (A.S.) foram: Salmán Al-Fárisi - Ouaiss Al-Qorni - Kuwail Ben Ziád - Rachíd El-Hidjri e Mâitham Attammár.

Os sábios muçulmanos em geral, consideram-nos Imames e seus guias espirituais.

Outro grupo desses Companheiros, os quais estão em segunda categoria, são: Táwúss Al-Yâmani - Málek Ben Dinár - Ibrahim Al-Âdham e Chaquíq Al-Balakhi, os quais surgiram no século Dois da Hidjra (Século Oito d.C.), e que eram conhecidos por seu desprendimento, homens santos de Deus (*Ouliá Allah*), sem se ostentarem por seus reconhecimentos e seus sufismos. Contudo, eles não negavam a sua ligação e intensidade de suas influências com os homens do primeiro grupo.

Um terceiro grupo apareceu no fim do Segundo século Hijrita (Século Oito e Nove d.C.), como Báyazí Al-Busttâni - Al-Marrouf Al-Carakhi - Junaid Al-Baghdádi e outros, que adotaram o caminho da compreensão e se ostentam pelo reconhecimento e pelo sufismo, tendo ditos com a extensão das revelações por eles encontradas, as quais eram provocantes ao ponto de incitarem a revolta e a indignação dos eruditos e pensadores naquela ocasião, originando uma série de querelas, levando alguns deste terceiro grupo às prisões e outros à forca.

Mesmo assim, mostraram-se obcecados pelo radicalismo e fanatismo diante de seus opositores, fazendo com que o seu sistema se expandisse e se propagasse cada vez mais até chegar ao seu apogeu nos séculos Sete e Oito na Hidjra (séculos Treze e Catorze d.C.), apesar de vez ou outra, ora avançava e ora recuava, tendo suas raízes ainda vivas até os nossos dias.

Conforma as evidências, a maioria dos teólogos especializados no reconhecimento, os quais eram mencionados nos livros dos Reconhecimentos, eram sunitas, e o método que assistimos hoje (o qual abrange um todo de hábitos e tradições ue não encontram bases no Alcorão e no Preceito) nos lembra aqueles dias, mesmo que alguns daqueles costumes e tradições tenham sido passados aos xiitas.

É como se diz, eles (os teólogos especializados no reconhecimento) acreditavam que o Islam necessitava de um método e um comportamento, e os muçulmanos já conseguiram atingir o conhecimento da alma, o qual é admitido pelo Criador Protetor e Majestoso, tal como ocorre na vida monástica entre os cristãos, mesmo que não houvesse fundamento para isso na catequese cristã, os cristãos a adotaram como sistema. Deus revelou o seguinte:

> *"... No entanto, seguem a vida monástica, que inventaram, mas que não lhes prescrevemos; (Nós lhes prescrevemos) apenas compraz a Deus; porém, não o observaram devidamente..."* Surat Al-Hadíd - Capítulo 57, Versículo 27.

Presume-se do que se antecipou que os teólogos dessa metodologia fizeram de tudo o que constataram benéfico nos usos e costumes, como sendo um método e um comportamento a ser seguido obrigatoriamente por seus adeptos e, com o passar dos tempos, tornou-se um caminho largo e independente, tal como a obediência e a submissão, a música e as canções nas cerimônias.

Alguns desses grupos chegaram a separar o dogma para um lado, e o método para outro. E os adeptos dessa metodologia passaram para o sistema da seita *Al-Bátiniya*.

Entretanto, o ponto de vista dos xiitas, com base em fontes sólidas do Islam (que são o Alcorão é o Preceito Sunnah) é oposto a isto, pois é impossível que os textos religiosos tenham se descuidado desta verdade, ou tenham negligenciado um dos lados do sistema e do método, ou ainda, tenham fechado os olhos às obrigações e deveres de qualquer pessoa, seja quem for.

Diretrizes do Livro (Alcorão) e do Preceito (Sunnah) para o Conhecimento da alma e seus Métodos

Deus Glorioso ordena a todos em diversos Versículos de Seu Livro Sagrado (Alcorão), a seguirem-no e a não se conformarem com a compreensão do lado exotérico do Alcorão apenas, mostrando que o mundo da natureza, sem exceção, com tudo o que possui, é prova e sinal de Sua Presença.

Se meditássemos e empregássemos no significado do Versículo e suas evidências, se esclarecerá que o Versículo e a evidência em si apontam para outro sentido e não o deles próprios. Por exemplo: aquele que vê a luz vermelha, indicadora do perigo, tem sua mente assaltada pelo perigo em si e não se fixa na luz em si, pois se ele se atém apenas à luz ou a cor do farol que a projetou, sua mente só registra o vidro ou a cor, e não se lhe projeta o sentido do perigo.

Então, se o mundo e suas aparências são versículos e evidências do Criador, essa existência não seria independente, mesmo se for vista de qualquer ângulo ou sob qualquer aspecto, porque ela sempre acaba se direcionando a Deus Glorioso!

E aquele que olha para o mundo e o Universo por este prisma e de acordo com os ensinamentos do Alcorão Sagrado e sua orientação, só constata a presença de Deus, louvado seja. E, em vez de ver a beleza do mundo, ele vislumbra uma beleza transcendental, infinita e eterna, imediatamente, o homem se esquece de si e se entrega ao amor de Deus Majestoso!

Essa constatação não se alcança pelos sentidos, como a visão e a audição, e nem através da imaginação e da mente, porque elas não passam de simples sinais e evidências, por estarem inadvertidas sobre estas orientações e evidências.

Quem segue por este caminho, evidentemente que se esquecerá de tudo exceto de Deus Supremo, e quando ouve a Sua revelação que diz:

> *"Ó fiéis, resguardai as vossas almas, porque se vos conduzirdes bem, jamais poderão prejudicar-vos aqueles que se desviam; todos vós retornareis a Deus, o Qual vos inteirará de tudo quanto houverdes feito".* Surat Al-Má-eda - Capítulo 5, Versículo 105.

Saberá que a principal senda que o levará à orientação perfeita é o caminho da alma humana, a verdadeira diretriz será o próprio Deus Altíssimo, que o

incumbiu no conhecimento de si mesmo e a seguir nesta vereda, deixando de lado outros meios para se chegar a Deus, o Qual atenderá aos seus anseios.

O nobre Profeta Mohammad (S.A.A.S.) disse: *"Aquele que conheceu a si mesmo, conheceu o seu Senhor."*

Em outra ocasião, ele (S.A.A.S.) também disse: *"Se conhecerdes as vossas almas, conhecerdes o vosso Senhor."*

O método da circulação e do comportamento, que é o anunciado em diversos Versículos alcorânicos e que ordena à lembrança de Deus Supremo, conforme o dito: *"... lembrai de Mim que eu me lembrarei de vós..."*[61], além de outras mensagens decifradas pelo Preceito (Sunnah) o qual as esclarece e encerra, como onde diz: *"...pois vós tendes no Mensageiro de Deus um excelente exemplo"*[62].

É possível imaginarmos que o Islam nos indica o caminho de Deus Supremo sem incentivar as pessoas em seguí-lo, ou que o mostra sem explicar o seu conteúdo, ou negligenciá-lo quando nos é afirmado no Alcorão: *"Nós te revelamos o Alcorão como evidência de tudo, e orientação, misericórdia e anunciação aos muçulmanos."*[63]

61 Surat Al-Baqara - Capítulo 2, Versículo 152.
62 Surat Al-Ahzáb - Capítulo 33, Versículo 21.
63 Surat Annahl - Capítulo 16, Versículo 89.

Capítulo 3

As Crenças Islâmicas do Ponto de Vista dos Xiitas Imamitas

A Visão do Universo através das Criações e dos Fatos - A Necessidade da Existência de Deus Supremo

O primeiro passo para a afirmação da presença de Deus é o que se dá através da constatação sensorial e da anímica, dois elementos estes que nascem com o homem. A partir deles se confirma a existência e contínua presença de Deus. Erra quem vê o mundo como uma simples imaginação fictícia, pois sabemos que o homem, desde que nasce, constata e sente, vê-se e vê ao mundo, e não duvida de sua própria existência e de tudo o que vê, pois essas duas faculdades estão dentro de si e fazem parte de sua constituição.

Essa realidade e a presença de Deus que se provam perante os sufistas e os que duvidam são incontestes e se opõem a toda e qualquer argumentação dos mesmos. O mundo e o Universo são uma realidade criada pelo Ente Superior. Tudo o que se constata é uma verdade criada, palpável que irá se desvanecendo e desaparecerá no futuro, não importando se próximo ou distante.

Conclui-se, daí, que o Universo, com tudo que nele existe, não se formou pelo acúmulo de elementos a esmo, mas nasceu, sim, da Vontade Superior de Deus, segundo Sua Determinação. A observação do todo nos leva à afirmação da existência de Deus Todo Poderoso.

Outro Ponto de Vista sobre a Ligação do Homem com o Mundo.
Conclusão do Capítulo "Unicidade de Deus"

A forma exposta no capítulo anterior, para a constatação da existência de Deus é simples, não exigindo indagações, pois o homem, com a inteligência que Deus lhe deu, consegue captá-la.

Ocorre, porém, que para a maioria das pessoas, com sua ligação contínua com o materialismo, e interesse na satisfação de suas paixões, torna-se difícil voltar atrás para a natureza congênita, que é a evidência da natureza divina.

Por conseguinte, o Islam, com seus dogmas infalíveis, declara que a sua doutrina é Universal e que todos são iguais diante da religião e suas pretensões, pois ele confirma a existência de Deus Altíssimo através de um método e estilo que é a natureza clara, a qual a humanidade negligenciou, e então, o Islam transmite-lhe o caminho, com o qual pode-se conhecer a Deus Majestoso.

O Alcorão Sagrado aponta diversos caminhos e meios, ao alcance de todos, para se chegar ao conhecimento de Deus Poderoso. Direciona-se, sempre, à criação do mundo e à ordem das coisas nele existentes e conduz à observação e à meditação sobre os horizontes e os seres vivos, mostrando que o homem, dentro da efemeridade da sua vida terrena, não diverge nem se destaca da natureza da qual ele faz parte, por mais que tente, e tampouco pode desviar o olhar dos prodígios cativantes, seja na Terra ou no céu, no que se refere aos sentimentos e compreensões.

O Universo, com todas as suas divisões, está sujeito a alterações e mutações constantes, aparecendo, se bem observado, sempre modificado. Deus, louvado seja em Sua Majestade, revelou:

> *"Sabei que nos céus e na terra há sinais para os fiéis. E em vossa criação e de tudo quanto disseminou, de animais, há sinais para os persuadidos. E na alternação do dia e da noite, no sustento que Deus envia do céu, mediante o que vivifica a terra depois de haver sido árida, é na variação dos ventos, há sinais para os que raciocinam. Tais são os versículos de Deus que, em verdade, te revelamos. Assim, pois, em que exposição crerão, depois de (rechaçarem) Deus e os Seus versículos?"* Surat Al-Játhiyah - Capítulo 45, Versículos de 3 a 6.

De acordo com as Leis que não aceitam exclusão, realiza-se o que tem de ser realizado. E o Universo, pelo que possui, e nele contém, da mais longínqua

Via-Láctea ao menor átomo, as quais formam o mundo todo, obedece a um só sistema claro e evidente, passando paralelamente por normas surpreendentes e incógnitas à razão, atuando desde a sua precariedade até o seu complemento, a fim de alcançar o objetivo maior que é a perfeição.

E, além dos sistemas especiais, existem sistemas gerais do Universo, os quais ligam partes infinitas, umas com as outras, e concordantes entre si, as quais, com seus contínuos movimentos, é impossível descrevê-las.

Por exemplo, o sistema da criação. No caso do ser humano ter sido destinado a viver no planeta Terra, a sua natureza se fez convir com o círculo em que ele vive e vice-versa. E tudo que existe em se tratando do Sol, da Lua, das estrelas, da água, da terra, da noite, do dia, das estações do ano, das nuvens, dos ventos, da chuva, das riquezas minerais no subsolo e na superfície, enfim, tudo foi posto para o bem-estar do homem e sua felicidade. Portanto, nós acabamos de observar que este elo liga reciprocamente o ser à natureza, sendo que o mesmo ocorre no lar em que vivemos.

Esta interligação existe em todos os sentidos. Veja-se: Enquanto a natureza proporciona o bem para o homem, ao mesmo tempo lhe proporcionou as pernas para buscá-lo e as mãos para tomá-lo. Formando-se uma corrente cujas argolas se entrelaçam entre si, e tudo isso em prol de sua existência e aperfeiçoamento.

Nenhum dos pensadores duvida que esses relacionamentos, incalculáveis, conhecidos através dos estudos, ao longo de milhares de anos, não são mais que indícios dos mistérios da Criação, e que são os primeiros passos no caminho de conhecimentos mais profundos nesse campo. Será possível admitir que este mundo, com todas as suas maravilhas, existiu sempre sem que tivesse sido criado e que não há razão alguma para a sua existência?!

Seria possível admitir-se que toda essa maravilhosa ordenação, seja parcial, seja global, do mundo, e todo o equilíbrio que harmoniza o todo do Universo que está acima e muito além das nossas possibilidades analíticas e intelectivas é estática e imutável, e que tudo isso veio do nada ou é fruto do simples acaso e seus caprichos?

Ou que cada uma das partes do mundo, ou ele no seu todo, tenha vindo pelo caminho do NADA e se formado? Ou será que o mundo, em sua unidade completa e abrangente, com o inter-relacionamento e interdependência que existem entre as partes, formando um todo que harmoniza, não se desenvolve em conformidade com normas concretas?

É natural que o homem atribua a toda aparência (efeito) uma causa, e a todo mal uma origem, e ocorre às vezes, dedicar vários dias em busca de uma causa ignorada e progredir em seus estudos. Esse homem, quando se depara com uma construção arquitetônica e artisticamente feita, elimina a hipótese de obra do acaso e conclui pela certeza de um planejamento concreto e certo que originou o mundo. Da mesma forma, o Universo por tudo o que nele se vê, na perfeição das partes que o compõem, nas relações vitais que as unem, são obras de um Grande Criador, o Qual fê-los existirem com Sua sapiência e Seu poder ilimitado, conduzindo-os para determinados objetivos, sendo que tudo, do mais simples ao mais importante se conclui n'Ele, porque tudo se submete diante de Sua grandeza e de Sua autoridade, e tudo que há no Universo necessita d'Ele e Ele não necessita de nada e de ninguém, porque Ele, Deus Supremo, é Perfeito e Independente!

A Unicidade de Deus Supremo

Cada uma das realidades do mundo é considerada uma realidade limitada, isto é, que goza de uma presença admitida e considerada (admissão do motivo da presença e sua condição), e inclusive se considera também, em conformidade com a suposição e cálculo (admissão da falta de motivo e condição), que tem limites certos e determinados, isto, se não estiver além destes limites, pois Deus Majestoso é isento de limitações, porque Ele é Absoluto e existe em todas as hipóteses, ou seja, Deus não é Efeito e sim Causa não causada, como não necessita de motivos e condições e tampouco está preso a alguma coisa.

Não nos é possível imaginar ou atribuir um número certo para um volume indeterminado, sem que estejamos, com isso, criando um segundo número que não será o primeiro. Como resultado, teremos dois números diferentes, definidos, que se impõem limites, mutuamente, porém, Deus Altíssimo é Uno e ninguém se Lhe associa[64].

64 O "Príncipe dos Crentes" o Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.) disse: “A Sapiência de Deus determina a Sua personalidade, isto é, a confirmação da existência de Deus Supremo... e Ele é uma Existência eterna e ilimitada, suficiente em Sua Unicidade, porque um outro não se pode assemelhar ao ilimitado”.

A Personalidade e as Atribuições

Se observarmos o homem, do ponto de vista subjetivo, veremos nele uma personalidade que lhe é peculiar, própria. Possuindo também qualidades que igualmente o destacam, como também o identificam, a exemplo da filiação, se é sapiente, poderoso, alto, belo e outros tantos detalhes.

Algumas pessoas características não se separam da personalidade (ou identidade), como a primeira citada. Outras, entretanto, como o grau de cultura, separam-se ou se modificam. De qualquer forma, as qualidades ou características não compõem a identidade ou personalidade. São distintas entre si.

Este entendimento (a personalidade ser independente das atribuições e as atribuições caracterizarem-se entre si) é a melhor prova de que a personalidade é manifesta, ou identificada pelas qualidades e que essas qualidades são o espelho que reflete a personalidade. Ambas são limitadas e determinadas, pois se a personalidade não fosse limitada e determinada abrangeria as qualidades, e estas, igualmente, estariam difusas umas nas outras, passando a ser uma só. Por exemplo, se a personalidade humana se resumisse a uma força, e se essa força contivesse em si a cultura, a altura e a beleza, formando um todo imutável, tudo isso, então, não teria senão um só significado.

Conclui-se do exposto que não se pode atribuir qualidades (no sentido supra referido) a Deus, louvado seja! Porque toda qualidade é limitada e Sua Sagrada Personalidade é isenta de limitações (até da própria isenção que se considera Qualidade Sua).

O Significado das Atribuições de Deus Supremo

Há no mundo muitos predicados tidos como atribuições que constatadas em algo refletem seu aperfeiçoamento, aumentando-lhe o valor, como se percebe na comparação de um corpo humano vivo com outro sem vida tal qual uma pedra.

Sem dúvida, estes predicados são dádivas de Deus Supremo que, se delas precisasse, não as teria dado (quem precisa de algo não o dá) e as faria se graduarem no caminho da perfeição. Por isso, deve-se afirmar em mente sã, que o Criador se caracteriza pela sabedoria, pelo poder absoluto e pela perfeição real.

Além disso, as bases do conhecimento e da avaliação, e ao mesmo tempo, os efeitos da vida, são constatáveis e claras no sistema da criação.

Pelo fato da essência de Deus ser ilimitada e indeterminada, estes predicados que se atribuem a Ele, em verdade, compõem o Seu Todo, e assim, cada atribuição é irmã da outra[65].

Contudo, as divergências que existem entre a essência e as atribuições e até entre as características entre si, se detêm com o discernimento, porém, na verdade, só há um princípio, indivisível.

O Islam exige de seus adeptos a não caírem nestas assimilações (as quais são limitadas pelas atribuições, ou a negação da origem da perfeição) a fim de não as colocar entre a extinção e a confirmação[66]. E o Islam ordena com isso, a convicção de que Deus é Sapientíssimo, que não é o conhecimento de outro, e de que Ele possui todo o Poder, que não é poder de outros. Portanto, Ele ouve sem permissão e vê sem que seja através dos olhos literalmente, e assim sucessivamente.

Outros esclarecimentos sobre o Significado das Atribuições

As atribuições são de dois tipos: As da perfeição e as da imperfeição.

As atribuições da perfeição - Como já apontado, significam as justificativas que gratificam o qualificado para um valor existencial maior, com destaque e acentuação. E isso se comprova com a comparação entre um ser pleno de vida, sábio e poderoso, com outro sem ânimo de vida, sem raciocínio e sem poder algum.

65 O 6º Imam Jaafar "Assadeq" (A.S.) disse: "Deus Protetor e Majestoso há de permanecer como sendo o nosso Senhor; o conhecimento sobre Ele sem conhecê-Lo; ouvir sobre Ele sem ouví-Lo; sentí-Lo e sabê-Lo Todo Poderoso sem ser pré-destinado".

66 Sobre Abi Jaafar e Abi Abdulláh (A.S.), os quais disseram: "Deus é a Luz e não é trevas; n'Ele há o conhecimento e não a ignorância; a vida e não a morte". Certa vez perguntaram ao 8º Imam Ali Ben Mussa "Al-Reda" (A.S.) sobre a Unicidade, e ele respondeu: "... e na Unicidade, as pessoas têm três arranjos: O Credo da Justificação com Assimilação - O Credo da Constatação - O Credo da Justificação sem Assimilação. O credo da Justificação com Assimilação não é permitido. Ao credo da Constatação também não se permite; portanto, o caminho certo, é pelo terceiro credo que é a Justificação sem Assimilação".

As atribuições da imperfeição - São as qualidades opostas. Quando observamos estas imperfeições, constatamo-las em sentido de negação, de carência de perfeição e no domínio da ignorância, da fraqueza, do abominável, da moléstia espiritual e demais negativismos.

E conforme se antecipou, chega-se à conclusão de que a constatação das atribuições da imperfeição significa o destaque das atribuições da perfeição. Assim como a objeção contra a ignorância, significa a cultura, a oposição contra a fraqueza significa a força. Por conseguinte, encontramos o Alcorão Sagrado justificar e confirmar todas as atribuições da perfeição diretamente a Deus Supremo, afastando-O de qualquer atribuição inferior, tal como é mencionado:

> *"... e Ele é o Sapiente Poderosíssimo..."*[67], e, *"Ele é o Vivente, o Auto-Subsistente, não O toma a modorra nem d'Ele se apossa o sono..."*[68], e, *"E sabei que jamais podereis frustrar a Deus (através de vossa falsidade)..."*[69].

A conclusão a que se chega é que Deus Supremo é uma Realidade Absoluta, não tem começo nem fim, e, por conseguinte[70], toda e qualquer Atribuição da Perfeição subentende que se refere a Ele, sem porém, que seja delimitada, porque Ele não é matéria e nem corpo, e não se dimensiona em qualquer lugar ou espaço de tempo (época), isento de qualquer característica acidental. Enfim, todas as Suas qualidades e atribuições, têm o quilate da Perfeição, tal como Ele revelou: "Nada se Lhe assemelha..."[71].

67 Surat Arrúm - Capítulo 30, Versículo 54.

68 Surat Al-Báqara - Capítulo 2, Versículo 255.

69 Surat Attaubah - Capítulo 9, Versículo 2.

70 O 6º Imam Jaafar "Assadeq" (A.S.) disse: "Deus Supremo não se descreve nem por época, nem por local, nem por movimento, nem por transferência e nem por estabilidade, porque Ele é o Criador do tempo, do lugar, dos movimentos, da imobilização e do transporte".

71 Surat Achoura - Capítulo 42, Versículo 11

As Características da Ação

As características - além do que foi dito - têm outra divisão: as características da personalidade e as características da ação.

Às vezes a característica reside no qualificado, tal como a vida, a cultura e a capacidade, os quais estão no homem. Podemos imaginar um homem com essas qualidades que nem sempre as possui e, para adquiri-las, tem-se como condição o estudo, a pesquisa, a dedicação que só se efetivam se lhe forem proporcionados os respectivos meios. Não basta, apenas, imaginá-lo detentor dessas qualidades.

Daí, conclui-se que as verdadeiras atribuições de Deus, louvado seja! - tal como se antecipou quanto à identidade - são da primeira qualidade, porém, a segunda qualidade, necessita de uma complementação. Tudo o que existe com exceção d'Ele, é Sua Criação e, na seqüência da vida, é Lhe secundário e distinto com todas as suas próprias características.

As características que se atribuem a Deus Supremo ultrapassam a possibilidade de raciocínio, como a de criar no sentido divino, a de tirar a vida, a de dá-la, a de dar a subsistência e a providência ao homem, todas transcendentais, seja pelo poder ou pelas características da ação.

No que se refere às características da ação, entende-se que os atributos vêm da ação e não da personalidade ou identidade, como a criação, ou seja, depois da realização das criações, pois Deus já existia quando ocorreu a criação e Sua identidade nada tem com o que foi criado, para ser alterada de uma situação para outra conjuntura quando se efetuou a ação.

Os xiitas consideram distintamente as duas características, que são a característica da vontade e a característica da expressão, e o que se capta do sentido de ambas - a vontade, no sentido de aprender, e a expressão, como exposição oral do sentido - como características de ação[72], enquanto que os sunitas a consideram de acordo com o significado do conhecimento e atribuições à Sua Identidade, louvado seja!

72 Abu Abdulláh (A.S.) disse: "Deus, Majestoso seja o Seu nome, continua sendo conhecido por Sua personalidade e não que Ele seja uma causa do efeito; assim como Ele continua sendo o Poderoso por Si mesmo e não porque tinha sido predestinado..."

A Fatalidade e o Destino

A lei da causa do Universo é absoluta, vigente e dominante, e por isso, não admite restrições nem proporcionalidades. Assim, tudo o que existe no mundo está diretamente ligado a uma causa que o gerou (motivos e condições de ser), e com a abundância das condições (causa total), se impõe então o efeito (a coisa criada). Na hipótese de inexistência dos motivos, ou algum deles, impossível será o objeto da criação. Analisando a questão, esclarecem-se dois temas:

Primeiro - Se pudéssemos comparar a causa do efeito com o efeito completo (a criação em geral), inclusive com as partes daquele efeito completo, a proporção estará entre ela (a causa do efeito) e o efeito completo, de forma necessária (ou obrigatória). Inclusive, a proporção estaria entre ela e cada parte daquele efeito completo (as quais são considerados efeitos incompletos) numa possibilidade. Porque a parte do efeito em relação a causa do efeito dá a possibilidade da realização e da existência e não a obrigatoriedade de existir.

Assim sendo, o Universo e parte de seus componentes passam a depender do efeito completo na realização de sua existência, sendo que, a obrigatoriedade passa a protegê-lo por completo, organizando seu corpo através de uma coletânea de ocorrências necessárias e absolutas. Portanto, com esta especificação, as características da possibilidade estão conservadas.

O Alcorão Sagrado, em suas belas-letras, denomina esta arbitrariedade necessária e obrigatória por Fatalidade Divina, porque esta necessidade tem a sua origem na existência do Criador, e para tal, passa a ser uma determinação e uma fatalidade justa e preciosa sem contrariedades, pois não se aceita a exclusão ou a proporção. Deus Majestoso revelou:

"Vosso Senhor é Deus, Que criou os céus e a terra em seis dias, assumindo, em seguida, o Trono". Surat Al-Aaráf - Capítulo 7, Versículo 54.

"... e se Ele decreta algo, basta-Lhe dizer: Seja! e é". Surat Al-Baqara - Capítulo 2, Versículo 117.

"... e Deus julga e não há barreira ao Seu julgamento". Surat Arraad - Capítulo 13, Versículo 41.

Segundo - Cada uma das partes do efeito tem a sua avaliação particular dada à causa do efeito, e, a efetividade desta causa se compatibiliza com a soma das avaliações que o efeito completo determina. Por exemplo, o efeito que provoca a respiração do homem, não é absoluto, pois o ser humano respira dentro das possibilidades determinadas com o ar que se avizinha de sua boca e do seu nariz em tempo, lugar e sistema preciso, e isto ocorre através do canal de respiração até que chegue o ar dos pulmões. O mesmo ocorrendo com a visão e demais órgãos dos sentidos que, dentro de sua razão de ser, tem suas limitações.

O Alcorão Sagrado denomina ou qualifica essa realidade como sendo o destino atribuindo-o ao Criador do Universo, ao dizer: *"Tudo que criamos, fizemo-lo com destinação"*[73], e, *"E não existe nada que não tenhamos as chaves de seus tesouros, e não o revelamos senão por um destino evidente"*[74].

E como toda evidência e toda ocorrência nos sistemas da criação, são consideradas uma necessidade para sua existência segundo a determinação divina, elas estão também segundo o destino, pois toda a evidência e toda ocorrência não se opõem contra a avaliação determinada por Deus Supremo.

O Homem e a Opção

Todo ato humano é considerado uma evidência entre as demais constatações do mundo criado e tem ligações diretas, ou se relaciona diretamente, com o efeito que o impulsionou.

Como o homem é uma das partes criadas no mundo, e também tem ligações com as demais partes, estas influem em seus atos.

A título de exemplo, temos o homem, o qual, para pegar um pão, necessita de meios como a mão, a boca, o conhecimento, a capacidade e a vontade, e precisa também, da existência do pão em algum lugar e ao alcance de sua mão, e que não haja nenhum impedimento. Na falta de

73 Surat Al-Qamar - Capítulo 54, Versículo 49.

74 Surat Al-Hijr - Capítulo 15, Versículo 21. Abu Abdulláh disse: 'Quando Deus determina algo, Ele o avalia e destina, e quando o condena, Ele o faz passar".

algum desses elementos, a ação de pegar estará dificultada, ao passo que, existindo todos os elementos, poder-se-á concretizar o efeito completo e a ação será necessária.

Como o referido acima, a necessidade da ação em relação à coletânea das partes do efeito completo, é considerada proporcional às possibilidades, e não se extingue com a proporção do ato do homem, porque ele é uma parte do efeito completo.

O homem tem a opção de ação e a necessidade de uma proporcionalidade entre a ação e o conjunto das partes componentes do efeito, o que não gera a obrigatoriedade de ser ação proporcional a uma daquelas partes, quando ele é o próprio homem.

A simples observação confirma isto, pois vemos que o homem, pela sua inteligência, dádiva de Deus, distingue entre o comer e o beber, o ir e o vir, a saúde e a doença, o grande e o pequeno.

A primeira parte que se relaciona com a vontade do homem, de forma direta, considera-se pessoal, enquanto que a segunda parte lhe gera encargos obrigatórios.

No seio do Islam, entre os sunitas, havia duas seitas conhecidas em relação à ação do homem. Uma considerava que todas as ações do homem dependiam da Vontade de Deus e que não lhe é dada a iniciativa de nada. A outra seita afirmava o contrário. Que o homem tem livre arbítrio e age em conformidade com sua própria vontade e iniciativa, sem qualquer interferência de mando por parte de Deus, e considerava que o Destino não exerce nenhuma influência sobre o ser humano.

Conforme se relata sobre os familiares do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), provenientes dos Ahlul Bait (A.S.), verificamos o seguinte:

Está de acordo com o que influi do exoterismo do Alcorão, no sentido de que o homem tem livre arbítrio de seus atos, embora ele não é independente, pois Deus Supremo quis que o ato seja por meio da opção, conforme mencionamos anteriormente, isto é, Deus Glorioso quis que o ato seja por meio de um conjunto das partes do efeito completo, das quais uma delas é o próprio homem, tornando-se necessária. Portanto, a ação está relacionada com a Vontade de Deus Altíssimo, e o homem se encontra opcionado nela, ou seja, a ação é considerada necessária em relação ao conjunto das partes de seu próprio efeito,

porém, ele (o homem) é uma opção na qualidade de ser uma das partes do efeito completo. Resumindo, o homem tem que avaliar os prós e contras resultantes de suas ações diante do Senhor do Universo.

O 6º Imam Jaafar "Assadeq" (A.S.) disse: "Nem obrigação e nem liberalidade, porém, um meio termo entre os dois imperativos".[75]

O Conceito Sobre o Profeta

Sobre o Objetivo - A Orientação Geral

Um grão de trigo germina quando lhe são proporcionados todos os meios necessários. Lançado à terra e, com o passar do tempo, ele se transforma ou passa de um estágio para outro, de forma gradativa e de acordo com uma ordenação própria, até crescer e desenvolver-se, transformando-se em espiga. Dela é lançado à terra um grão, o mesmo seguirá a mesma trajetória de desenvolvimento.

O mesmo sucede com a semente de uma fruta, que seguirá processo próprio até se transformar em uma árvore frutífera.

Se o esperma de um animal atingir o óvulo, no útero da fêmea, tem início a sua fecundação e desenvolvimento, por processo próprio, até o nascimento de mais um da espécie.

Este comportamento ordenado é visto em todas as espécies vivas do mundo, como um privilégio, sem possibilidades de alteração ou modificação da ordem, pois não se pode conceber que de um grão de trigo venha a nascer um animal, e nem que de um esperma venha a se produzir uma árvore. E, caso houver alguma inseminação animal ou vegetal, de diferentes espécies, certamente que ocorrerá alguma anomalia, faltando-lhe ou excedendo-lhe algo ou algum órgão, e isso será considerarado uma doença, deficiência ou algo parecido.

75 Abi Jaafar Abi Abdulláh disse: "Deus, Protetor e Majestoso, é mais Clemente com suas criaturas do que Compassivo, martirizando-as por suas culpas; e Deus está acima de tudo quando Ele deseja que algum imperativo não ocorra". E ele disse também: "Deus é Nobelíssimo para impor sobre as pessoas algo que elas não suportam, e Ele está acima de tudo para que venha a ocorrer algo contra a Sua Vontade".

Esta ordem reinante e imutável no Universo, o nascimento das diversas formas de vida pelos seus respectivos processos, não é negada por nenhum estudioso pesquisador, e sob esse ponto de vista, resultam duas conclusões:

A Primeira - Todas as fases, ou etapas pelas quais passa a criação em geral são vivificadas e impelidas por uma FORÇA que as leva ao desenvolvimento completo.

A Segunda - Esse inter-relacionamento e comunicação permanente visam a finalidade e a perpetração da espécie, pois, como a semente que se lança à terra e, na seqüência das etapas, transforma-se por fim, em uma árvore, assim é o homem, lançado quando ainda é um esperma no útero materno, também segue a evolução que lhe é própria e peculiar até surgir em forma de ser vivente.

O Alcorão Sagrado, em seu conteúdo doutrinário, apóia essa teoria, ou seja, que todas as espécies vivas no Universo são guiadas pela orientação de Deus, no caminho da sua formação e complementação. É o que se constata, como no seguinte Versículo:

"... o Qual deu tudo às Suas criaturas e depois as orientou." Surat Taha - Capítulo 20, Versículo 50.

E mais:

"...o Qual criou e aperfeiçoou e o Qual predestinou e guiou." Surat Al-Âala - Capítulo 87, Versículos 2 e 3.

Assim sendo, Deus apontou os resultados do que foi mencionado, com o seguinte:

"Cada qual tem um objetivo traçado por Ele" Surat Al-Baqara - Capítulo 2, Versículo 148.

Em outro Versículo, Deus revelou:

"E não criamos os Céus e a Terra e tudo o que há entre ambos senão pela verdade, porém, a maioria não sabe." Surat Addukhán - Capítulo 44, Versículo 39.

A Orientação Própria

É evidente que o gênero humano não foge às regras de constituição que abrangem todos os seres do Universo e que atingem, também, o homem. E assim como toda criação com vida segue caminho evolutivo até atingir a sua maturidade completa, o ser humano também ultrapassa as etapas de sua senda formativa, rumo à sua total formação.

Pelas suas possibilidades intrínsecas, o ser humano pode se associar de alguma forma e estar em ligação direta com toda a Criação, seja animal ou não. Distingue-se, porém, sobre todos, porque é RACIONAL.

A razão leva o homem a pensar e a ser organizado, e lhe possibilita a utilização de todos os meios possíveis para alcançar os seus objetivos e seus interesses. Alça ele os arrojados vôos, alcança o espaço infinito, mergulha e explora as profundezas dos mares, tira proveitos dos animais, dos vegetais e até dos sólidos, na face da terra e, até, ultrapassa esses limites facultativos e se aproveita dos de sua espécie.

O homem, pela sua natureza intrínseca, encontra sua liberdade total em sua felicidade e sua formação. Mas, como sua existência é social, isto é, sendo ele uma das células vivas do tecido social e sendo múltiplas as suas necessidades, cuja satisfação não consegue só, mas com o concurso e o auxílio dos de seu gênero que, por suas vezes, padecem das mesmas carências, com os mesmos sintomas de egoísmo e liberdade, vê-se ele, por vezes, em face ao seu meio-ambiente, obrigado a sacrificar parte de sua liberdade em prol da troca dos benefícios que obtém. Presta auxílios para conseguir outros e, assim, vive em sociedade, sujeitando-se às suas imposições.

Essa verdade é contestável se observarmos as crianças e os adolescentes que obtém tudo o que querem, com o choro e as imposições, não aceitando regras e normas de conduta. Porém, com o passar do tempo e a maturidade psíquica, começam a perceber que a vida não se leva com imposições e egoísmos e seguem adaptando-se ao convívio social, até atingirem a maturidade total, passando à igualdade dos demais.

Aceitando a vida social embasada na ajuda mútua, o homem sente a necessidade de normas e leis que definam os direitos e obrigações dos indivíduos, assim como sanções aos infratores. Assim, se a lei abranger e alcançar a todos e for observada com rigor, cada indivíduo da sociedade atingirá a felicidade almejada.

Essas são as normas funcionais que acompanham os homens desde a Criação até os nossos dias, e todos as seguem, sempre na perseguição dos meios para a sua sobrevivência, pois está evidente que, se as leis e normas de conduta social não pudessem ser cumpridas e se não fossem aproveitáveis, não seriam aplicadas sempre e nem haveria razão para a sua existência.

Deus, louvado seja! Aponta a qualidade social do homem conforme é mencionado no Alcorão:

> *"Nós distribuímos entre eles o seu sustento, na vida terrena, e exaltamos uns sobre outros, em graus, para que uns submetam os outros..."*
> Surat Azzokhrof - Capítulo 43, Versículo 32.

E aponta, com Sua sabedoria, o egoísmo e a avareza, revelando:

> *"O ser humano foi criado impaciente. Quando atingido pelo mal se torna irritadiço, e quando é contemplado com o bem se torna avarento".*
> Surat Al-Maárej - Capítulo 70, Versículos 19 a 21.

A Razão e a Lei

Se meditarmos bem veremos que as normas desejadas pelo ser humano (e pelos homens, com seu poder racional, que sabem da necessidade de sua existência para assegurar-lhes o bem-estar) são as leis que podem se impor, com imparcialidade, para proporcionar-lhes a felicidade e a harmonia social desejadas desde os primórdios da humanidade.

Em outros termos, se houvesse uma lei maior, completa, perfeita e geral que atendesse aos anseios da humanidade, que a esclarecesse e orientasse, certamente que seria compreendida e aceita por todos, em face de seu poder racional. Essa lei, entretanto, ainda não foi editada e as que existem, feitas por um grupo de pessoas, são aceitas por uns e recusadas por outros, apesar de que todos, na qualidade de racionais, vivem em sociedade comum.

Os Sentimentos Simbólicos, ou seja, "Al-Wahi"

Do que se antecipou, fica claro que a lei que assegura a felicidade à humanidade não é alcançada pela mente humana. Sob o ponto de vista de uma orientação geral, cuja compreensão necessária no gênero humano, há um sistema que leva ao entendimento e que orienta os homens quanto às suas obrigações reais na vida. Essa percepção e sentimento chama-se "*Al-Wahi*", ou seja, *Revelação* ou *Inspiração*.

É natural que essa força que existe no ser humano não seja comum a todos, como a potência do homem em procriar, por ele contestável apenas com a maturidade física. E a percepção extrasensorial que não é comum a todos, é um sentimento simbólico, inconsciente, como o é, para um menor impúbere, o sentido e o prazer do coito.

Deus, louvado seja, em Seus pronunciamentos sobre a Revelação diz:

"Nós te inspiramos como inspiramos a Noé e aos Profetas que o sucederam... Mensageiros alvissareiros e admoestadores para que a humanidade não tivesse argumento ante Deus, depois do envio dos Mensageiros..." Surat Annissá - Capítulo 4, Versículos 163 e 165.

Os Profetas e a Infalibilidade da Profecia

O aparecimento dos Profetas endossa a citada teoria da Revelação. Os Profetas de Deus Supremo afirmavam-se na qualidade de inspirados pela Revelação, dando provas disto e transmitindo aos homens o conteúdo das Mensagens de Deus alvissareiras à felicidade posta ao alcance de todos. O aparecimento dos Mensageiros, em todos os tempos, era pouco, ou seja, poucos eram os que possuíam o dom da profecia e podiam orientar os homens à senda reta, cumprindo com sua missão.

Conclui-se disso com a infalibilidade dos Profetas, por serem protegidos contra o erro em suas inspirações divinas e conservação das revelações de Deus Supremo, transmitindo-as às pessoas, sendo eles afastados da rebeldia e do pecado, porque o recebimento da Revelação - conforme mencionamos - sua preservação e sua transmissão implica na essência da criação e esta é isenta de erros.

É importante destacar que a missão profética só se completa com a transmissão da Revelação recebida, de forma a se preservar a confiança do povo. Caso contrário seria a frustração da própria missão.

O Criador, louvado seja, aponta a infalibilidade dos Profetas no Seu magnífico Livro:

"E os elegemos e orientamo-los à senda reta". Surat Al-Anaám - Capítulo 6, Versículo 87.

"Ele é Conhecedor do incognoscível e não revela os Seus mistérios a quem quer que seja, salvo a um mensageiro que tenta escolhido, e faz um grupo de guardas marcharem, na frente e por trás dele, para certificar-se de que transmitiu as mensagens do seu Senhor, o Qual abrange tudo quanto os humanos possuem, e que toma conta de tudo". Surat Al-Jin - Capítulo 72, Versículos 26 a 28.

Os Profetas e os Dogmas Celestiais

O que foi obtido pelos Profetas através da "Revelação", ou seja, "Al-Wahi", e suas exortações para o caminho do bem e propagação das prudências divinas, é a Religião, para ser adotada e seguida, a fim de se conseguir a felicidade.

De um modo geral, a legislação divina divide-se em duas partes: a convicção e a prática.

No referente à convicção ou fé, é um conjunto de princípios fundamentais impostos ao homem como base de vida, e que compreendem os três princípios gerais: a Unicidade (de Deus), a Profecia e o Dia do Juízo Final. E, se faltar um destes princípios, descaracterizar-se-á a religião.

Quanto à prática, é constituída por uma série de graduações culturais e obrigações decorrentes que vinculam o homem a Deus e às sociedades humanas.

A partir daí, as obrigações específicas nos dogmas celestiais, organizadas para o homem, se dividem em duas categorias: a formação e a ação, cada uma se dividindo por sua vez em duas partes.

A formação e a ação que estão ligadas ao Criador Supremo, são: a índole, a característica, a fé, a sinceridade, a submissão, a aceitação, a veneração, a oração, o jejum, o sacrifício, a renúncia e outras, cujo conjunto se chama Adoração, distinguida com a humildade do homem diante de seu Senhor.

E no que se refere à sociedade, a formação e a ação compreendem as boas maneiras como o amor ao próximo, o auxílio, a justiça, a generosidade e tudo o que se associa com o bom convívio; e todos esses atos se denominam Relacionamentos.

Do outro lado, o ser humano segue para a perfeição de maneira gradativa e a sociedade humana se completa e se aperfeiçoa com o passar dos tempos.

Esta ordem de aperfeiçoamento é prevista nas Leis Divinas e é consignada com o Alcorão Sagrado – pois é possível atingí-la pelo raciocínio – e o que se aproveita de seus Versículos, é que os dogmas posteriores são mais perfeitos que os anteriores, onde Deus revela:

"Em verdade, revelamos-te o Livro corroborante e preservador dos anteriores". Surat Al-Mé-eda – Capítulo 5, Versículo 48.

A conclusão a que nos conduzem todas as teorias e constatações, e que é explícita no Alcorão, é que a vida social dos homens neste mundo não é eterna, o que torna natural e evidente que o aperfeiçoamento do gênero humano é incompleto e efêmero. Daí, de admitir-se que todas as profissões e atividades têm suas limitações e com base nessa verdade, também a Profecia e as Leis um dia atingirão seu estágio final de credibilidade.

Assim, o Alcorão Sagrado revela essa verdade e esclarece que o Islam, a religião designada por Deus para Mohammad (S.A.A.S.) é a última e a mais perfeita das religiões, sendo que o Livro Sagrado não se imita, e o grandioso Profeta é o Concludente dos Profetas, pois o Islam contém todos os encargos e obrigações, como citado por Deus:

"Este é um Livro veraz por excelência. A falsidade não se aproxima dele (o Livro), nem pela frente, nem por trás; é a revelação do Prudente, Laudabilíssimo". Surat Fussilat – Capítulo 41, Versículos 41 e 42.

"Em verdade, Mohammad não é o pai de nenhum de vossos homens, mas sim o Mensageiro de Deus e o prostremos dos profetas; sabei que Deus é Onisciente". Surat Al-Ahzáb – Capítulo 33, Versículo 40.

"...Temos-te revelado, pois, o Livro, que é uma explanação de tudo, é orientação, misericórdia e alvíssaras para os muçulmanos". Surat Annahl – Capítulo 16, Versículo 89.

Os Profetas e a Evidência da Revelação e da Profecia

Muitos dos eruditos da atualidade que pesquisaram e se aprofundaram na questão do "Al-Wahi", ou seja, a Revelação, e, da Profecia, interpretando-as à luz da psicologia e da sociologia, afirmaram que os Profetas (A.S.) eram homens puros, com elevados objetivos, que amavam a humanidade e seu progresso moral e material, que buscavam a melhoria e a elevação dos de classe moralmente inferior, organizaram e formularam leis próprias, procurando atraí-los. Como, porém, o povo daqueles tempos não aderia com facilidade à Retórica e à Lógica, os Profetas (A.S.) recorriam à linguagem superior, de inspiração divina, para atrair os homens e submetê-los ao comando espiritual, a ponto de muitos acreditarem que eram dotados do Espírito Santo quando, na realidade, eram eles inspirados pela "Revelação" e pela Profecia divina. Assim sendo, os encargos e deveres não são nada mais do que Dogmas Celestiais, e a palavra conectada a eles, se denomina por Livro Celestial.

E aquele que volta o olhar com meditação e imparcialidade aos Livros Celestiais, particularmente para o Alcorão Sagrado, inclusive aos dogmas apresentados pelos Profetas (A.S.), não terá nenhuma dúvida quanto a teoria de que os Profetas (A.S.) não eram políticos, mas homens dotados de veracidade, pureza e lealdade, e tudo que eles atinavam o transmitiam, como tudo o que transmitiam o praticavam. Aliás, o que eles pretendiam exatamente é que eles possuíam sentimentos simbolizados e ausências prolongadas, através das quais eram inspirados para os encargos do conhecimento e da fé, provenientes de Deus a fim de anunciarem a Nova aos homens e direcioná-los aos caminhos do bem e da devoção.

Por conseguinte, a atribuição de profecia a alguém, necessita de motivos e evidências, não bastando que os dogmas apresentados pelo Profeta (A.S.) estejam de acordo com o raciocínio, porque a veracidade deles possui outra comprovação, que é a sua conexão com o Mundo Superior (através do Al-Wahi e da Profecia) tendo esta responsabilidade por parte de Deus Altíssimo, ou seja, ter uma sabedoria divina com claras evidências.

Com isso (conforme relata o Alcorão Sagrado), muitos ingênuos e incrédulos pediam aos Profetas (A.S.) que realizassem algum milagre para comprovarem o que estes profetizavam e pregavam.

Conclui-se dessa lógica ingênua e verdadeira, que a Revelação e a Profecia não estão ao alcance de todos os homens e, sim, um privilégio de alguns, manifestando-se por uma força desconhecida, dada por Deus, de forma que foge à compreensão humana. Portanto, o Mensageiro (A.S.) pede a Deus que o apóie e auxilie, através da realização de algum milagre, a fim que tenha a credibilidade das pessoas e se fortaleça a sua pregação e profecia.

Fica claro que os pedidos de milagres feitos pelos homens ratificam o poder dos Profetas (A.S.) que, para confirmarem essa qualidade, realizavam milagres espontaneamente, ou quando a tanto solicitados.

O Alcorão Sagrado confirma essa verdade, com as referências que faz tanto sobre os milagres voluntários, como sobre os solicitados por pessoas necessitadas.

Ressaltamos que muitos dos pesquisadores, apesar de não negarem a existência de milagres, alegam a falta de evidência às suas afirmações, eis que as causa e motivos dos acontecimentos foram constatados pela experiência e pela análise, não se tendo nenhuma prova de serem perpétuas. Toda ocorrência tinha origem e os milagres atribuídos aos Profetas (A.S.) não eram de tal maneira impossíveis de compreender, porém, ocorriam em situações fora do comum.

O Número dos Profetas

A História antiga registra um grande número de Profetas e o Alcorão Sagrado não diverge dessa constatação, citando, porém, alguns deles.

Apesar de não se poder precisar o seu número, tem-se um registro atribuído a Abu Zôrr Al-Ghaffári, no qual consta como sendo cento e vinte e quatro mil Profetas.

Os Profetas, Autoridades da Resolução, Portadores dos Dogmas Celestiais

Segundo o Alcorão Sagrado, nem todos os Profetas eram portadores das normas teológicas, sendo apenas cinco deles que o são (A.S.): Noé - Abraão - Moisés - Issa (Jesus) e Mohammad (S.A.A.S.), que são os mais eminentes, e autoridades nas decisões. Os demais Profetas seguem-nos em seus dogmas. Deus Altíssimo revelou:

> *"Prescreveu-vos a mesma religião que havia instituído para Noé, a qual te revelamos, a qual havíamos recomendado a Abraão, a Moisés e a Jesus*[76]*..."*
> Surat Achoura - Capítulo 42, Versículo 13.

A Profecia de Mohammad (S.A.A.S.)

Nosso Profeta Mohammad (S.A.A.S.) é considerado o Concludente dos Profetas que se distinguiram pela Cultura Sagrada e pelas Legislações Teológicas, nos quais os muçulmanos acreditam.

O Profeta Mohammad Ben Abdulláh Ben Abdel Muttâleb (S.A.A.S.) nasceu na cidade de Mecca, na região do Hidjáz, na Península Arábica, no ano 570 d.C. o qual era denominado pelos árabes como sendo o Ano do Elefante[77], ou seja, cinqüenta e três anos antes da era do calendário lunar Hijrita.

O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) pertencia a um dos mais importantes clãs do Hidjáz, chamado Coraich, da estirpe de Háchem.

76 Se houvessem outros Profetas, Deus Supremo os teria mencionado neste Versículo alcorânico.

77 Este ano de 570 teve esta denominação, porque Abraha, vice-rei etíope no Iêmen, pretendeu destruir a Caaba, saindo de Sanaá com um poderoso Exército, levando consigo o seu elefante, o qual, por Vontade de Deus, pouco antes de entrarem em Mecca, o animal não arredava de seu lugar a fim de não prosseguir em direção à Mecca, e, por castigo, Deus fez com que os "Ababil", uma espécie de pássaros, jogassem sobre os invasores pedrinhas incandescentes (sidjíl) atingindo a todos, sendo que a maioria morreu de uma terrível doença, e Abraha retornou ao Iêmen, onde foi desprezado até pela própria família, morrendo nas ruas como um indigente. E assim, a Sagrada Caaba foi salva pela proteção de Deus. Por esta razão, os árabes denominaram aquele ano por "O Ano do Elefante".

Seu pai chamava-se Abdulláh Ben Abdel Muttâleb e sua mãe Amina Bent Wahb. Seu pai morrera poucos meses antes de seu nascimento e sua mãe quando ele tinha seis anos de idade, ficando sob os cuidados de seu avô Abdel Muttâleb, o qual morreu dois anos depois, passando à tutela de seu tio Abu Taleb.

E foi na casa de seu tio Abu Taleb que o Profeta (S.A.A.S.) cresceu e se desenvolveu, acompanhando-o numa viagem comercial às Terras do Cham, mais especificamente Damasco, e isto antes de atingir a maioridade.

O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) era iletrado, porém, depois de atingir a puberdade e a maioridade ficou conhecido pela sua inteligência, educação e honestidade, e passou a ser chamado pelo cognome de "Al-Amín", ou seja, O Probo, e devido à sua integridade moral, Khadija Bent Khuailed, que era das mais ricas de Coraich, fê-lo administrador de sua fortuna e seus negócios.

E, pela segunda vez, ele (S.A.A.S.) foi a Damasco, em viagem comercial, a serviço da Senhora de Coraich, onde, pela sua inteligência e capacidade teve lucros fabulosos. Não passou muito tempo e Khadija propôs-lhe casamento, o que foi aceito de imediato. Depois desta união, quando ele (S.A.A.S.) contava com vinte e cinco anos de idade e, até os quarenta, dedicou-se ao trabalho, alcançando fama por seu tirocínio e sua fidelidade, não tendo, nunca, adorado estátuas – a religião predominante na ocasião – dedicando-se, porém, à devoção ao Deus de Abraão e Ismail.

Deus então o contemplou com a Profecia, quando tinha quarenta anos de idade, enquanto estava entregue à meditação na gruta "Herá"[78]. Foi-lhe ordenado a pregação e recebeu a primeira Revelação, que é a primeira Surata do Alcorão Sagrado:

> *"Lê, em nome do teu Senhor Que criou; Criou o homem de algo que se agarra. Lê, que o teu Senhor é Generosíssimo, que ensinou através do cálamo, ensinou ao homem o que este não sabia".* Surat Al-Alaq – Capítulo 96, Versículos 1 a 5.

78 A gruta "Herá" fica nos montes Taháma, nas imediações de Mecca, no Hidjáz, e que hoje se denominam por "Djabal Annúr", "Monte da Luz".

O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) voltou para casa no mesmo dia, encontrando, no caminho, seu primo Ali Ben Abi Taleb (A.S.), a quem propôs o Islam, que foi aceito por este. Já em casa, e, após relatar o fato à sua esposa Khadija, ela também acreditou nele e se converteu.

No início de sua missão profética, Mohammad (S.A.A.S.) encontrou dolorosa resistência por parte do povo, principalmente dos coraichitas, vendo-se obrigado a se recolher em si, tornando secreto o seu encargo divino. Ordenado pela segunda vez, a anunciar a sua profecia aos mais íntimos de sua tribo, porém, foi em vão, e ninguém acreditou nele exceto seu primo Ali Bem Abi Taleb (A.S.) que foi o único que o apoiou.

O Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) fez mais uma tentativa, e mais uma vez não foi aceito pelo povo de Mecca, que lhe deu o desprezo. Aqueles, porém, que haviam se convertido recentemente e abraçado o Islam, se viram obrigados a abandonar seus lares por causa da perseguição implacável dos coraichitas, indo se refugiar na Abissínia – hoje, Etiópia – enquanto o Profeta (S.A.A.S.) e alguns membros de Bani Háchem, foram se proteger no desfiladeiro que pertencia a Abu Taleb[79], permanecendo ali sitiados por três longos anos, sem poderem ser relacionar com os demais mequenses, seja comercial ou socialmente, passando todo o tipo de penúria e necessidade.

Os idólatras de Mecca faziam de tudo para ultrajá-los, tornando-os alvos de chacotas. Às vezes recorriam à falsa bondade de oferecer ao Profeta (S.A.A.S.) o alto cargo de Governante, oferecendo-lhe grandes somas em dinheiro, sempre com o objetivo de demovê-lo de sua missão profética, no entanto, isto só serviu para fortalecer mais a sua fé e força.

Certa vez, ofereceram-lhe o poder e o comando geral, tendo ele respondido: *"Juro que, se colocassem o Sol à minha direita e a Lua à minha esquerda, para que eu abandone esta questão, mesmo que Deus a manifestasse ou que me fizesse perecer por causa dela, eu jamais a abandonaria!"*

O Profeta (S.A.A.S.) saiu do desfiladeiro de Abu Taleb, aproximadamente dez anos após receber a primeira Revelação, quando pouco tempo depois, morre seu tio e defensor Abu Taleb Ben Abdel Muttâleb, seguido por sua fiel e dedicada esposa Khadija Ben Khuailed.

78 A gruta "Herá" fica nos montes Taháma, nas imediações de Mecca, no Hidjáz, e que hoje se denominam por "Djabal Annúr", "Monte da Luz".

O Mensageiro Mohammad (S.A.A.S.) não tinha um refúgio, e isto levou os idólatras de Mecca a planejarem um atentado contra a sua vida, cercando sua casa por todos os lados onde na calada da noite, o matariam e esquartejariam. Mas Deus, louvado seja, deu-lhe um aviso sobre o complô, ordenando-lhe emigrar para Yatreb[80]. Seu primo Ali Ben Abi Taleb (A.S.) o substituiu em seu leito e ele saiu mergulhando-se na escuridão da noite, sempre protegido por Deus, conseguindo enganar os inimigos, até que foi se refugiar numa caverna distante de Mecca por algumas léguas[81], saindo dela três dias depois, após investigações e sondagens minuciosas em toda a região e adjacências, retornando para Mecca decepcionados. Em seguida, o Profeta (S.A.A.S.) prossegue para Yatreb, onde foi recebido festivamente, e o povo daquela cidade acreditou nele, inclusive, as autoridades locais e senhores de tribos firmaram com ele acordos, dando-lhe seu voto de confiança e sua aliança, colocando ao seu dispor seus valores financeiros.

O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) fundou lá a primeira sociedade islâmica, embora pequena, ele conseguiu firmar pactos com os judeus que habitavam Yatreb e suas adjacências, inclusive fê-lo com as fortes tribos árabes daquela região, começando, a partir daí, a expandir a sua nobre missão e difundir o Islam. E a cidade de Yatreb ficou conhecida como a Cidade do Mensageiro (*Medinat Arrassúl*).

Com o passar dos dias, fortaleceu-se a espinha dorsal dos muçulmanos, sendo que, os que ainda residiam em Mecca sob a opressão dos coraichitas, conseguiram abandonar suas casas e emigrar para Medina aos poucos, até que se aconchegaram perto do Profeta Nobilíssimo Mohammad (S.A.A.S.), passando a serem denominados por Emigrantes (Muhádjerín), assim como o povo de Yatreb ficou conhecido por Aliados (*Al-Ansár*).

O Islam conseguiu um progresso rápido, mas os idólatras de Coraich e os judeus, seus aliados, pertencentes às tribos existentes no Hidjáz, continuaram sendo um obstáculo para este movimento, realizando muitos atos de terrorismo contra o Profeta (S.A.A.S.) e seus seguidores, com a ajuda de mercenários, que se infiltravam nas fileiras muçulmanas, implantando a discórdia que acabou se resultando em guerras.

80 Yatreb era uma cidade ao norte de Mecca, hoje chamada "Al-Medina Al-Munauara", ou simplesmente, Medina, na região do Hidjáz, na Península Arábica.

81 Uma légua equivale a 4 quilômetros.

E assim, deflagraram-se diversas batalhas entre os muçulmanos e os idólatras e judeus, culminando sempre com a vitória dos muçulmanos. Foram mais de oitenta lutas sangrentas e, em todas, via-se o Profeta sempre empunhando a sua espada, como se verificou nas batalhas de Badr "A Grandiosa", Ohod, Al-Khandaq, Khaibar, e outras, cujas maiores vitórias se deveram a Ali Bem Abi Taleb (A.S.), o qual foi o único que nunca retrocedera nem fora vencido em nenhuma das batalhas, que perduraram por longos dez anos, desde a emigração do Mensageiro de Deus (A.S.), em 622 d.C.

Nestas lutas sangrentas morreram pouco menos de duzentos muçulmanos, ao passo que dos adversários, pereceram cerca de mil homens. E o resultado de tanto sacrifício e renúncia por parte dos Muhádjerín e dos Al-Ansár nestes dez anos de lutas árduas foi que o Islam se expandiu por toda a Península Arábica, para depois começar o envio dos Embaixadores Muçulmanos para outros Governos, tais como o dos persas, dos bizantinos, dos egípcios e dos abissínios, os quais entregavam aos Reis ou Príncipes desses países a Mensagem Islâmica (*Arrissálat*), onde o Profeta (S.A.A.S.) os exortava para o Islam.

Apesar de todo o poder e fama, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) vivia humildemente, aproveitando seu menor tempo livre ao trabalho, igualando-se na convivência com o povo comum e pobre, dirigindo-se a eles com igualdade e benevolência, sem privilegiar alguns sobre os outros, do maior ao menor, do mais pobre ao mais rico, independentemente de cor ou raça. Ele (S.A.A.S.) os tratava com igualdade, benevolência e compreensão.

Dividia seu tempo em três etapas: A primeira etapa era destinada à devoção e à oração ao seu Deus e Senhor. A segunda etapa era dedicada à sua casa e família. A terceira etapa era para o atendimento do povo.

Costumava sempre pregar os conhecimentos islâmicos, ensinado tudo que se relacionava com os assuntos da sociedade islâmica, corrigindo os objetivos lhes eram apresentados, esclarecendo o melhor caminho a tomar. Solucionava os problemas dos muçulmanos, seja individualmente ou em grupos. Aplicava as decisões judiciais nas relações internas e externas de seu governo e demais questões a elas ligadas.

Dez anos depois de sua permanência em Medina, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) segue em sua viagem à Eternidade, deixando atrás de si a vida terrena por causa de um veneno fatal em sua iguaria, inserido pelas mãos assassinas e

cruéis de uma judia, porém, apesar de não ter chegado a engolir a comida por completo esta deixou vestígios do veneno em sua saliva e conseqüentemente atingiu seu estômago, o que o fez passar a sentir fortes dores intestinais até ficar acamado com a agonia da morte por dias a fio[82]. Conta-se que suas últimas palavras eram as recomendações aos direitos das mulheres e dos pobres.

O Nobre Profeta e o Alcorão Sagrado

As pessoas exigiam do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) milagres, tal como ocorria com os demais Profetas (A.S.) que o antecederam, e ele (S.A.A.S.) os confirmava igualmente como eles o faziam. Aliás, o Alcorão Sagrado menciona sobre isso.

Muitos milagres são atribuídos ao Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), embora alguns deles não tenham sido relatados com precisão, talvez por falta de recursos em serem aceitos ou creditados, porém, o milagre que permaneceu e continua vivo é o Alcorão Sagrado, seu Livro Celestial, o qual reúne 114 Suratas, ou seja, Capítulos, e exatamente 6236 Versículos.

Os versículos alcorânicos foram revelados de maneira gradativa, durante vinte e três anos, e eram revelados de diversas formas, seja de Suratas, de Versículos ou quase-versículos e, em diversas ocasiões, seja de dia, de noite, em viagem, na guerra, na paz ou em momentos fáceis ou difíceis.

O Alcorão sagrado, pelo conteúdo de seus Versículos, revela-se como um milagre que desafiou os árabes de então, pois eles já alcançavam o topo e o clímax da erudição, na eloqüência e na comunicação, conforme afirma a História. E no Livro Divino, em sua apresentação, encontramos as belas-letras e sua expressão, de acordo com a Revelação de Deus:

> *"Que apresentem, pois, uma mensagem semelhante, se estiverem certos".* Surat Attur – Capítulo 52, Versículo 34.

82 O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) nasceu numa segunda-feira, dia 12 de Rabi Al-Aual, 3° mês lunar árabe do "Ano do Elefante" (12/agosto/570 d.C.) e faleceu numa Quinta-feira, dia 28 de Çafar, 2° mês lunar árabe do ano 11 Hijrita (12/agosto/632 d.C.) aos sessenta e três anos de idade pelo calendário Hijra.

> *"Ou dizem: Ele o forjou! Dize: Pois bem, apresentais dez suratas forjadas, semelhantes às dele, e pedi (auxílio), para tanto, a quem possais, em vez de Deus, se estiverdes certos".* Surat Hud – Capítulo 11, Versículo 13.

> *"Dizem: Ele o forjou! Dize: Componde, pois, uma surata semelhante às deles; e podeis recorrer, para isso, a quem quiserdes, em vez de Deus, se estiverdes certos".* Surat Yúnes – Capítulo 10, Versículo 38.

Com estes Versículos, o Alcorão os desafiou, como se-lhes declarasse: *"Se vós pensais que isto são palavras humanas ou vindas de Mohammad, ou que ele as plagiou de alguém, então vinde com o mesmo, ou com dez suratas, ou com uma surata, e recorreis a quem quiserdes em vosso auxílio, exceto o auxílio de Deus!"*

Mesmo assim, e, diante das desistências, os eloqüentes e eruditos dentre os árabes exclamaram: *"Isto é feitiço e nenhum de nós pode realizar algo assim!"*

Em resumo, os sábios e eruditos árabes tentaram realizar e compor algo que se assemelhasse ao Alcorão, porém, acabaram sendo logrados por suas próprias sapiências. E Deus Glorioso revelou:

> *"E disse: Este (Alcorão) não é mais do que magia, oriunda do passado; Esta não é mais do que a palavra de um mortal!"* Surat Al-Mudather – Capítulo 74, Versículos 24 e 25.

O Alcorão Sagrado não desafiou os sábios apenas pelo lado da eloqüência e da retórica, mas também pelo que tange ao conteúdo que transcende à capacidade dos gênios e dos humanos comuns, com tudo o que possuem de condições em seu quociente de inteligência (Q.I.), isto porque o Alcorão reúne toda uma programação completa à vida humana, e se este Livro for analisado minuciosamente, verificamos que ele é a base e a origem no domínio dos campos da existência da humanidade em todos os setores e sentidos imagináveis, pelo que possui de convicções, índoles e ações, ligadas com o homem, que veio do Verdadeiro Deus, Cujo a doutrina é verdadeira. E o Islam é uma religião que inspira sua Prudência e seu conteúdo do Verdadeiro Deus, e não da vontade da maioria ou do ideal de um Governante poderoso. O pilar básico desta Lei

abrangente é a Palavra da Verdade, que é a crença em Deus Uno, e que todos os conhecimentos procedem da Unicidade, e conseqüentemente forma-se o caráter humano através deste regulamento, o qual se torna parte desta Lei, e então se organizam e se arranjam as totalidades e as partes que estão fora dos limites da pesquisa humana, e se estudam as responsabilidades a ela conectadas e que se afluem da Unicidade de Deus. Na religião islâmica há um perfeito entrosamento entre os Regulamentos e as Ramificações, de forma que tudo converge e leva à Unicidade; e a expressão Unicidade com seu ajuste em tais prudências torna-se um de seus ramais. É compreensível que a organização e ordenação finais dessa lei total e abrangente, com todo o seu conteúdo e reflexões, estejam fora das responsabilidades do homem, por mais competente que ele seja e por maior que seja a sua cultura jurídica, fugindo-lhe às possibilidades, até, o próprio prefácio. Não se concebe que um homem possa viver num mundo tão conturbado, em meio a um oceano de problemas morais e materiais, num meio, onde as paixões levam até às guerras sangrentas e às seduções e fascinações internas e externas, e no final, acabe isolado e indiferente de tudo.

Destaque-se que o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) não aprendeu a ler e a escrever com professores, pois ele passou dois terços de sua vida, anteriores à sua missão divina, em um ambiente carente de cultura e desenvolvimento intelectual, vivendo num deserto estéril, de esgotante atmosfera, apenas colonizada, primariamente por povos vizinhos. Apesar disso, surge o Alcorão, revelado por partes, ao longo de vinte e trens anos, tanto durante guerras, como nos dias de paz, e, em épocas de carência quanto em dias de bonança.

E, se o Alcorão Sagrado não fosse composto pelas Revelações de Deus Supremo, e fosse simplesmente formado pelos homens, encontrar-se-ia nele muitas contradições e divergências, e seria então substituído por outro mais aperfeiçoado, talvez. Por outro lado, os Versículos revelados em Mecca e Medina, paralelamente se encontram no mesmo sistema, não se divergindo entre si, tendo-se um Livro perfeito que desafia as mentes mais desenvolvidas devido o poder das belas-letras que possui. Portanto, eis o que Deus Majestoso revelou através do arcanjo Gabriel, ao nobilíssimo Profeta (S.A.A.S.):

> *"Vós não refletis sobre o Alcorão? E não fosse ele por parte de Deus, encontrar-se-iam muitas divergências".*

A Noção Sobre o Dia do Juízo Final

O Homem, Espírito e Corpo

As palavras Espírito[83], Corpo e Alma[84], foram muito citadas no Alcorão e no Preceito (Sunnah), e, como é sabido, o Corpo se compõe pelos sentidos, tornando-se um fato simples, porém, imaginar a Alma e o Espírito, é algo muito mais profundo e obscuro.

Os pesquisadores, sábios e filósofos, tanto xiitas como sunitas, possuem teorias diferentes em relação à realidade do Espírito. Mas o Espírito e o Corpo, do ponto de vista do Islam, são duas realidades antagônicas entre si: o Corpo perde suas características vitais com a morte, e se decompõe gradativamente, enquanto que o Espírito não, pois a vida é uma ligação com o Espírito, enquanto ela se separa dele, o Corpo se torna inerte, enquanto que o Espírito prossegue vivo.

A essência que se extrai dos Versículos do Alcorão e dos ensinamentos dos familiares do Profeta provenientes dos Ahlul Bait (A.S.) é que o Espírito é imaterial, mas ele forma um todo com o Corpo, como se conclui da Palavra de Deus, mencionada no Alcorão:

> *"Criamos o homem de essência de barro. Em seguida, fizemo-lo uma gota de esperma, que inserimos em um lugar seguro. Então, convertemos a gota de esperma em algo que se agarra, transformamos o coágulo em feto e convertemos o feto em ossos; depois, revestimos os ossos de carne; então, o desenvolvemos em outra criatura. Bendito seja Deus, Criador por excelência".* Surat Al-Mumenún – Capítulo 23, Versículos 12, 13 e 14.

De acordo com a ordenação dos Versículos, notamos que, de início, descrevem o desenvolvimento gradativo da matéria, enquanto que, na parte final, falam do Espírito ou dos sentimentos e a capacidade com características totalmente diferentes, divergentes.

83 Entende-se por Espírito o princípio imaterial e incorpóreo do ser humano. (NT)
84 Alma é a parte emocional da vida humana, essencial de um ser. (NT)

Em outro Versículo, em resposta àqueles que duvidam do Dia do Juízo Final, ou que o negam e indagam: "Como o homem, após a morte e sua decomposição, quando se mistura com as matérias da terra, poderia voltar e reassumir o mesmo corpo?"

A isso, Deus revelou:

"Dize: O anjo da morte se apossará de vossos espíritos, o qual foi designado ser o vosso guardião, e depois vós retornareis ao vosso Senhor". Surat Assajda – Capítulo 32, Versículo 11.

Além disso, o Alcorão Sagrado faz atinar sobre o Espírito em sua imagem absoluta e imaterial, com o seguinte:

"Perguntar-te-ão sobre o Espírito. Responde-lhes: O Espírito está sob o comando do meu Senhor, e só vos tem sido concedida uma ínfima parte do saber". Surat Al-Issrá – Capítulo 17, Versículo 85.

Em outro Versículo:

"Sua ordem, quando quer algo, é tão-somente: Seja!, e é". Surat Yássin – Capítulo 36, Versículo 82.

De acordo com esses Versículos, a criação de Deus não se fez gradativamente, não sofreu as delimitações da cronologia do tempo, nem as do espaço, e se o Espírito é um comando de Deus, ele é, portanto, imaterial. Por isso, não está sujeito às delimitações do tempo, espaço e matéria, impostas ao Corpo.

Estudo Sobre a Verdade do Espírito, Sob Outra Visão

A intelectualidade também apóia o Alcorão Sagrado na temática do Espírito. E cada um de nós, compreende a verdade pela sua própria existência, e por aquilo que conhecemos pelo "eu", e esta compreensão existe no homem de forma contínua, apesar de, às vezes, ele se esquecer de alguns órgãos de seu corpo, tal como a cabeça, a mão e demais órgãos, e até seu próprio corpo

por inteiro, porém, ele sempre se lembra do "eu" enquanto ele existir, e esta "aparência" como ela é, não admite divisões nem ramificações, apesar do corpo humano estar sujeito a constantes alterações e transformações, tomando formas diferentes, passando por ele tempos diversos, enquanto o seu "eu", ao contrário, permanece imutável.

É verdade que o corpo está sujeito a todas estas mutações, apesar destas mutações terem ligações espirituais, as quais defusam no Espírito, porém, as imaginações e ordenações que evidenciam ao homem, como as de um lugar e de outro, de um aspecto e de outro, de um lado e de outro, todas são próprias do Corpo e não do Espírito. Contudo, elas passam ao Espírito através do Corpo.

Conclui-se este tema alusivo à compreensão e aos sentidos na atividade do aprendizado e do conhecimento, por serem uma das características do Espírito e, neste mister, o Espírito não fica adstrito às delimitações do tempo, do espaço e da matéria.

A Morte do Ponto de Vista do Islam

A teoria geral considera que a Morte é o simples fenecimento e decomposição do ser humano, limitando a vida ao lapso de tempo compreendido entre o nascimento e a morte. Já para o Islam, a Morte é a mudança de uma vida para uma outra vida, que é, para o homem, uma vida perpétua - sem fim - e a Morte, que separa o corpo do Espírito, o faz transferi-lo à outra etapa de sua vida.

A felicidade e a infelicidade dependem de seus atos, bons ou maus na primeira etapa de sua vida. O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) dizia: *"Pensam que se acabam com a morte, porém, se transportam de uma casa para outra".*

O Mundo do Limbo

O que o Alcorão Sagrado e o Preceito (Sunnah) aludem é que o ser humano usufrui da vida em tempo provisório e limitado até a intermediação entre a morte e o Dia da Ressurreição, que o que se chamaria de *Al-Barzakh*, isto é, "O Limbo", que é considerado o elo entre a vida terrena e a vida eterna.

Após a morte, o homem é julgado segundo a sua crença e seus atos no mundo, bons ou maus, e depois desse julgamento sumário, conforme o resultado obtido, será condenado a uma vida feliz ou infeliz, na qual permanecerá até o Dia da Ressurreição.

A posição do homem no Limbo é semelhante a um indivíduo submetido a interrogatório pelos seus atos. É levado em um "Departamento Judiciário" onde é questionado, organizando-se um processo específico, após o que, fica aguardando o julgamento.

No Limbo, o Espírito vive de maneira semelhante à sua vida terrena: *"Se foi bondoso, gozará do privilégio de ficar ao lado dos justos e santos, porém, se ele foi mal e cruel, seu Espírito permanecerá na tortura e nos queixumes, e seus companheiros serão os maus, habitantes da perdição"*.

Deus, louvado seja, caracteriza alguns felizes, conforme os Versículos alcorânicos abaixo:

> *"E não creiais que aqueles que sucumbiram pela causa de Deus estejam mortos; ao contrário, vivem, agraciados, ao lado do seu Senhor. Estão jubilosos por tudo quanto Deus lhes concedeu da Sua graça, e se regozijam por aqueles que ainda não sucumbiram, porque estes não serão presas do temor, nem se atribularão. Regozijam-se com a mercê e com a graça de Deus, e Deus jamais frustra a recompensa dos fiéis"*. Surat Ále Imbrán - Capítulo 3, Versículos 169, 170 e 171.

Sob outro ângulo, Deus, referindo-se àqueles que esbanjavam suas fortunas em projetos mundanos inúteis, ilegais e imorais, assim revelou:

> *"(Quanto a eles, seguirão sendo idólatras) até que, quando a morte surpreender algum deles, este dirá: Ó Senhor meu, mande-me de volta (à terra), a fim de eu praticar o bem que negligenciei! Pois sim! Tal será a frase que dirá! E ante eles haverá uma barreira, que os deterá até ao dia em que forem ressuscitados"*. Surat Al-Mumenún - Capítulo 23, Versículos 99 e 100.

O Dia da Ressurreição – Juízo Final

O Alcorão Sagrado se distingue dos outros Livros Celestiais no que refere ao Dia da Ressurreição e à *Al-Hacher*, isto é, à aglomeração das pessoas neste dia, enquanto a Torah (Velho Testamento) não faz nenhuma menção a respeito e o Evangelho o menciona de forma resumida.

O Alcorão por seu lado, o lembra e o aponta em centenas de passagens, dando-lhe inclusive outras denominações, explicando e detalhando o Fim do Mundo e da humanidade, ora sintetizada e ora de forma global.

Ele faz notar repetidamente que a crença no Dia do Julgamento, ou, Dia da Ressurreição, se compara à crença em Deus Supremo, sendo considerada um dos três Regulamentos do Islam, e aquele que nega este Dia é considerado herege nos dogmas do Islam e seu fim é a perdição e o sofrimento.

A verdade é que, se não houvesse o Dia do Juízo Final, a nossa prestação de contas perante o nosso Criador, a questão religiosa, com toda a sua fundamentação, ditames e proibições divinas não teriam objetivo nenhum, a Revelação não teria nenhuma importância e as profecias quedariam como inexistentes, porque a aceitação da religião e a submissão aos seus cânones, não são isentas de sacrifícios, de renúncias e até de restrições de liberdade. Se a religiosidade não oferecesse compensações, certamente que o homem não abdicaria de sua liberdade natural.

Ressalta-se daí, que a crença na Ressurreição equivale a um pilar básico da religião. É evidente também, que a crença no Dia do Julgamento ou Dia do Juízo Final, seja um dos mais importantes fatores que obrigam o homem a usar de piedade e devoção, e de se afastar das más condutas, da desobediência e dos crimes. Deus Protetor e Majestoso revelou:

> *"... Sabei que aqueles que se desviam da senda de Deus sofrerão um severo castigo, por terem esquecido o Dia da Rendição de Contas"*. Surat Çád – Capítulo 38, Versículo 26.

O que preconiza o Versículo citado, é que a origem de todo mal é a negligência quanto ao Dia do Juízo Final. O dia em que o homem terá que prestar contas de seus atos. Os fundamentos básicos da criação do ser humano e do

mundo, assim como a ordenação dos Mandamentos Celestiais, residem, precisamente, no Dia do Juízo Final. Quando organizamos os nossos atos em harmonia com a natureza, observamos que cada movimento – mesmo os essencias à vida – só se executa em função de um objetivo. A atividade humana, como tal, não é o objeto primordial, senão um passo premonitório para um fim determinado. Mesmo nos atos considerados supérfluos, como os absolutamente comuns como as birncadeiras infantis, se pararmos e analisarmos mais profundamente, verificaremos que na prática do ato reside o seu próprio objetivo, tal como o objetivo de brincar, para as crianças é atingir o brinquedo.

Na verdade, a criação do homem e do Universo é uma obra de Deus, o Qual está isento de realizar obras inúteis, sem objetivo determinado, pois é Ele Quem cria e Quem destrói. Seria inconcebível que a Sua criação não tivesse um alvo certo e um objetivo pré-determinado! Sem dúvida, há na criação do Universo e do homem um objetivo e uma finalidade, cujos resultados não retornam a Deus que é Rico e Supremo, mas se voltam ao que foi criado. Portanto, deve-se admitir e reconhecer que o Universo, com tudo que contém, e até o próprio homem, foram destinados em direção a uma criação particularmente determinada, que lhes assegura uma existência perfeita, não sujeita ao desaparecimento e fenecimento.

Se nos aprofundarmos na essência existencial do homem e no que diz respeito à educação religiosa, iremos nos deparar com duas classes distintas – apesar do efeito das orientações divinas e da instrução doutrinária – que são os bons e os maus, sem que isso os distingua entre si como seres humanos. Muito pelo contrário, pois o que se vê, é que os maus geralmente são coroados de sucesso – por serem excessivamente materialistas e frios – enquanto que os bons estão sempre sujeitos às sedições e perturbações, numa vida cheia de sofrimento, privações e opressões.

A Justiça Divina estabeleceu uma terceira situação, onde cada uma daquelas classes vai encontrar a justa praga de seus atos e terão, então, a nova vida que merecerem, segundo seus atos. Em Seu Livro Sagrado, Deus se refere à essas duas classes da seguinte forma:

> *"E não criamos os céus e a terra e tudo quanto existe entre ambos para Nos distrairmos. Não os criamos senão com prudência; porém, a maioria o ignora".* Surat Addukhán – Capítulo 44, Versículo 38.

> *"E não foi em vão que criamos os céus e a terra, e tudo quanto existe entre ambos! Esta é a conjectura dos incrédulos! Ai, pois, dos incrédulos, por causa do fogo (infernal)! Porventura, trataremos os fiéis, que praticam o bem, como os corruptores na terra? Ou então trataremos os tementes como os ignóbeis?"* Surat Çád – Capítulo 38, Versículos 27 e 28.

E, em outro Versículo:

> *"Pretendem, porventura, os delinqüentes, que os equiparemos aos fiéis, que praticam o bem? Pensam, acaso, que suas vidas e suas mortes serão iguais? Que péssimo é o que julgam! Deus criou os céus e a terra com prudência, para que toda a alma seja compensada segundo o que tiver feito, e ninguém será defraudado".* Surat Ajáthiat – Capítulo 45, Versículos 21 e 22.

Outra Elocução

Já aludimos no Segundo Capítulo deste livro sobre as pesquisas exotéricas (aparentes) e esotéricas (secretas) do Alcorão Sagrado. E que os conhecimentos islâmicos no Livro Alcorânico são evidenciados através de caminhos diversificados, os quais se dividem também sob dois enfoques: o Exotérico e o Esotérico.

O que se visa no aspecto Exotérico é a expressão objetiva do que está ao alcance de todos, enquanto que o conteúdo Esotérico, ao contrário, é alcançado apenas por alguns, exatamente aqueles chamados Gnósticos, os quais Têm o intelecto ligado ao espírito psicológico.

Do aspecto Exotérico extrai-se a verdade de que Deus, louvado seja, é o Senhor Absoluto de todo o Universo e tudo o que existe nele Lhe pertence, pois Ele é Quem criou um incalculável número de anjos para Lhe obedecerem e cumprirem Suas ordens, mandando-os para onde Ele quiser no Cosmo e a qualquer recanto do mundo natural, que necessita de um sistema ligado a um conjunto especial de anjos, para se encarregarem dele.

Os homens, também por Ele criados Lhe devem obediência e observação às Suas proibições. E os Profetas (A.S.), não são mais do que portadores de Suas Leis e Mensagens Divinas, enviados à humanidade, os quais deverão ser anunciar e pregar.

Deus, louvado seja, quando instituiu a retribuição e a recompensa para quem acreditou e obedeceu, instituiu também a punição e o sofrimento para quem desacreditou e desobedeceu. E é d'Ele a seguinte afirmação:

"Deus jamais quebra as Suas promessas!"

E sendo Justo, Ele impõe a separação entre os bons e os maus, determinando aos primeiros, na outra vida, o Paraíso eterno e aos demais o sofrimento.

Deus Supremo prometeu pela Sua Justiça em aglomerar todos os que passaram por esta vida terra, sem exceção, a fim de prestar contas minuciosas com eles por seus atos e crenças, desde o menor ao maior, e depois os julgar com o direito e a justiça, e cada um obterá o que lhe é merecido, ou seja, uns ganharão o Paraíso e outros as chamas do sofrimento eterno.

Esta é a evidência Exotérica que se capta do Alcorão e que é de conformidade com o pensamento humano em geral. Entretanto, aqueles que conseguiram penetrar o sentido Esotérico do Alcorão ascendem ao âmago da essência contida nos Versículos e, por isso, situam-se em níveis mais elevados. O Alcorão, em sua visão Exotérica, deixa transparecer, por vezes, o aspecto Esotérico.

O Alcorão Sagrado, na diversificação de suas colocações, destaca sempre, que a natureza em todos seus aspectos, e o homem é um deles, na sua marcha desenvolvida que tende para a perfeição, segue rumo a Deus Supremo, e chegará o dia em que cessará o seu movimento e perderá sua identidade e sua liberdade.

O homem é uma das partes deste Universo e o caminho para a sua formação pessoal escoa nas metas dos sentidos e do conhecimento até chegar a Deus Altíssimo. E o dia em que chegar a atingir esse estágio verá a realidade de Deus Uno, e então, constatará que o poder, a soberania e cada uma das atribuições da perfeição se complementam n'Ele, e a seguir surgirá para ele a verdade de todas as coisas.

Esta é a primeira etapa no Mundo da Eternidade. Se o homem, neste mundo, seguir o caminho de Deus, se aproximar d'Ele e viver fraternalmente com seu semelhante, sem dúvida será premiado no outro Mundo e, terá assento junto a Deus e aos justos. Se, porém, entregar-se às luxúrias que a vida terrena oferece, afastando-se do caminho do bem, da caridade e da virtude, só encontrará na Eternidade, o sofrimento e a discriminação.

É verdade que todas as boas e as más ações do homem nesta existência terrena, são transitórias e extintas, porém, o seu reflexo permanece em seu íntimo por onde ele for, e serão a origem de sua vida vindoura, seja na alegria ou na tristeza. Essas verdades estão condensadas nos seguintes Versículos:

"Sabe (ó Mensageiro) que o retorno de tudo será para o teu Senhor". Surat Al-Alaq – Capítulo 96, Versículo 8.

"A senda de Deus, a Quem pertence tudo quanto existe nos céus e na terra. Acaso, não retornarão a Deus todas as coisas?" Surat Achoura – Capítulo 42, Versículo 53.

"É o dia em que nenhuma alma poderá advogar por outra, porque o mando, nesse dia, só será de Deus". Surat Al-Infitár – Capítulo 82, Versículo 19.

"E tu, ó alma em paz, retorna ao teu Senhor, satisfeita (com Ele) e Ele satisfeito (contigo)! Entre no número dos Meus servos! E entra no Meu jardim!" Surat Al-Fajr – Capítulo 89, Versículos 27, 28, 29 e 30.

E no Dia da Ressurreição, Deus Glorioso falará a alguns dentre os humanos; de acordo com Sua Revelação:

"(Ser-lhe-á dito): Estavas descuidado a respeito disto; porém, agora removemos o teu véu; tua vista será penetrante, nesse dia". Surat Qáf – Capítulo 50, Versículos 22.

Nas recitações do Alcorão Sagrado e pelas verdades que afluem em seus Versículos, Deus Majestoso revelou:

"Esperam eles, acaso, algo além da comprovação? O dia em que esta a chegar, aqueles que a houverem desdenhado, dirão: Os mensageiros de nosso Senhor nos haviam apresentado a verdade. Porventura obteremos intercessores, que advoguem em nosso favor? Ou retornaremos, para nos comportarmos distintamente de como o fizemos? Porém, já terão sido condenados, e tudo quanto tiverem forjado desvanecer-se-á". Surat Al-Aaráf – Capítulo 7, Versículo 53.

Deus Onipotente também revelou:

"Nesse dia Deus os recompensará pelo que merecerem, e então saberão que Deus é a verdade Manifesta". Surat Annúr – Capítulo 24, Versículo 25.

"Ó humano, em verdade, esforçar-te-ás afoitamente por compareceres ante o teu Senhor. Logo O encontrarás!" Surat Al-Inchiqáq – Capítulo 84, Versículo 6.

"Quanto àquele que anela o comparecimento ante Deus, saiba que certamente o destino prefixado, por Ele, é inexorável, porque Ele é o Oniouvinte, o Sapientíssimo". Surat Al-Ancabút – Capítulo 29, Versículo 5.

"...quem espera o comparecimento ante seu Senhor que pratique o bem e não associe ninguém ao culto d'Ele". Surat Al-Cahf – Capítulo 18, Versículo 110.

"Mas, quando chegar o grande evento, o dia em que o homem se há de recordar de tudo quanto tiver feito, e a fogueira for exposta visivelmente, para quem a quiser ver, então, o que tiver transgredido, e preferido a vida terrena, esse certamente terá a fogueira por morada. Ao contrário, quem tiver temido o comparecimento ante o seu Senhor e se tiver refreado em relação à luxúria, terá o Paraíso por abrigo". Surat Annázi'át – Capítulo 79, Versículos de 34 a 41.

O Alcorão Sagrado expõe também o assunto sobre a essência da recompensa pelos atos, com o seguinte:

"Ó incrédulos, não apresenteis escusas hoje, porque só sereis recompensados pelo que houverdes feito!" Surat Attáhirín – Capítulo 66, Versículo 7.

A Continuidade da Criação e Suas Conseqüências

Este mundo em que vivemos tem tempo de vida limitado, e chegará o dia em que tudo perecerá como registra o Alcorão Sagrado:

"Não criamos os céus e a terra e tudo quanto existe entre ambos, senão com prudência, para um término prefixado. Mas os incrédulos desdenham as admoestações que lhes são feitas". Surat Al-Ahqáf – Capítulo 46, Versículo 3.

Teria existido um outro Mundo, povoado, antes deste em que vivemos e de nós, e depois da extinção deste mundo e tudo que nele existe (conforme relata o Alcorão Sagrado) quiçá será criado outro Universo e outras criaturas?

Para estas indagações, infelizmente, ainda não se encontraram suas respostas, exceto leves alusões, porém, há relatos sobre a biografia dos Imames procedentes dos Ahlul Bait (A.S.), que são os familiares do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), os quais responderam com precisão sobre estas questões.

O Conceito Sobre o Imam

O Significado de Imam

Atribui-se o título de Imam ou Comandante àquele que guia ou lidera um grupo de pessoas ou toda uma comunidade, arcando com essa responsabilidade, seja em questões sociais, políticas ou religiosas, restringindo-se sua autoridade ao seu meio-ambiente, por vezes amplo e em outras mais restrito.

Os sagrados dogmas islâmicos – como foi antecipado em capítulos anteriores deste livro – visam a vida comunitária do povo em toda parte e se destinam à orientação do homem em sua vida essencial, como também, em sua vida particular, como indivíduo, intervindo na solução de seus problemas, em sua vida social e junto ao Governo.

Em face desse entendimento, o Imam, ou líder religioso no Islam, é fonte de responsabilidade em três aspectos:

1° - Pelo aspecto do Governo Islâmico.

2° - Pela elocução dos conhecimentos e das prudências islâmicas e sua propagação.

3° - Pelo aspecto de líder e orientador na conduta moral do homem.

Os xiitas acreditam que a comunidade islâmica necessita desses três aspectos de forma absoluta, e aquele que é indicado para a liderança nestes três aspectos, deverá ser designado por intermédio de Deus e de Seu grandioso Mensageiro (S.A.A.S.), visto que o Profeta (S.A.A.S.) designa o Imam por ordem de Deus Supremo.

O Imamato e a sucessão do Profeta (S.A.A.S.) no Estado Islâmico

O ser humano, com todas as dádivas divinas, sabe perfeitamente que em qualquer comunidade, em qualquer parte da Terra, ou em um reino, cidade, vilarejo, tribo, e até em uma casa onde vivam diversas pessoas, o homem não consegue viver o seu dia-a-dia sem um líder ou tutor, o qual só a ele compete dar um impulso à vida, movendo as rodas de sua economia e distribuindo entre os membros na sociedade o seu cargo social, pois uma sociedade sem líder está fadada à anarquia, às paixões desenfreadas, ao desrespeito e a queda de seu nível moral.

Assim sendo, aquele que assume o Comando de uma comunidade – seja grande ou pequena – e que tenha consciência do seu cargo, começa a empenhar-se em prol da comunidade, já com a nomeação de um vice ou sucessor que o substituía em sua ausência – seja temporária ou definitiva – sem o que, não se ausenta deixando sua comunidade sem um guardião ou Comandante para protegê-la, porque receia que sua ausência leve-a ao enfraquecimento e até ao perecimento. Como um chefe de família que pretenda se ausentar por dias ou meses, escolhe um dos membros da família – ou outro – entregando-lhe a direção de sua casa.

Igualmente o faz o chefe de uma instituição, o diretor de um estabelecimento de ensino, o dono de uma loja, os quais escolhem um entre seus funcionários qualificados para que os substitua em suas ausências, dando continuidade às suas atividades, e para que os problemas que surjam tenham a devida solução.

O Islam é uma doutrina cuja essência é a doação, conforme recitado no Alcorão e no Preceito Profético (*Sunnah Annabauiya*). É um sistema social, assim reconhecido por todos os que dele têm conhecimento, mesmo não sendo seus adeptos. E a proteção especial que Deus Majestoso e Supremo, e Seu Profeta nobre, dão a esta religião não é negada por ninguém, o que não nos caberia descriminá-la ou assimilá-la com algo!

E o Excelso Profeta (S.A.A.S.) nunca deixou a sociedade que aderiu ao Islam, ou a sociedade que foi dirigida e governada pelo Islam, ou alguma Província ou Vilarejo sujeitos ao Islam, sem que lhes enviasse um Líder para administrar tais comunidades. A mesma atitude tomava na Guerra Santa, enviando uma divisão do Exército muçulmano, sob o Comando de um ou mais líderes, como aconteceu na guerra de *Mo-ta*, quando nomeou três Comandantes para, na morte do primeiro, suceder-lhe o segundo e a este o terceiro e assim sucessivamente.

O Islam deu muita importância à questão da sucessão, tanto é que quando o Profeta (S.A.A.S.) se ausentava de Medina ele deixava alguém em seu lugar. Inclusive, quando o Mensageiro Mohammad (S.A.A.S.) decidiu emigrar de Mecca para Yatreb (Medina), ele nomeou seu primo Ali Ben Abi Taleb para substituí-lo a fim de resolver seus assuntos particulares, tais como, a devolução do dinheiro e objetos de valor deixados com ele em confiança, e pagar o que estava em pendência. O mesmo ocorreu antes de sua morte, ele (S.A.A.S.) chamou Ali e incumbiu-o para a mesma tarefa.

De acordo com esta regra, os xiitas alegam ser impossível que o Profeta (S.A.A.S.), antes de falecer, não tivesse recomendado ou indicado alguém que o sucedesse nas questões da Nação e administrasse o Estado Islâmico.

Não há dúvida que o desenvolvimento de uma sociedade – e a própria razão humana admite isso – depende da soma de usos e costumes aceitos pela maioria dos que compõem o meio e cuja fixação depende de um Governo justo que adote formas de execução desses usos e costumes de maneira perfeita, o que não escapa à observação do indivíduo inteligente que não o ignora. Tudo isso era perfeitamente de acordo com os preceitos islâmicos, com toda a sua precisão e ordem, e com

tudo o que, para tanto, fazia o Profeta (S.A.A.S.) que não media esforços para o fortalecimento da legislação, considerando-se que ele (S.A.A.S.) era o gênio do seu tempo, pela agudez de seu espírito e rapidez de raciocínio.

E conforme ouvimos através de notícias comentadas, vindas de fontes gerais e particulares, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) previa as dificuldades, intrigas, falsidades e corrupções que a nação islâmica passaria depois que ele se fosse, por causa dos maus Governantes, tais como os da dinastia Marwânida e outros, os quais alteraram e deturparam a Legislação generosa.

O Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) se preocupava com os acontecimentos futuros depois de sua morte. Então, como se pode afirmar que ele ignorava e não previa tudo, seja do menor ao mais importante caso? Justo o Profeta Mohammad (S.A.A.S.), que dedicava toda a atenção especial aos menores problemas do homem, como a alimentação, o bem-estar geral, sendo visto freqüentemente em plena atividade, ordenando soluções às questões de sobrevivência! E como é possível asseverar que ele não se preocupava com os assuntos políticos e com a sua sucessão, nomeando quem o sucederia?!

Contudo, nós não temos em mãos nenhuma declaração por escrito (sobre a sucessão de Ali Ben Abi Taleb (A.S.) após o Profeta (S.A.A.S.)), pois se houvesse algum texto nítido, não o sucederia quem o sucedeu. Enquanto que o 1° Califa nomeou por testamento o 2° Califa, e este, com a alegação de que o 3° Califa foi eleito pelos seus membros do Conselho. Porém, o 4° Califa recomendou seu filho para a sucessão. No entanto, Moawiya[85] usou a força no pacto de paz com o Imam Al-Hassan (A.S.), conseguindo o seu objetivo, e, a partir de então, o califado tornou-se hereditário e os conceitos religiosos se alteraram, no que diz respeito à militância na Guerra Santa (*Harbun Muqaddasatu*), à ordem pelo obséquio e à advertência contra o abominável, às restrições, etc... Tudo isso desapareceu da sociedade islâmica, abalando-a.

Por seu lado, os xiitas conseguiram esse resultado, através de pesquisas e estudos da psicologia humana e das biografias dos pensadores, bem como, por se aprofundarem nas análises fundamentais dos dogmas islâmicos, os quais têm

85 Moawiya era filho de Abu Sufián e Hend Bent Otba, os maiores inimigos do Profeta Mohammad S.A.A.S.), "convertidos" posteriormente para o Islam por conveniências. E no tempo do califado de Omar Ibn Al-Khattáb, Moawiya foi designado Governador das Terras do Chám, radicando-se em Damasco, sede de seu Governo, e, no ano 661 d.C. fundou a dinastia dos Omíadas, a qual iria dirigir o mundo Islâmico por 89 anos.

como objetivo incentivar o caráter humano à meditação sobre a vida social, tal como praticava o Profeta (S.A.A.S.), que através de sua percepção e estudo previra os acontecimentos malfadados que ocorreram após a sua morte, levando os muçulmanos ao sofrimento e ao desespero.

Existem textos suficientes, autorizados pelo Profeta Mohammad (S.A.A.S.), quanto à nomeação de um sucessor (Imam e Califa ao mesmo tempo) que o sucederia após a sua morte, o que aliás são apontados nos versículos alcorânicos e nas notícias de registros absolutos, tal como podemos verificar em *Áyát Al-Wiláyah*, isto é, nos Versículos da Sucessão; em *Hadith Khom*[86], isto é, Relato de Ghadir Khom; em *Hadith Assafina*, isto é, no Relato da Arca; em *Hadith Al-Haq*, isto é, no Relato do Direito; em *Hadith Al-Mânzala*, isto é, no Relato da Posição; em *Hadith Daawat Al-Achíra Al-Aqrabiya*, isto é Relato da Convocação do Clã dos Parentes; etc... No entanto, tudo o que foi exposto pelos Versículos alcorânicos e relatos da Tradição (*Hadith*) sofreu interpretações modificativas, com os mais variados pretextos.

86 Eis o que se aponta nos Versículos da Sucessão sobre o pronunciamento pendente, o que confirma a sucessão de Ali Bem Abi Taleb (A.S.): "As vossas reais autoridades são Deus, Seu Mensageiro e aqueles que creram, os quais estabeleceram as orações regulares, e a caridade regular (Azzacát), e genuflexam humildemente" - Surat Al-Má-eda – Cap. 5, Vers. 55. De comum acordo, tanto os xiitas quanto os sunitas entenderam de que este versículo é alusivo a Ali Ben Abi Taleb (A.S.), inclusive, foram muitos os relatos que apóiam a questão. O relator Abu Zôr Al-Gháffári, disse: "Certo dia, estive orando em companhia do Mensageiro (S.A.A.S.) a oração do Meio Dia, na mesquita, quando surgiu um homem indagando uma esmola, porém, quando ele viu que ninguém que o atendera, levantou a sua mão para o céu e exclamou: "Ó Deus nosso! Sê a minha testemunha de que indaguei por uma esmola no massjed Rassúl Allah e ninguém me deu algo!". Ali estava ajoelhado orando, e então, ele fez sinal para o homem com seu dedo mínimo da mão direita, onde havia um anel. O pedinte se aproximou de Ali, o qual retirou o anel de seu dedo mínimo e deu-o para ele. O Mensageiro (S.A.A.S.) presenciou o fato, e, quando ele terminou a oração, levantou a cabeça para o alto e exclamou: "Ó Deus nosso! Moisés Te suplicou: Ó meu Senhor! Alivie o meu peito e facilite a minha incumbência, e desfaça o nó da minha língua, e faze-os entenderem o que lhes direi, e dê-me um Ministro de dentre a minha família, Aarão, meu irmão, reforce o meu vigor com ele, e faze-o se associar à minha incumbência" (Surat Taha – C. 20, V. 25 a 32). Em seguida o Profeta (S.A.A.S.) recebeu o seguinte versículo: "Ele disse: Nós te fortalecemos através de teu irmão, e faremos de ambos autoridades, e eles não vos alcançarão. Vós e aqueles que vos seguirão, triunfarão com Nossos sinais". (Surat Al-Quiças – Cap. 28, Vers. 25). Eis que Gabriel lhe passa a transmitir outro versículo da Revelação que diz: "Lê!" O Profeta indagou: "Ler o que?!" e Gabriel lhe respondeu: "Lê: As vossas reais autoridades são Deus, Seu Mensageiro e aqueles que creram, os quais estabeleceram as orações regulares, e a caridade regular (Azzacát), e genuflexam humildemente". E dos versículos alusivos à sucessão de Ali Bem Abi Taleb (A.S.), tem-se o seguinte: "... Hoje se desesperam os incrédulos por causa de vossa religião. Não os temais, porém, temei-Me! Hoje complementei para vós a vossa religião e rematei sobre

Confirmação às Notas Anteriores

Nos últimos dias do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), em que ele adoeceu, sendo rodeado pelos Companheiros (Sahába), disse-lhes: *"Eis que vos deixarei um Livro escrito, pelo qual vocês jamais se perderão"*.

Nisso, alguns comentaram entre si: *"O Mensageiro de Deus já está vencido pela dor!.. Afinal, temos o Alcorão que é o Livro de Deus..."*

Entretanto, outro grupo dos presentes discordou opinando: *"Deixai-o ditar um registro para que não se percam..."*

A intenção do Mensageiro (S.A.A.S.) era perigosa e inconveniente para a maioria presente, os quais não concordavam que a nomeação de um sucessor fosse feita também por escrito, e a discussão entre as partes se alterou, até que, diante do tumulto, o Profeta (S.A.A.S.), indignado, ordenou: *"Saiam!"*

Com o que se antecipou sobre as discussões, destaca-se que aqueles que não queriam nenhuma mensagem ou decisão do Profeta (S.A.A.S.), conseguiram, no dia

vós a minha graça e consenti para vós o Islam como doutrina" Surat Al-Má-eda – Cap. 5, V. 3). O versículo em si, esclarece que os incrédulos tinham por objetivo dizimar a missão islâmica juntamente com seus missionários, mas Deus Majestoso e Supremo fez com que suas esperanças se transformassem em desespero, e Ele complementou a Sua religião e ergueu a sua construção... e talvez esta questão não seja das prudências parciais do Islam, porém, uma questão que se volta à uma importância particular, com a qual o Islam conta para a sua permanência e continuidade. Talvez o exoterismo deste versículo (Cap. 5, v.3) seja conectado com o versículo 67 do mesmo capítulo, que diz o seguinte: "Ó Mensageiro! Proclame o que foi revelado a ti da parte de teu Senhor, e se não o fizeres, tu não terias pregado a Sua Mensagem, e Deus te protegerá das pessoas...". Este versículo mostra que houve uma questão grave, imposta ao grandioso Mensageiro (S.A.A.S.), a fim de cumpri-la, caso contrário, a Mensagem Islâmica e seus objetivos expor-se-iam ao perigo, e isto tem sido de máxima importância, ao mesmo tempo em que o Profeta (S.A.A.S.) temia a objeção por parte dos opositores, aguardando a primeira oportunidade para expor de vez o complemento da Mensagem, por ordem divina. Por isso, ele adiava a propagação do assunto à nação islâmica, até que lhe foi revelado o versículo, onde o Senhor do Universo ordena Seu nobre Mensageiro (S.A.A.S.) a divulgá-la sem hesitação ou temor, exceto o temor a Deus Majestoso e Supremo. Este assunto não faz parte dos textos da prudência, pois na falta de divulgação das prudências islâmicas não significa o abalo completo da entidade islâmica, isto de um lado, e, de outro, o nobre Profeta (S.A.A.S.) temia (isto antes de receber a ordem de Deus) a exposição das prudências islâmicas à nação islâmica. Estes testemunhos e textos, confirmam, que os versículos acima mencionados, foram revelados em Ghadir Khom com prestígio de Ali Bem Abi Taleb (A.S.), apoiados por muitos eruditos e intérpretes dos nossos irmãos sunitas.

Conta-se que Abi Said Al-Khadari relatou o seguinte: "O Mensageiro de Deus chamou a multidão em Ghadir Khom, e, diante de todos, pegou ambas as mãos, pelo pulso, de Ali, e as levantou até que se viu a brancura das axilas do Profeta, o qual exclamou: Deus é o Excelso!

seguinte à sua morte, eleger o Califa, à revelia do Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.) e sem o conhecimento dos amigos deste, deixando-os diante de um fato consumado. Fizeram-no porque sabiam que o Profeta (S.A.A.S.) iria nomear o seu sucessor, ou seja, o Imam Ali (A.S.). O objetivo deles, na casa do Profeta (S.A.A.S.) era o de tumultuar o ambiente, de forma a impossibilitar a nomeação de um sucessor por escrito, e não propriamente que o Mensageiro (S.A.A.S.) estivesse variando e proferindo "expressões inadequadas". Há que se destacar, entretanto, três pontos básicos:

Primeiro – Porque o Profeta (S.A.A.S.), durante todo o período de sua doença, nunca se expressou de forma inconveniente e ninguém a isso se referiu. Além disso, não é permitido a nenhum muçulmano, segundo a religião, atribuir ao Profeta (S.A.A.S.) perda das faculdades mentais, sabendo-se que ele é protegido por Deus.

Segundo – Se a intenção tivesse sido honesta e sincera, não haveria necessidade de dizer o que disseram: *"Basta-nos o Livro de Deus"*. E, não fosse ofensivo o que foi dirigido ao Profeta (S.A.A.S.), bastaria mencionar sua doença. Tudo isso não foi ignorado por nenhum dos Companheiros (Sahába), particularmente diante do fato que

(Allah Akbar!) Pela complementação da doutrina e integração da graça e aprovação de Deus pela minha missão! Sabei todos que a sucessão é de Ali depois de mim!... Aquele que lhe fui Governante, Ali lhe será também! Deus nosso direciona quem o acatar, e se inimiza com quem o hostilizar, e triunfa quem o triunfar, e desampara quem o abandonar!' E prosseguindo, o Mensageiro recitou o versículo que recebeu na véspera: "Hoje complementei para vós a vossa religião e rematei sobre vós a minha graça e consenti para vós o Islam como doutrina..." Houveram seis relatos de diversas fontes, e quinze de fontes especiais, sobre a revelação do versículo mencionado acima ter sido recebida em Ghadir Khom, porém, os inimigos do Islam, os quais tentaram destruí-lo, usando de diversos meios, viram-se logrados depois da nomeação de Ali para a sucessão, ficando à espreita nos acontecimentos; e quando o Mensageiro Mohammad (S.A.A.S.) – o qual era considerado o Guardião do Islam e preservador de sua Mensagem divina – faleceu, tentaram abalar os alicerces do Islam até derrubá-los, porém, a proclamação do Profeta (S.A.A.S.) no dia de Ghadir Khom tirou-se-lhes a força, pois a incumbência para a preservação do Islam ficou a cargo do clã dos Ahlul Bait. Para aqueles que gostariam de se aprofundar no assunto, poderão pesquisar Tafssír Al-Mizán, isto é, "A Interpretação do Equilíbrio", Quinto Volume, nas páginas de 177 até 214, e, no Sexto Volume, nas páginas de 50 a 64, com as especificações dos livros.

Relato de Ghadir Khom – Ao retornar da Peregrinação do Adeus (Hidjat Al-Wadá), o Mensageiro (S.A.A.S.) parou em um local chamado Ghadir Khom, onde deu a ordem de reunir todos os muçulmanos que estavam retornando da peregrinação... e quando juntou-se a multidão, ele (S.A.A.S.) discursou a ela, nomeando publicamente Ali Ben Abi Taleb como seu sucessor após a sua morte, passando a ser o Califa dos muçulmanos. O relator Al-Barrá conta: "Eu estive com o Mensageiro na Peregrinação do Adeus, e quando chegamos a Ghadir Khom durante o trajeto de volta para Medina, preparou-se um amontoado de cargas debaixo de duas árvores, nas quais o Profeta subiu para que todos pudessem vê-lo e ouvi-lo, e chamou Ali para junto dele... Depois, pegou sua mão direita e disse: 'Acaso eu sou o

o Alcorão determina à nação islâmica que se siga o Profeta (S.A.A.S.) e que se observe a obediência a ele, pois sua palavra é justa e concordante com o Alcorão e ao homem não é dada escolha ou opção diante da prudência de Deus e de Seu Mensageiro.

Terceiro – O que ocorreu durante a doença do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) também aconteceu quando o 1° Califa Abu Bakr adoeceu, quanto ele estava nomeando o 2° Califa que o sucederia, ditando a Othmán Ben Affán, antes de pronunciar o nome de seu sucessor sofreu um desmaio, e, ao voltar a si, os presentes o notificaram que foi registrado o nome do 2° Califa como sendo Omar Ibn Al-Khattáb, ficando o caso sem qualquer protesto ou comentário, principalmente por parte do 2° Califa, que já esperava pela sua nomeação.

Além de tudo isto, o 2° Califa Omar Ibn Al-Khattáb, numa entrevista com Ibn Al-Abbás, confessou: *"Percebi que o Mensageiro de Deus pretendia nomear por escrito Ali Ben Abi Taleb como seu sucessor, porém, os interesses dos muçulmanos exigiam o contrário. O califado deveria ser de Ali, e se isso ocorresse, ele imporia o Direito, o que contraria os interesses de Coraich. Por isso, evitei que isto ocorresse".*

Governante de cada um de vós?' E todos responderam afirmativamente; e então, ele prosseguiu: 'Pois este é o Governante daquele que lhe sou. Deus nosso direciona quem o acatar, e se inimiza com quem o hostilizar!...' Nisso, Omar Ibn Al-Khattáb exclamou: Parabéns ó Ali! Tu te tornaste o Governante de todo crente e de toda crente!". Este relato é confirmado em diversas obras de grande prestígio e importância, tais como as obras: Al-Bidáya Wan-Niháya - Zakháer Al-Oqba - Al-Fuçúl Al-Muhemma de Ibn Al-Sabbágh, etc...
Relato da Arca – Ibn Abbás (que Deus o aprove) relatou o seguinte: "O Mensageiro de Deus sempre dizia: 'Os componentes da minha casa, se assemelham à arca de Noé. Aquele que nela embarcou, salvou-se; e aquele que se agarrou nela, triunfou; e os que se afastaram dela, se afogaram". As palavras do Profeta (S.A.A.S.) foram confirmadas também em diversas obras importantíssimas como: Zakhá-er Al-Oqba, Açawá'eq Al-Mohreqa "História dos Califas" - Gháiát Al-Marám, etc... Enfim, esta frase foi mencionada em onze fontes diversas e em sete especiais.
Relato dos Dois Encargos – Zaid Bem Ârqam relatou o seguinte: "O Mensageiro de Deus recomendou: "Fui chamado e eu atendi, e eis que deixo em vossas mãos dois encargos que são: o Livro de Deus e meus descendentes provenientes dos Ahlul Bait (quis se referir à descendência de sua filha Fátima e seu marido Ali Ben Abi Taleb). Estejais alertas por eles, porque eles e o Alcorão jamais se separarão até o Dia que se me retorne a questão! (no Dia da Ressurreição)". Este fato foi relatado nas obras: Al-Bidáya Wan Niháya - Zakhá-er Al-Oqba - Al-Fuçúl Al-Mohemma - Al-Khaçá-es - Açawá'eq Al-Mohreqa, etc... O assunto sobre o Relato dos Dois Encargos (o Alcorão Sagrado e o clã de Ahlul Bait) é considerado dos mais absolutos, mencionado em diversas escrituras com diversas expressões, contudo concordantes entre si, seja pelos sunitas ou xiitas, e isto é comprovado pelo seguinte: 1) Enquanto o Alcorão permanecer nas mãos dos homens até o Dia da Ressurreição (Juízo Final), o clã ou descendência dos Ahlul Bait também o estarão, seja em qualquer tempo e em qualquer lugar, através de um verdadeiro Imam e Líder para a nação islâmica. 2) O Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) ofereceu através

O que se sabe é que os equilíbrios religiosos determinam que aquele que se desviar da Verdade, deverá retroceder, retornando à ela, e não negligenciá-la por causa dos interesses pessoais. Segundo relatam os livros de História, o 1° Califa ordenou a guerra contra as tribos muçulmanas que se negaram a pagar o Donativo (Azzacát), dizendo: *"Por Deus, que vou combater todos os que negarem pegar Azzacát! Afinal, eles já o faziam ao tempo do Profeta!".*

O pretendido com isso é que a Lei e sua execução são obrigatórias, por mais alto que seja o seu preço, porém, a questão do Califado é também de direito, só que ela é mais onerosa do que a razão e o preço.

O Imamato nas Ciências Dogmáticas

Nos capítulos anteriores, referimo-nos ao Mensageiro (S.A.A.S.) e afirmamos – de acordo com a Lei assente e necessária para a orientação geral – que qualquer espécie dos gêneros existentes, se dirige em direção da felicidade e da perfeição que mais se convém, e isto acontece através da inteligência e da formação.

E o homem, sendo uma das espécies deste gênero existentes, não foge à regra desta Lei universal, e por isso, ele deve se direcionar ao caminho, próprio de sua vida, o que lhe garantiria a felicidade nesta exigência terrena e na Eternidade, e isto, é regido pelo instinto, guiado pelo ponto de vista e

destes dois caminhos (o Alcorão e sua descendência provenientes dos Ahlul Bait) tudo que os muçulmanos necessitaram, seja intelectual ou religiosamente, e fez com que seus familiares dos Ahlul Bait fossem a fonte do conhecimento e da doutrina islâmica, apoiando-os e a seus atos de forma fixa e absoluta. 3) Não é possível que o Alcorão se separe dos Ahlul Bait, como não é de direito de algum muçulmano tentar separá-los e relegar de lado seus métodos e suas orientações. 4) Quando as pessoas acatam os Ahlul Bait e se apegam aos seus ensinamentos, elas nunca se perdem, e o direito será sempre o seu aliado. 5) Tudo que as pessoas necessitam em termos de sabedoria, conhecimento e assuntos religiosos, encontra-se nas fontes dos Ahlul Bait, e aquele que segue o caminho deles não se extraviará nem perecerá espiritualmente, tendo a verdade e a felicidade ao seu alcance, pois os Ahlul Bait são protegidos contra o erro e a assimilação. Contudo, esclarece-se que os familiares do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), aos quais nos referimos, não se tratam dos parentes ou descendentes das demais filhas que teve, porém, tratam-se apenas daqueles que possuíram uma posição especial, por causa dos conhecimentos profundos que obtiveram sobre a religião, sendo considerados com absoluta certeza isentos de erro, esquecimento ou dúvida, e isto, para que possam, com a sua infalibilidade, guiar e liderar a nação, e que são Ali Ben Abi Taleb, seus filhos Al-Hassan e Al-Hussein, e os nove Imames descendentes deste último (a paz esteja com todos eles).

pela meditação sobre a sua vida social. Por outro lado, ele deve entender um conjunto de dogmas e cargos operacionais, a fim de constituí-los como uma base em sua vida, para que possa alcançar com ela, a felicidade e a perfeição. Dissemos também, que o método da vida é o que chamaríamos por Religião, o qual não procede pela razão, mas por outra senda chamada e inspirada, a Revelação (*Al-Wahi*), e pela Profecia (*Annubúa*), e que são privilégios dos justos e bondosos homens santos de Deus (*Auliá Allah*), os quais são os Profetas e Mensageiros celestiais.

Aos Profetas incumbiu-se a responsabilidade de orientar as pessoas através da Revelação de Deus Supremo, e quando os homens se agarrarem a tais ditames e advertências, assegurar-lhe-a a felicidade.

Esclarece-se que esta evidência confirma a necessidade de haver compreensão entre os homens, como é de obrigatoriedade e exigência, formarem-se especialistas (teólogos) para este projeto, a fim de poderem levá-lo às pessoas quando isto torna-se indispensável.

Assim também é mister haver pessoas versadas nos deveres humanitários – e isto vem através de dons divinos – os quais se dispõem a ensiná-los à sociedade a fim de que estes deveres se tornem permanentes enquanto houver vida humana e sejam expostos na hora da necessidade.

Aquele que arca com essa responsabilidade é considerado Guardião da Religião Divina e ele é indicado por Deus, passando a denominar-se por Imam, assim como aquele que recebe a Revelação Divina e transmite as Leis de Deus se chama Profeta.

É provável que a Profecia e o Imamato estejam em um só homem, porém, isto não ocorreu. Entretanto, as evidências confirmam a Infalibilidade os Profetas e a Infalibilidade dos Imames.

A Distinção Entre o Profeta e o Imam

A admissão das jurisprudências e dogmas celestiais, as quais se concluem através dos Profetas, nos confirma o assunto da Revelação (*Al-Wahi*), de acordo com o que se mencionou no Capítulo anterior, o que não implica que haja quem apóie a sua continuidade e permanência em distintas conservações

e defesas, que são consideradas questões contínuas, pelas quais chegamos à conclusão de que não é necessariamente obrigatório que exista sempre um Profeta entre as pessoas, porém, é mister que haja um Imam entre elas, seja ele conhecido ou não na sociedade humana, e o Prudentíssimo apontou em Seu Livro (Alcorão) o seguinte:

> *"São aqueles a quem concedemos o Livro, a sabedoria e a profecia. Mas se estes (seus descendentes) os rejeitassem, mesmo assim, confiá-los-íamos a outro povo que não fosse incrédulo".* Surat Al-Anaám – Capítulo 6, Versículo 89.

Como se referiu anteriormente admite-se a possibilidade de um só homem possuir ou reunir as duas posições (a de Profeta e a de Imam), e nesse caso, ele seria um privilegiado, com destaque especialíssimo sobre os demais (sendo responsável pela doutrina, sua preservação e o empenho em divulgá-la).

Houve épocas e períodos em que não apareceu nenhum Profeta. Entretanto, sempre houve um Imam de direito para cada época. É evidente, pois, que o número de Profetas é limitado, não tendo surgido em todos os períodos da vida humana.

O Prudentíssimo apontou em Seu evidente Livro alguns Profetas que foram privilegiados com as características do Imamato, tal como o foi Abraão (A.S.):

> *"E quando o seu Senhor pôs à prova Abraão, com certos mandamentos, que ele observou, disse-lhe: "Designar-te-ei Imam dos homens." (Abraão) perguntou: E também o serão os meus descendentes? Respondeu-lhe: Minha promessa não alcançará os iníquos".* Surat Al-Baqara – Capítulo 2, Versículo 124.

Em outro Versículo alcorânico, Deus revelou:

> *"E os designamos imames, para que guiassem os demais, segundo os Nossos desígnios..."* Surat Al-Anbiá – Capítulo 21, Versículo 73.

O Imamato no Sigilo das Práticas

Ao mesmo tempo em que o Imam é um líder da nação, que orienta a conduta dos homens no seio da sociedade, ele é também líder-espiritual relativamente pelo lado psicológico junto ao Criador do Universo.

Para que se possa esclarecer esta questão é necessário observar a análise das seguintes colocações:

Primeiro – Não há dúvida ou indecisão de que o Islam e demais religiões não cheguem a admitir que o único caminho para se chegar a felicidade ou a infelicidade depende das ações do próprio homem, se forem boas ou más, e a doutrina em si o guia, como o seu instinto o orienta ao discernimento entre o bem e o mal.

E Deus Glorioso evidencia estas ações através da Revelação (*Al-Wahi*) e da Profecia (*Annubúa*), de acordo com o alcance do nosso raciocínio e em um idioma que compreendemos e usamos, de forma imperativa, advertente, melhorada ou piorada, conforme a obediência ou a arrogância e rebeldia, anunciando aos bons e obedientes uma vida feliz e eterna, enquanto promete aos maldosos e opressores uma vida de infortúnio imorredouro, abandonados na miséria e na privação.

Não há dúvida nenhuma de que Deus Supremo está acima do que imaginamos ou raciocinamos, pois Ele não pode ser comparado à semelhança dos homens, mesmo por meio da reflexão.

E nesta concordância, não se pode atribuir que haja um senhor e um senhoreado, um líder e um liderado, um imperativo e uma advertência, uma recompensa e uma punição, em situação quociente, exceto em nossas vidas sociais. Entretanto, o sistema divino é um aparato cósmico, que liga a vida de cada criatura e cada existência com Deus Criador, de uma forma precisa e concreta.

O que se pode aproveitar do Alcorão Sagrado com os versículos que dizem: *"Ha, Mim. Pelo Livro lúcido. Nós o fizemos um Alcorão árabe, a fim de que o compreendêsseis. E, em verdade, encontra-se na mãe dos Livros, em Nossa Presença, e é altíssimo, prudente"*.[87] ... e das palavras do grandioso

87 Surat Azzokhrof – Capítulo 43, Versículos de 1 a 4.

Profeta (S.A.A.S.), é que a religião se abrange em verdades e conhecimentos, ultrapassando as fronteiras do nosso raciocínio e da nossa compreensão, e que Deus Protetor e Majestoso a revelou para nós em uma linguagem simplesmente concernente às nossas mentes, a fim que nos seja decretado o seu esclarecimento e entendimento.

Conclui-se disso que existe uma relação e um vínculo, entre os atos bons e maus de um lado, e a vida eterna de outro, com todas as suas peculiaridades, oferecendo a felicidade ou a infelicidade.

Em outro termo, todo ato humano, bom ou mal, faz nascer no homem uma situação real que o liga ao que existe no outro mundo, proporcional e diretamente. O ser humano, em sua vida, é como uma criança, tenha ou não percepção disto, pois é envolto pelas questões de educação. Percebe ele como lhe são transmitidas as ordens e proibições de seus pais. À medida que cresce, desenvolve-se nele a capacidade de compreender a maneira como fora criado e se pautar por esses ensinamentos, será feliz. Se, porém, se rebelar e seguir caminhos diversos terá a infelicidade e a dor.

Podemos dizer também, que o homem se compara a um doente que deve seguir as recomendações e orientações do médico, na medicação, alimentos, esportes e exercícios, para alcançar a cura física.

Em essência, o homem se identifica com uma formação interior que difere de sua aparência externa que se reflete por seus atos e comportamento que o ligam e vinculam à outra vida.

O Alcorão Sagrado confirma esta evidência psicológica em muitos de seus Versículos[88], de que após a morte existe uma vida superior e um espírito mais

88 Surat Qáf – Capítulo 50, Versículos 21 e 22: "E cada alma comparecerá (no Dia do Juízo Final) acompanhado de um guia e de uma testemunha (ambos anjos); (ser-lhe-á dito): Tu estiveste negligente nisso; agora, removemos a vossa coberta e tua vista tornou-se hoje aguçada".
Surat Annahl – Capítulo 16, Versículo 97: "Quem praticou a boa ação, seja macho ou fêmea e sendo crente, conceder-lhe-emos uma vida agradável e o recompensaremos com glória superior ao que tiverem feito".
Surat Al-Anfál – Capítulo 8, Versículo 34: "... atendei a Deus e ao Seu Mensageiro quando ele vos convocar àquilo que vos dá vida...".
Surat Ále Imrán – Capítulo 3, Versículo 30: "No dia em que cada alma se confrontar com o que tiver feito de bem e com o que tiver feito de mal...".
Surat Yassín – Capítulo 36, Versículo 12: "Nós ressuscitamos os mortos e registramos suas ações e seus vestígios, e anotamos tudo em Livro Evidente".

elevado àqueles que foram bons e verdadeiramente devotos, e assegura que o resultado das intenções acompanha sempre o homem, inclusive, o grandioso Profeta (S.A.A.S.) aludiu sobre este assunto por várias vezes[89].

Segundo – Não raro ocorre que um homem impele um outro à prática do bem, sem que ele mesmo o faça, ao passo que os Profetas (A.S.) e os Imames purificados (A.S.) orientam as pessoas por meio de sua ligação com Deus Supremo e Majestoso, o que impossibilita que haja neles algum erro, por serem o exemplo na prática dos princípios da religião, e é por isso que eles são seus Líderes e seus Imames, os quais são caracterizados com a acepção espiritual elevada, sempre impelindo e orientando os seres humanos ao caminho reto.

E, se Deus quisesse que uma nação fosse liderada e orientada por alguém dentre seu povo, este deveria ser educado e preparado devidamente para a liderança e o Imamato, e então, o Preceito de Deus passa a ser insubstituível.

Logo, temos daí os seguintes resultados:

a) Que o Profeta ou o Imam de cada comunidade distingue-se pela nobreza de espírito e pela elevação moral, com a missão de orientar a humanidade em sua vida.

89 3. De acordo com a Tradição (Hadith) alusiva à Ascensão (Al-Meerádj), onde Deus fala ao Seu Profeta (S.A.A.S.) o seguinte: "Aquele que praticou o que é da Minha aprovação, recompensá-lo-ei em três privilégios: Eu o gratifiquei com o conhecimento, não o alcançando a ignorância; Eu o farei memorável, não o alcançando o esquecimento; Eu o tomarei armado sem que seja afetado o amor das criaturas por Mim, pois se ele me amou, Eu e o amarei e lhe abrirei o coração para a Minha Majestade, e não lhe encobrirei a Minha particularidade, e o confidenciarei durante a escuridão da noite e durante a luz do dia, até que sua conversa cesse com as criaturas, e o farei ouvir a Minha palavra e conhecer o segredo que ocultei às Minhas criações, e o cobrirei com o pudor para que as criaturas se acanhem diante dele, e o farei andar na Terra, livre e redimido, e o farei sempre alerta, e não lhe ocultarei algo do que há no Paraíso nem do que há no Inferno, e o farei conhecer o terror e a violência que ocorrerão às pessoas no Dia da Ressurreição!" Da coletânea intitulada "Behár Al-Anuár" - Volume 17, Página 9.
Em outra Tradição (Hadith), Abi Abdulláh relata: "Certo dia, o Mensageiro de Deus recebeu a visita de Háretha Bem Málek Ben Annoomán Al-Ansári, cumprimentando-o: 'Como vais tu, ó Háretha?' E o visitante respondeu ao cumprimento do Mensageiro: 'Na verdade, sempre crente, ó Mensageiro!'. O Profeta então disse-lhe: 'Tudo na vida tem razão de ser! Dize-me, pois, qual é a veracidade de tuas palavras?' Respeitosamente, Háretha replicou: 'Eu me retirei do mundo, ó Mensageiro de Deus, e passo a maior parte de minhas noites acordado... e deixei a sede me secar a boca... é como se eu estivesse olhando para o Trono do meu Senhor enquanto Ele presta contas comigo, e ao mesmo tempo em que os habitantes do Paraíso se visitam e confabulam entre si, eu ouvia os gemidos dos habitantes do Inferno!' Então, o Mensageiro exclamou: Tu és o servo que Deus iluminou-lhe o coração suficientemente!'..." – Da mesma coletânea, Volume 3, Página 33.

b) Na qualidade de Líderes e Imames de todos os membros de uma sociedade, eles são mais dotados intelectual e espiritualmente, e por isso, considerados superiores aos demais.

c) Aquele que se torna Líder de uma nação pela Vontade de Deus, é um Líder que respeita a sobrevivência comunitária propriamente dita, como também, no que tange à vida espiritual e psicológica, e tudo que é ligado a ambos[90].

Os Imames e Líderes do Islam

De todo o exposto até aqui, sabe-se que, depois da morte do grandioso Profeta Mohammad (S.A.A.S.), houve, e assim seguirá havendo, um Imam designado e guiado por Deus, para o povo islâmico.

Há inúmeros relatos proféticos[91] sobre a descrição dos Imames e seu número, os quais são de Coraich, descendentes da linhagem do Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) pelos membros dos Ahlul Bait, sendo o último deles o Imam Al-Mahdi.

Existem vários registros autênticos do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) alusivos ao Imamato de Ali Ben Abi Taleb, como sendo o 1° Imam, assim como existem também sobre o 2°, o 3° e assim sucessivamente.

90 Surat Al-Anbiá – Capítulo 21, Versículo 73: "E os designamos Imames para orientarem de acordo com a nossa permissão e lhe revelamos a prática do bem...".
Surat Assajda – Capítulo 32, Versículo 24: "E designamos dentre eles Imames para orientarem de acordo com a Nossa permissão até que eles perseverarem pacientemente..."
O que se entende destes versículos semelhantes é que o Imam priorizado para o estímulo e orientação comunitária propriamente dita, ele também é especializado na orientação psicológica e espiritual, sendo considerado uma raiz sapiente das questões e desprendimentos, pois ele, através da realidade e da luz interior que possui, consegue tocar os corações e age livremente para dirigi-los ao alcance da perfeição e do pretendido. Imaginem, pois como seriam estes homens tão especiais!!!

91 Jáber Ben Samra relatou o seguinte: "Certa vez, ouvi o Mensageiro de Deus dizer: 'Esta religião permanecerá forte através dos doze Califas'. Unânimes, o povo exclamou: 'Deus é o Excelso!'. Depois, o Mensageiro pronunciou suas palavras, porém, como eu não entendera, perguntei ao meu pai: 'O que foi que ele disse, ó meu pai?', e ele me respondeu: 'Ele afirmou de que todos estes Califas são de Coraich'." – Este relato consta nas seguintes obras: "Sahih Abi Daud", Vol.2, página 207 – "Mussnad Ahmad", Vol. 5, pág. 92 – e outras...

Os Imames do Islam são doze, na seguinte ordem:
1° - Ali Bin Abi Taleb "Amir Al-Muminín" / "Príncipe dos Crentes"
2° - Al-Hassan Ibn Ali "Al-Mujtaba"[92];
3° - Al-Hussein Ibn Ali "Sayyed Achuhadá" / "Senhor dos Mártires"
4° - Ali Ibn Al-Hussein "Zein Al-Ábidín" / "Formosura dos Devotos"
5° - Mohammad Ibn Ali "Al-Báquer" / "O Erudito"
6° - Jaafar Ibn Mohammad "Assadeq" / "O Verídico"
7° - Mussa Ibn Jaafar "Al-Kadhem" / "O Silencioso"
8° - Ali Ibn Mussa "Al-Reda" / "A Aprovação"
9° - Mohammad Ibn Ali "Al-Jawad" / "O Generoso"
10° - Ali Ibn Mohammad "Al-Hádi" / "O Orientador"
11° - Al-Hassan Ibn Ali "Al-Ascari" / "Nascido em Ascar"
12° - Mohammad Ibn Al-Hassan "Al-Mahdi" / "O Guia"
(a paz esteja com os Doze Imames!)

Resumo da Vida dos Doze Imames

O Primeiro Imam – Ali Bin Abi Taleb (A.S.)

É o Amir Al-Muminim, isto é, "O Príncipe dos Crentes", Ali (A.S.), filho de Abi Taleb *"Sheikh Bani Háchem"*, o tio do excelso Profeta Mohammad (S.A.A.S.), o qual viveu e cresceu no seio de seu lar, e que depois de receber a Revelação e começar a propagá-la a fim de cumprir com sua missão, Abi Taleb foi seu defensor contra a ira dos idólatras, principalmente dos coraichitas.

O Imam Ali (A.S.) nasceu em Mecca, no Hidjáz, e, de acordo com os mais famosos relatos históricos, foi no ano 600 a.D., dez anos antes da missão.

Ao completar seis anos de idade, Mecca estava passando por uma séria crise econômica, e seu pai Abi Taleb não possuía o suficiente para criar seus filhos, então, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) se comprometeu a criar e educar seu primo Ali, levando-o para a sua casa, onde o menino Ali cresceu e se desenvolveu

92 O 2° Imam Al-Hassan teve este cognome, "Al-Mujtaba", que significa aquele que coloca suas mãos sobre as coxas ou no chão na hora das genuflexões.

física e mentalmente pelas mãos abençoadas do Aposto (S.A.A.S.) e sua esposa Khadija. Tornando-se no futuro o braço direito do Apóstolo (S.A.A.S.).

Alguns anos depois, Mohammad (S.A.A.S.) foi agraciado com a magnífica posição profética, quando ele recebeu a primeira Revelação (Al-Wahi) anunciada pelo arcanjo Gabriel (A.S.), enquanto meditava e orava na gruta Hera, que se localiza no Monte Luz, nos arredores de Mecca.

Ao retornar para a sua casa, o Profeta (S.A.A.S.) notificou sua esposa Khadija sobre o que lhe ocorrera. Sem nenhuma hesitação, ela acreditou nele e foi a primeira muçulmana. Em seguida, contou o fato para o seu primo Ali Bin Abi Taleb (A.S.), que tinha então dez ou onze anos de idade, e ele também acreditou no Apóstolo (S.A.A.S.), passando a ser o primeiro e o mais devoto dentre os muçulmanos.

Inicialmente, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) convocou seus parentes à Missão Profética dizendo-lhes: *"Quem me apoiar nesta questão será meu recomendado, meu ministro, meu herdeiro e meu sucessor, depois de mim"*.

Contudo, nenhum dos presentes se manifestou exceto o jovem Ali, que exclamou: *"Eu te apóio ó Apóstolo de Deus"*.

O Profeta (S.A.A.S.) aceitou a fé e o apoio dele e confirmou depois a sua promessa. Afinal, Ali (A.S.) foi o primeiro muçulmano homem que aceitou o Islam como religião, pois desde menino ele oferecia a sua devoção somente a Deus Glorioso, jamais acreditando ou adorando outros deuses ou divindades.

E Ali (A.S.) sempre acompanhava o Profeta (S.A.A.S.) para onde ele fosse até a emigração dele de Mecca para Medina, porque na noite em que o Apóstolo (S.A.A.S.) soube que os coraichitas pretendiam matá-lo, ele teve que fugir, deixando em seu lugar seu dedicado primo Ali (A.S.), quando pouco depois, um grupo de coraichitas idólatras cercaram a casa do Profeta (S.A.A.S.) e quando avançaram sobre o seu leito a fim de apunhalá-lo traiçoeiramente encontraram Ali (A.S.) deitado em seu lugar, saindo dali logrados em seu amor próprio, enquanto o Apóstolo (S.A.A.S.) seguiu para Medina. Antes porém, ele recomendou a Ali (A.S.) devolver todos os objetos e valores aos seus respectivos donos, os quais se encontravam com ele em confiança. E Ali (A.S.) cumpriu a ordem do Profeta (S.A.A.S.) rigorosamente, indo depois ao encontro de seu primo. E quando ambos se instalaram devidamente em Medina, o Apóstolo (S.A.A.S.) o mandou trazer

as quatro Fátimas (Fátima Bent Assad, mãe de ali; Fátima Azzahrá, filha do Profeta (S.A.A.S.); Fátima Bent Amro; avó paterna do Profeta (S.A.A.S.); Fátima Bent Hamza, filha do tio do Profeta (S.A.A.S.)), e com elas estavam suas duas esposas Saúda Bent Zomaa e Aicha Bent Abu Bakr.

Ali Bin Abi Taleb (A.S.) não se separava do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) sequer por um minuto, e por causa de suas qualidades meritórias, o Profeta (S.A.A.S.) casou-o com sua filha Fátima Azzahrá (A.S.).

Quando o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) instituiu o "Pacto da Fraternidade" entre os *Muhádjerin* e os *Ansar*, fez de Ali seu irmão na vida terrena e na eternidade.

Ali (A.S.) participou de todas as batalhas empreendidas pelo Profeta (S.A.A.S.), exceto a da fortaleza de Tabuk[93].

Entretanto, em todas as batalhas, Ali (A.S.) jamais retrocedeu frente ao inimigo, e nunca desobedeceu a uma ordem do Profeta (S.A.A.S.), merecendo deste a seguinte afirmação: *"Ali é o Direito e o Direito está com Ali"*.

Quando o grandioso Apóstolo (S.A.A.S.) faleceu Ali (A.S.) contava com trinta anos de idade e, por manipulação de seus opositores, foi afastado da sucessão, por causa da inveja deles, devido o seu espírito de liderança, como farol e exemplo de bondade e humanismo que o caracterizavam, sobrepondo-se aos parentes e aos companheiros (*Sahaba*).

Entre as alegações que seus inimigos fizeram para impedi-lo de exercer a sucessão, disseram que era muito jovem ainda, sem experiência e que tinha matado muitos valentes árabes nas guerras contra os descrentes e idólatras, conseguindo com estes pretextos aberrantes o seu afastamento do poder, o que o levou a se isolar de todos, fechando-se em sua casa e se dedicando ao ensino e orientação dos mais próximos, saindo da sua residência somente para rezar na Mesquita. Passados vinte e cinco anos, o tempo de duração do governo dos três primeiros califas depois do Profeta (S.A.A.S.), e com o assassinato do 3º Califa, a comunidade islâmica dirigiu-se a ele, outorgando-lhe o Califado.

93 Tabuk era uma fortaleza localizada ao norte de Medina, distanciando-se dela cerca de 300 quilômetros.

Durante o seu governo, que durou quatro anos e nove meses, o Imam Ali (A.S.) seguiu o método do Profeta (S.A.A.S.), caracterizando seu período governamental como revolucionário, pois buscou corrigir os erros até então cometidos, os abusos e a corrupção, atingindo, como era esperado, aqueles que tiravam vantagens, o que gerou o descontentamento dos especuladores que levantaram as bandeiras e as espadas dos opositores, tendo à sua frente Talha, Al-Zubair, Moawiya e Aicha, que desencadearam uma forte onda de maus atos e terrorismo, tendo como pretexto a revolta pelo assassinato do 3º Califa Othman Bin Affán.

Por seu lado, o Imam Ali (A.S.) se preparou para a guerra a fim de pôr fim a esta intriga, enquanto a "Mãe dos Crentes" Aicha, já organizara um Exército apoiada por Talha e Al-Zubair. E assim, a batalha entre as partes eclodiu nas proximidades de Bassora, a qual ficou conhecida na história como *Harb al-Djamal*, ou seja, "A Batalha do Camelo", porque Aicha ficava dentro do palanquim montada em cima de seu camelo, todo coberto de cortinados em forma de tenda enquanto a luta se inflamava por dias, até que finalmente o Imam Ali (A.S.) saiu vencedor, quando os companheiros de Aicha fugiram deixando-a só. Porém, o Imam Ali (A.S.) aproximou-se dela e tratou-a com muito respeito, perguntando-lhe se ela desejava ficar ou retornar para Mecca, no que ela preferiu o retorno. E então, o Imam Ali (A.S.) fê-la acompanhar por seu irmão Mohammad Bin Abu Bakr e quarenta mulheres da nobreza de Bassora, a fim de servi-la e distrai-la durante o longo trajeto da viagem. Note-se neste fato, que o Imam Ali Bin Abi Taleb (A.S.) era cavaleiro, homem de bom caráter e extremamente benevolente, jamais guardando algum rancor contra quem quer que seja.

O Imam (A.S.) empreendeu também outra guerra contra Moawiya, na margem do rio Eufrates, nas fronteiras do Iraque com a Síria, a qual ficou famosa como Harb Açafain, ou seja, "A Batalha das Duas Fileiras", porque todo dia pela manhã, o Imam Ali (A.S.) ficava entre a sua fileira e a fileira do inimigo, e evocava: *"Ó Moawiya! Por que as pessoas estão se matando? Apareça e vamos duelar, e o vencedor ficará com a questão, enquanto os crentes cessarão de lutar!"*

Moawiya, porém, se acovardava, pois jamais enfrentaria corpo a corpo o mais valente de Coraich, do qual não escapou um adversário sequer.

E *Harb Açafain* durou por um ano e meio, até que no dia 10 de Çafar do ano 37 Hijrita (26 de Julho de 657 a.D.) a luta se acendeu durante a noite e a vitória estava favorável a Ali (A.S.), quando Amro Bin Al-Aç, partidário de Moawiya, ordenou que se pendurassem folhas do Alcorão nas pontas das lanças como se eles exigissem um julgamento de Deus. Diante desta atitude, os partidários de Ali (A.S.) recusaram-se a batalhar naquelas condições, forçando-o à interrupção da batalha e à aceitação de uma arbitragem.

Entretanto, os mesmos que forçaram a interrupção da batalha arrependeram-se de seu gesto e pretenderam obrigar o Califa a retomar a luta, mas, diante da recusa dele, esses descontentes separaram-se formando um grupo dissidente, passando a serem chamados de *Al-Khawáredj*, isto é, "Os Retirantes", constituindo assim o primeiro cisma muçulmano.

Diante da conjuntura dos fatos, Ali (A.S.) viu-se obrigado a combater esses rebeldes, e, no ano 37 Hijrita (658 a.D.), na sangrenta batalha de *Nahrawán*, sobre o rio Tigre, o Califa derrotou os insurgentes.

Pode-se afirmar que a maior parte do período do Governo do Imam Ali (A.S.) foi utilizada no combate às divergências internas, após o que, na madrugada do dia 19 do mês de Ramadan do ano 40 Hijrita (661 a.D.), quando o Imam (A.S.) foi à Mesquita de Kufa para a oração, eis que surge atrás dele o traidor kharidjita chamado Abdul Rohman Bin Moljâm, e o ataca com sua espada envenenada, ferindo-o mortalmente.

O Imam Ali bin Abi Taleb (A.S.), durante três dias, enquanto agonizava, recomendou os seus filhos Al-Hassan e Al-Hussein, dizendo-lhes: *"Eu vos recomendo e a todos os meus filhos, permanecerem na devoção ao vosso Senhor e não morrerdes senão como muçulmanos"*.

E no dia 21 de Ramadan do ano 40 Hijrita (Janeiro de 661 a.D.), o Imam Ali Bin Abi Taleb (A.S.) morre como mártir pela causa de Deus.

A história testemunha que o 1º Imam, Ali o Príncipe dos Crentes (A.S.), era dotado de todas as perfeições humanas, o que é confirmado tanto por seus amigos como pelos inimigos. Era o exemplo das virtudes islâmicas e um modelo vivo da educação que recebera do Profeta Mohammad (S.A.A.S.).

A verdade é que todos os livros que retratam essa personalidade marcante, sejam xiitas, sunitas ou de pesquisadores de outras seitas e religiões, não fizeram referências iguais a nenhum outro personagem histórico.

O Imam Ali (A.S.) foi o mais sábio e culto dentre os Companheiros do Profeta, e, até, de todos os muçulmanos. Foi o primeiro a abrir as portas da liberdade para os estudos científicos, auxiliando a pesquisa filosófica da teologia e comentando o esoterismo do Alcorão. Instituiu a obrigatoriedade do conhecimento das regras gramaticais da língua árabe, como proteção das expressões do Alcorão, e foi o mais erudito dos árabes, o mais loquaz de todos. Era citado como exemplo por sua coragem, eis que nunca o medo encontrou o caminho do seu coração, em todas as guerras em que participou e que comandou.

A história islâmica traz em seu bojo registros sobre os Companheiros e sobre os combatentes que chegaram a ser dominados pelo medo e pelo terror, em mais de uma batalha, como as de Hunain, Khaibar e Al-Khandaq, quando o exército começava a vacilar, porém, com a presença de Ali (A.S.), o qual jamais recuou um passo sequer nem diante do mais bravo entre os árabes, acabava vencedor. Contudo, o Imam Ali (A.S.), desde a sua plenitude, jamais foi traiçoeiro, agindo com lealdade até com seus inimigos, e jamais negou água a quem aprisionava.

Relatam os livros de história, que Ali (A.S.), na batalha de Khaibar, pela sua força descomunal, puxou pela argola e arrancou um portal da fortaleza, lançando-o para o lado.

É registrado também outro fato impressionante, quando na cidade de Mecca, tomada pelas forças do Profeta (A.S.), por ordem do mesmo e em pé sobre seus ombros, Ali (A.S.) arrancou e lançou por terra o pesado ídolo de Hobal, feito de cornalina, o qual era considerado o principal ídolo da Caaba e que ficava em cima do templo.

O Imam Ali (A.S.) era fervoroso em sua fé, e àqueles que buscavam denegri-lo, o Profeta (S.A.A.S.) dizia: *"Não injuriem Ali, pois ele é tocado pelo Espírito de Deus"*.

Em certa ocasião, um dos Companheiros, chamado Abu Dardá, viu Ali Bin Abi Taleb (A.S.) nos arredores de Medina, prostrado ao chão, inerte. Apreensivo, Abu Dardá correu até a sua casa, comunicando à Fátima Azzahrá (A.S.), esposa do Imam (A.S.) que este estava morto, dando-lhe os pêsames. Sem emoção alguma, Fátima (A.S.) lhe respondeu que não se preocupasse, pois Ali estava vivo, porém, com leve desmaio que lhe ocorria sempre que se entregava à adoração de Deus, em conseqüência de sua profunda concentração e interiorização.

Inúmeros são os registros históricos sobre a bondade do Imam Ali (A.S.), quanto à sua constante preocupação com os pobres e menos favorecidos, gas-

tando com eles tudo o que ganhava, em louvor a Deus, vivendo na mais simples humildade e com privações pessoais.

Gostava muito da agricultura, cavava poços de água para irrigar terras secas, plantava árvores frutíferas e doava tudo aos pobres.

Esses seus atos ficaram conhecidos como "As Doações de Ali", e as doações que ele fazia, ao todo, atingiam cerca de 60 quilos de ouro nos últimos anos de sua vida exemplar.

O Segundo Imam – Al-Hassan Al-Mujtaba (A.S.)

O Imam Al-Hassan Al-Mujtaba e seu irmão Al-Hussain Sayyed Achuhadá eram filhos do Imam Ali Bin Abi Taleb e de Fátima Azzahrá, a filha do Profeta Mohammad (S.A.A.S.).

O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) sempre dizia que Al-Hassan e Al-Hussein eram seus filhos, e, em consideração e respeito a esta alusão, o Imam Ali (A.S.) falava a todos os seus filhos o seguinte: *"Vocês são os meus filhos, porém, Al-Hassan e Al-Hussein são filhos do Apóstolo de Deus"*.

O Imam Al-Hassan (A.S.) nasceu na cidade de Medina, no terceiro ano Hijrita (624 a.D.), e conviveu com seu avô, o Profeta (S.A.A.S.), por mais de sete anos, dele recebendo todo o carinho e cuidados. Sua mãe, Fátima (A.S.), faleceu três ou seis meses depois da morte do Apóstolo (S.A.A.S.), voltando Al-Hassan (A.S.) aos cuidados de seu pai Ali Bin Abi Taleb (A.S.).

Depois do falecimento de seu pai, Al-Hassan (A.S.), já com trinta e sete anos de idade, tomou posse do Imamato, e isso foi pela vontade de Deus, Altíssimo e Sapientíssimo, sendo que, pela recomendação do Imam Ali (A.S.), ele o sucedeu no Califado declarada e legalmente, trabalhando em benefício dos muçulmanos por seis meses de Califado.

Moawiya, então Governador das terras do Chám, organizou um exército para combater Al-Hassan (A.S.), depois de ter enfrentado seu pai, o Imam Ali (A.S.), sendo um dos mais aguerridos inimigos da família do Imam. Inicialmente, guerreou com o pretexto de vingança frente a morte do 3º Califa Othman Ben Affán, e depois, declarou seu interesse no Califado, e assim, ardilosamente, conseguiu enfraquecer as forças de Al-Hassan (A.S.), dirigindo seu Exército para Kufa, sede do Imamato de Al-Hassan (A.S.), onde conseguiu

articular a traição de vários comandantes de Al-Hassan (A.S.), comprando-os com dinheiro e promessas de promoção, o que levou a um enfraquecimento total das forças do Imam Al-Hassan (A.S.).

Ao final, o Imam Al-Hassan se viu obrigado a aceitar o acordo de paz, transferindo o Califado para Moawiya com condições estabelecidas, entre as quais se destacavam tais itens:

- Após a morte de Moawiya o Califado retornaria a Al-Hassan e, na falta deste, a Al-Hussein.

- Proteção aos seguidores do xiismo de Ali (A.S.) contra quaisquer perseguições, etc.

Com estas e demais condições, Moawiya conseguiu se apoderar do Califado, indo depois para o Iraque, onde declarou publicamente a todos os muçulmanos a nulidade das condições estabelecidas e firmadas com o Imam Al-Hassan (A.S.), permitindo inclusive as mais cruéis perseguições aos descendentes dos Ahlul Bait, especialmente aos próprios xiitas.

Durante todo o seu Imamato, que durou dez anos, o Imam Al-Hassan (A.S.) teve uma vida cheia de sofrimentos, dissabores e privações, não se sentindo seguro nem em sua própria casa com sua família e parentes, falecendo em Medina vítima das mãos assassinas de uma de suas esposas, Jaada Bent Al-Achaat, a qual aos poucos ministrava veneno em sua iguaria, até que ele começou a expelir sangue pela boca, morrendo em seguida. O objetivo desta mulher cruel foi motivado pela persuação de Moawiya, que lhe prometera uma atraente soma em dinheiro, casando-a também com seu filho Yazid, se ela concluísse o sinistro. No entanto, Moawiya deu-lhe somente a fortuna prometida, sem casá-la com seu filho.

O Imam Al-Hassan (A.S.) faleceu em Medina, no ano 50 Hijrita (671 a.D.).

O Imam Al-Hassan (A.S.) era um exemplo autêntico de seu avô, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.), e um modelo perfeito do seu pai Ali (A.S.). Ele e seu irmão Al-Hussein (A.S.) acompanhavam permanentemente o Profeta (S.A.A.S.), que os carregava nos ombros quando pequeninos.

É do conhecimento de todos os muçulmanos que o grandioso Profeta (S.A.A.S.) dizia que tanto Al-Hassan (A.S.) quanto Al-Hussein (A.S.) são dois Imames, estejam eles de pé ou sentados, ou seja, estejam eles ou não na posse do cargo. Tudo o que se registrou a respeito, confirma que tanto o Profeta (S.A.A.S.) como o Imam Ali (A.S.) destinaram o Imamato a Al-Hassan (A.S.).

O Terceiro Imam – Al-Hussein "Sayyed Achuhadá"

O Imam Al-Hussein (A.S.), *Sayyed Achuhadá*, ou seja, "Senhor dos Mártires" é o segundo filho do Imam Ali (A.S.) e de Fátima (A.S.), filha do Profeta (S.A.A.S.).

Nasceu no ano 4 Hijrita (625 a.D.) e, depois da morte de seu irmão, o Imam Al-Hassan (A.S.), recebeu o Imamato pela Vontade de Deus, e conforme o designado pelo seu avô, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.).

Considera-se de dez anos o tempo de duração de seu Imamato, vividos e marcados pelo sofrimento, exceto nos últimos seis meses da época de Moawiya, quando os símbolos religiosos foram repostos em seus devidos lugares depois de tantas libertinagens ocorridas com desrespeito àquilo que era determinado por Deus e desejado pelo Profeta (S.A.A.S.).

Moawiya havia feito de tudo e recorrido a todos os meios para denegrir e até mesmo apagar o nome do Imam Ali (A.S.) e de seus familiares, preparando o caminho para que seu filho Yazid o sucedesse, enviando reforços nesse sentido para vencer a resistência dos que se colocavam contra esta sucessão, os quais conheciam o mau gênio de Yazid, dominado pelos vícios da bebida e da luxúria, e esta oposição não escapou ao ódio e às perseguições de Moawiya, que lhes impingiu fortes castigos.

O Imam Al-Hussein (A.S.) viveu todo esse período triste, suportando todos os males que lhe foram causados por Moawiya e seus aliados, até meados do ano 60 Hijrita (680 a.D.), quando Moawiya morreu e lhe sucedeu seu filho Yazid.

O pacto era um preceito árabe, envolvendo uma série de fatores e valores, tais quais, a monarquia e o principado (emirado), ou, o que se lhes assemelhasse, apresentado-se os grandes senhores e chefes de clãs, a fim de prestarem juramento de lealdade ao pacto com os votos de obediência ao rei ou ao príncipe, e, caso agissem de forma contrária ou quebrarem os acordos, era considerado alta traição e ato vergonhoso, pois o pacto no tempo do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) era concebido e utilizado, o que é confirmado em sua biografia. Isto, naturalmente, era feito de forma espontânea, sem coação, obrigatoriedade ou imposição.

E Moawiya recebeu o pacto da nobreza e chefes de clãs, os quais lhe juraram lealdade e lhe deram voto de confiança, sem porém, obrigar o Imam Al-Hussein (A.S.) a isso, e tampouco para com seu filho Yazid, a quem recomendou não molestá-lo neste sentido, já que Al-Hussein (A.S.) não lhe jurara lealdade em pacto

algum, e Moawiya tinha muita experiência nestas questões e enxergava longe, pois ele tinha uma percepção aguçada sobre as conseqüências de seus atos.

Yazid, entretanto, um indivíduo egoísta, vaidoso, megalomaníaco e dominado pelos vícios, desrespeitou as recomendações de seu pai e ordenou ao Governador de Medina que obrigasse o Imam Al-Hussein (A.S.) a dar o seu reconhecimento e jurar obediência a ele na qualidade de Califa, e, caso contrário, que lhe trouxesse sua cabeça.

Recebida a ordem, o Governador transmitiu-a ao Imam Al-Hussein (A.S.), o qual lhe pediu um tempo para decidir, saindo em seguida de Medina, naquela mesma noite, rumo à Mecca, onde se refugiou na Caaba, lugar de segurança, sagrado para os muçulmanos.

Este fato ocorreu em fins do mês de Rajab, início de Chaabán do ano 60 Hijrita (628 a.D.), quando o Imam Al-Hussein (A.S.) permaneceu lá durante cerca de quatro meses, porém, a notícia de sua estada naquela cidade foi se propagando gradativamente, até tornar-se pública no mundo islâmico. E com isso, o Imam Al-Hussein (A.S.) recebeu o apoio e a solidariedade de todos os que conheciam e abominavam as perseguições e opressões praticadas por Moawiya e seu filho Yazid.

Isto de um lado, de outro as várias cartas vindas do Iraque, em particular de Kufa, que eram dirigidas ao Imam Al-Hussein (A.S.), pedindo-lhe que fosse para o Iraque e se tornasse seu líder e comandante na luta contra as maldades e prepotências de Yazid Ben Moawiya, que, naturalmente, sentiu o perigo que pairava sobre si.

O Imam Al-Hussein (A.S.) permaneceu em Mecca até a época da Peregrinação daquele ano, quando inúmeros muçulmanos vinham de toda parte cumprir a sua obrigação religiosa. Foi então que o Imam Al-Hussein (A.S.) ficou sabendo que entre os peregrinos se encontravam alguns mercenários de Yazid, disfarçados e armados, tendo suas armas debaixo de suas indumentárias próprias para o ato da circulação ao redor da Caaba, a fim de matá-lo enquanto ele cumpria o ritual religioso. Sem hesistar, o Imam Al-Hussein (A.S.) decidiu deixar Mecca, seguindo rumo ao Iraque, antes, porém, ele discursou para o povo muçulmano, e em breves palavras, comunicou-os de sua viagem para Kufa, os informando que ele previa ser assassinado, e por isso lhes pedia ajuda e colaboração em seus objetivos sagrados, e não negligenciando o seu triunfo

e o triunfo do Islam, que é a religião da retidão e de Deus. E na madrugada daquele mesmo dia, tomou a rota que levava ao Iraque, acompanhado de sua família, parentes, amigos e seguidores xiitas.

O Imam Al-Hussein (A.S.) decidiu não reconhecer os poderes de Yazid, mesmo sabendo que isto lhe custaria a própria vida. Inclusive, ele tinha conhecimento de que o exército omíada era numeroso e muito bem equipado, e mais, que tinha o apoio do povo, em particular dos iraquianos.

Contudo, um grupo de seu relacionamento lembrou-lhe dos perigos da situação reinante nesta sua viagem, resultado do levante que ele acendeu, porém, Al-Hussein (A.S.) lhes respondeu: *"Eu jamais jurarei lealdade em nenhum pacto com Yazid e tampouco apoiarei um governo injusto e opressor! Além disso, estou ciente que eles tencionam me matar onde eu esteja. E se estou saindo desta região honrada é porque não quero que isto ocorra neste local sagrado, que é a Casa Sagrada de Deus, caso contrário, perecerão as proibições de Deus Altíssimo com o derramamento do meu sangue!"*

E o Imam (A.S.) seguiu viagem para o Iraque, quando durante o trajeto, veio-lhe a notícia do assassinato de seu mensageiro e o companheiro dele, os quais tinham sido enviados à cidade de Kufa, cuja ordem partiu de Obaidallah Ben Ziad, governador do Iraque, nomeado por Yazed Ben Moawiya, sendo que, após a execução de ambos, o governador ordenou que amarrassem seus pés com cordas e seus cadáveres fossem arrastados pelas ruas e vielas da cidade.

A cidade de Kufa e todos os seus arredores estavam sob vigilância dos inimigos, que esperavam a chegada do Imam Al-Hussein (A.S.), tudo indicando que ele e os seus seriam mortos. E, Al-Hussein (A.S.), mesmo prevendo que sua morte era iminente, prosseguiu em sua marcha.

O exército omíada cercou o Imam Al-Hussein (A.S.) a 70 quilômetros de Kufa, numa região denominada Karbala, e, aos poucos, o cerco foi se apertando e o exército inimigo aumentando, ficando assim, o Imam e a sua gente, cercados por todos os lados por cerca de trinta mil soldados.

Nesses dias, o Imam Al-Hussein (A.S.) tentou definir a sua situação. Afastou o que pôde de seus soldados e reuniu seus amigos, e num rápido discurso disse: *"Eles só querem a minha morte. Eu os libero do juramento de obediência e lealdade a mim, e assim sendo, aquele que desejar fugir que o faça na escuridão da noite e salve sua vida da tragédia que se abateu sobre nós".*

Depois, ordenou que todas as tochas fossem apagadas, e grande parte dos que o acompanhavam se dispersou e fugiu na calada da noite escura, exatamente aqueles que o acompanhavam por interesses materiais, permanecendo os que amavam o Direito e seguiam a Verdade, cujo número era de apenas quarenta homens aproximadamente, mais alguns da família de Bani Hachem.

E pela segunda vez, o Imam Al-Hussein (A.S.) reuniu seus companheiros e falou-lhes em oração: *"Senhor nosso, eu Vos louvo pelo que nos agraciaste com a Profecia, e nos fizeste conhecer o Alcorão, e nos privilegiaste com a jurisprudência, e fizeste com que tenhamos os sentidos da audição e da visão, e nos tornaste úteis. Faze de nós, ó Senhor, dentre os agraciados! E depois, eu não conheci amigos mais fiéis e mais leais do que os meus companheiros que se encontram comigo nesta hora tão difícil, e nem família mais pura e genuína do que a minha! Que Deus vos recompense por mim com o melhor, e eu estou certo disso! Eu já vos permiti que se fossem todos, e vós sois livres para fazê-lo sem nenhuma censura de minha parte, e esta noite é propícia e vos protegerá. Fazei dela a sua aliada".*

Nisso, seus irmãos, seus filhos, seus sobrinhos e os filhos de Abdullah Ben Jafar, seu primo, disseram-lhe: *"Jamais faremos isso, e nós te defenderemos com todas as nossas forças, nossas fortunas e nossas famílias. E lutaremos ao teu lado até o fim! E que Deus desgrace a vida depois de ti!"*

Em seguida, Moslem Ben Auçajat tomou a palavra dizendo: *"Se te abandonamos como prestaremos contas a Deus por não defender o Seu Direito?! Por Deus, que eu atravessarei a minha espada em seus peitos e lhes vibrarei a minha lança enquanto puder mantê-la em minhas mãos, e se não tivesse armas eu os apedrejaria! Em nome de Deus que não te abandonaremos, para que Ele saiba que respeitamos a ausência de Seu Profeta em vossa pessoa! Por Deus! Se eu soubesse que posso morrer e renascer, e que isto venha a ocorrer por setenta vezes, eu não te abandonaria em nenhuma até que, depois de ti, que a morte venha me encontrar! E como não faria isso, se a morte é uma só e depois dela virá a honra imorredoura?!"*

O Imam Al-Hussein (A.S.) recebeu o ultimato na tarde do nono dia do mês de Moharram do ano 61 Hijrita (683 a.D.) que dizia o seguinte:

"Ou a obediência e a submissão, ou a luta!"

O Imam (A.S.) pediu um tempo até a noite, para que pudesse cumprir suas obrigações religiosas e decidiu lutar no dia seguinte.

Na manhã seguinte, Al-Hussein (A.S.) preparou-se para a luta com seu reduzido pessoal, que contavam cerca de noventa pessoas, sendo que, dos quarenta que vieram com ele, trinta eram soldados do exército inimigo que se uniram a ele, e o restante eram de Bani Hachem, seu filho, seus irmãos, sobrinhos e primos. Organizaram-se em um só batalhão, diante do enorme exército omíada, e mesmo assim, se iniciou a luta desigual.

A batalha durou da manhã até o meio-dia, e o Imam (A.S.) foi imolado juntamente com todos os jovens hachemitas, dentre os quais havia duas crianças assassinadas, filhos do Imam Al-Hussein (A.S.).

Ao término da luta sangrenta, o exército omíada avançou sobre o acampamento do Imam (A.S.), incendiando suas tendas e, diante das mulheres e crianças, deceparam as cabeças dos mártires, roubando-lhes tudo, inclusive roupas, deixando-os totalmente nus e seus corpos estendidos e espalhados no campo da batalha, sem se darem ao trabalho de enterrá-los. Em seguida, arrastaram consigo as mulheres da casa do Imam Al-Hussein (A.S.), suas esposas e filhas, sem nenhuma proteção, levando consigo as cabeças decepadas de suas vítimas.

Entretanto, havia poucos homens entre os prisioneiros, dentre os quais se encontravam Ali Ben Al-Hussein, filho do Imam Al-Hussein; Mohammad Ben Ali, filho de quatro anos de Ali Ben Al-Hussein; Al-Hassan Al-Muthanna, filho do 2º Imam Al-Hassan Ben Ali e genro do 3º Imam Al-Hussein, o qual foi gravemente ferido, e que, quando iam decapitá-lo ainda vivo um dos emires influentes dos omíadas intercedeu por ele, salvando-o da morte, e outros prisioneiros, os quais foram levados para Kufa, no Iraque, e de lá, seguiram para Damasco, na Síria, onde se encontrava a sede central do Califado Omíada, sob o governo de Yazid Ben Moawiya.

E o acontecimento sinistro da batalha em Karbala foi desmascarado, desmoralizando seus autores, Yazid Ben Moawiya e Obaidallah Ben Ziad, através dos discursos pronunciados pelos prisioneiros, enquanto eram arrastados de cidade em cidade entre Kufa e Damasco, destacando-se a filha do Príncipe dos Crentes, Zeinab Bent Ali, e o 4º Imam Ali Zein Al-Abidin (A.S.), os quais divulgaram corajosamente a terrível sina que se abateu sobre eles. Dessa forma revelando as más intenções e a má índole de Bani Omaia,

vindo à tona todas as artimanhas de Moawiya, praticadas durante o seu longo califado, e as práticas do devasso e libertino Yazid, seu filho, o que fez com que muitos de seus assessores e auxiliares os repudiassem e anulassem os acordos de lealdade e fidelidade aos omíadas.

A tragédia de Karbala foi um fator decisivo que apressou a queda do governo dos omíadas, influindo no assentamento dos princípios xiitas, trazendo como conseqüência uma série de guerras sangrentas que duraram doze longos anos. Era uma seqüência de levantes e escaramuças das quais não escapou nenhum dos que participaram do assassinato do Imam al-Hussein (A.S.) e seus amigos, como forma de vingança e revanche.

Não há dúvida de que aqueles que pesquisaram sobre a história das biografias do Imam Al-Hussein (A.S.) e do facínora Yazid, e, dos acontecimentos da época, e meditaram com minúcia sobre as questões, acabaram chegando a uma mesma rota que é o assassinato do Imam Al-Hussein (A.S.), e que o resultado de um juramento de lealdade a Yazid é o mesmo que profanar as proibições impostas pelo Islam, e com isso, o Imam jamais concordaria, porque Yazid não respeitava os dogmas do Islam, buscando sempre a destruição dos estigmas religiosos e o aniquilamento das Leis Islâmicas, sendo conhecido por seu mau caráter e instintos perversos, sempre entregue aos vícios, à luxúria e ao alcoolismo.

Entretanto, seus ancestrais respeitavam, ao menos aparentemente, os estigmas doutrinários e não os contrariavam, preservando ao menos as práticas religiosas, chegando inclusive a acatar o Profeta (S.A.A.S.) e demais líderes e chefes religiosos, os quais tinham uma posição venerável.

Daí se esclarece sobre a convicção de alguns comentaristas e intérpretes dos acontecimentos históricos, os quais aludem que Al-Hassan e Al-Hussein eram dotados de características distintas: Al-Hassan era amante da paz, ao contrário de seu irmão Al-Hussein, que se inclinava para as guerras e as lutas, porquanto o primeiro optou pela reconciliação com Moawiya apesar de possuir um Exército composto por quarenta mil soldados, enquanto o segundo, Al-Hussein, se dispôs à luta contra Yazid com aproximadamente quarenta homens apenas. Consequentemente, isto acabou evidenciando a debilidade desta opinião ou interpretação, pois nós observamos que Al-Hussein (A.S.), que jamais se submetera ao governo de Yazid e seu pai Moawiya, viveu com seu

irmão al-Hassan (A.S.) durante os longos dez anos do Imamato do primeiro, sob o califado de Moawyia, sem no entanto declarar guerra ao mesmo. E não há dúvida que Al-Hassan (A.S.) e Al-Hussein (A.S.), se quisessem guerrear contra Moawiya, nada os impediria de fazê-lo na ocasião, porém, ambos os irmãos sabiam que uma guerra como esta não beneficiaria em nada o Islam, e não teria utilidade diante da política de Moawiya, o qual se considerava um dos Companheiros (Sahaba) do Profeta (S.A.A.S.), o escriba das Revelações e preservador do direito dos crentes ou coisa parecida, pelo que tomou isso como meio e mediação.

Por outro lado, Moawiya tinha condições e poder de mandar matar a ambos, e ainda pelas mãos dos que eram bem próximos aos dois irmãos, e depois, mostraria publicamente indignação, pesar e tristeza, tal como o fez com o 3º Califa Othman Ben Affan, a fim de fomentar a intriga contra o 4º Califa Ali Ben Abi Taleb (A.S.).

O Quarto Imam – Ali Ben Al-Hussein Assajad (A.S.)

É o Imam Ali Ben Ali Assajad (A.S.), ou seja, "O Genuflexo", também cognominado por *Zein Al-Abidin*, isto é, "A Formosura dos Devotos".

Nasceu do enlace matrimonial do Imam Al-Hussein (A.S.) com a jovem princesa Shah Zanan, filha de Yazid Jarad, rei do Irã, sendo que Assajad (AS.) passou a ser o único filho do 3º Imam que sobreviveu ao massacre de Karbala, onde pereceram seus três irmãos, enquanto ele convalescia de uma grave doença, ficando aos cuidados das mulheres no acampamento sem poder levantar a sua espada e ir lutar ao lado de seu pai e de seus irmãos devido a extrema debilidade em que se encontrava, sendo posteriormente levado como prisioneiro para as terras do Cham, mais especificamente para Damasco, na Síria.

Depois de permanecer em curto cativeiro ele retornou para Medina juntamente com os seus parentes e familiares de outros prisioneiros, e isso foi feito para apaziguar a revolta da população frente à ação covarde de Yazid.

Ao chegar a Medina o Imam Assajad (A.S.) retirou-se, indo se isolar em sua residência, não querendo falar com ninguém exceto uma minoria, como Abu Hamza Athamal e Abu Khaled Al-Kabili, os quais lhe traziam notícias

dos crentes e levavam aos mesmos os conhecimentos islâmicos conforme o método xiita, e foi assim que ocorreu a difusão da cultura xiita, que começou a frutificar a partir do 5º Imam Mohammad Al-Baquer (A.S.).

Entre as obras escritas e organizadas pelo 4º Imam Ali Assajad (A.S.), destaca-se uma que é formada por 57 orações, conhecida por "*Zubúr Ále Mohammad*", isto é "Os Salmos do Clã de Mohammad".

Seu Imamato durou trinta e cinco anos, de acordo com alguns historiadores xiitas, morrendo envenenado a mando do Califa Al-Walid Ben Abdel Malek Ben Marwan, no ano 95 Hijrita (715 a.D.).

O Quinto Imam – Mohammad Al-Baquer (A.S.)

É o Imam Mohammad Ben Ali Al-Baquer (A.S.), isto é, "O Erudito", um cognome dado a ele pelo nobre Profeta Mohamamd (S.A.S.), que refletia seu interesse e domínio no Oceano do Conhecimento.

Seu pai foi o 4º Imam Ali Assajad (A.S.), nasceu em Medina no ano 57 Hijrita (676 a.D.), e tinha, portanto, quatro anos quando ocorreu a trágica batalha de Karbala.

Recebeu o Imamato de seu pai, aos trinta e nove anos, pela Vontade de Deus e recomendação de seus ancestrais.

No ano 114 ou 117 Hijrita (732 ou 735 a.D.), segundo alguns autores xiitas, Al-Baquer (A.S.) foi envenenado a mando de Ibrahim Ben Al-Walid Ben Abdel Malek, sobrinho do então Califa omíada Hicham Ben Abdel Malek, morrendo como mártir aos cinqüenta e quatro ou cinqüenta e seta anos de idade.

No tempo do 5º Imam Mohammad Al-Baquer (A.S.), e sob os vestígios da opressão dos Bani Omaia (os omíadas), surgiram revoluções sucessivas em todas as províncias islâmicas, e ocorreram guerras, as divergências no califado dos omíadas eram evidentes e isto preocupava o governo na ocasião, resultando isso na diminuição das perseguições aos descendentes do Profeta (S.A.A.S.) provenientes dos Ahulul Bait (A.S.). Isto de um lado, pois de outro lado, pelo que ocorreu em Karbala em termos de crueldade contra os Ahlul Bait (A.S.), representados na ocasião pelo 4º Imam Ali Assajad (A.S.), aconteceu que os muçulmanos se inclinaram aos descendentes de Fátima Azzahra (A.S.), filha do Apóstolo (S.A.A.S.), e dedicaram o seu amor e lealdade a eles.

Todos estes acontecimentos fizeram convergir as atenções gerais aos familiares, e se iniciou uma verdadeira peregrinação à Medina, onde se encontrava instalado o 5º Imam Al-Baquer (A.S.). Tudo isso contribuiu para a propagação das verdades islâmicas, principalmente pelas mãos deste Imam tão sábio, o que não conseguiram seus avôs. E isto é confirmado nos registros feitos sobre o 5º Imam (A.S.) e sobre os xiitas que se especializaram nos assuntos islâmicos com seus Imames, cujos nomes serão sempre lembrados.

O Sexto Imam – Jaafar Assadeq (A.S.)

É o Imam Jaafar Ben Mohammad (A.S.), cognominado por Assadeq, ou seja, "O Verídico", filho do 5º Imam Al-Baquer (A.S.).

Nasceu em Medina, no ano 83 Hijrita (703 a.D.) e morreu como mártir no ano 148 Hijrita (768 a.D.) aos sessenta e cinco anos de idade, assassinado a mando do califa abássida Abu Djaafar Al-Mansur, de acordo com os relatos históricos xiitas.

Nos tempos do 6º Imam Assadeq (A.S.), houveram vários levantes ocorridos nos estados islâmicos, principalmente a resistência de Mussawada contra os omíadas, a fim de dizimá-los, e as guerras destruidoras que provocaram a queda e extinção da dinastia omíada.

Consequentemente, todos estes acontecimentos contribuíram em parte para a difusão da ideologia e dos conhecimentos dos Ahlul Bait (A.S.), os quais tiveram o grandioso incentivo do 5º Imam Al-Baquer (A.S.) durante todo o período de vinte anos de seu Imamato, sendo prosseguido pelo 6º Imam Assadeq (A.S.), o qual teve um período mais propício.

O Imam Assadeq (A.S.) conseguiu aproveitar até o fim de seu mandato (que coincidiu com o fim do período omíada e começo do período abássida) da oportunidade que teve para transmitir os ensinamentos religiosos e para a preparação de um grande número de personalidades eminentes e singulares em diferentes conhecimentos, estudos e artes, seja no campo psicológico ou transmissivo.

Dentre os mais famosos eruditos que foram discípulos do Imam Assadeq podemos citar: Zorára, Mohammad Ben Moslem, Momen Attáq, Hicham Ben Al-Hokm, Ibán Ben Taglab, Hicham Ben Salem, Huraiz, Hicham Al-Kalbi,

Jaber Ben Hayan Assufi, Al-Quimiái, e outros. Inclusive, seus estudos e ensinamentos foram assistidos por homens sábios dentre os nossos irmãos sunitas, tais como Sufian Athauri, Abu Hanifa (fundador da seita Hanifita), o juiz Al-Mascuni, o juiz Abu Al-Bakhtari, e outros. Em resumo, é fato notório que o número daqueles que assistiram às audiências do Imam Assadeq (A.S.) foi de quatro mil sábios e historiadores.

Os relatos sobre os dois Imames Al-Baquer e Assadeq (A.S.) são considerados em maior número do que os relatos sobre o nobre Profeta (S.A.A.S.) e os dez Imames Guias (A.S.).

Entretanto, a situação modificou-se nos últimos anos de sua vida em face das restrições e opressões praticadas por Al-Mansur, o califa abássida, o qual passou a perseguir os líderes alauitas, submetendo-os aos mais atrozes sofrimentos e matando alguns deles, o que jamais fora visto no tempo da dinastia dos omíadas apesar da fama de sua crueldade e abusos de autoridade. Os abássidas exterminavam os alauitas, lançando-os em masmorras escuras e imundas ou torturando-os até a morte. Eles chegavam a enterrar ou emparedar suas vítimas vivas nos alicerces das construções oficiais.

Al-Mansur expediu uma ordem para que trouxessem de Medina o 6º Imam Assadeq (A.S.), o qual já tinha sido trazido anteriormente, pelo califa abássida anterior, Abu Al-Abbas Assafah, isto é, "o sanguinário", e antes disso, foi levado para Damasco por ordem do califa omíada Hicham Ben Abdel Malek, juntamente com seu pai, o 5º Imam Al-Baquer (A.S.).

O Imam Assadeq (A.S.) permaneceu no Iraque sob uma vigilância permanente por um bom tempo, ocorrendo por vezes atentarem contra sua vida, até que por fim, foi lhe permitido o regresso para Medina, onde passou o resto de sua vida isolado em sua casa, sempre mergulhado em sua devoção, até que foi envenenado por ordem do califa abássida Al-Mansur.

Chegando-lhe a notícia da morte do Imam Assadeq (A.S.), Al-Mansur ordenou o seu representante em Medina a que fosse até a casa do Imam (A.S.) sob o pretexto de buscar notícias de sua família e para lhes pedir uma cópia do testamento, onde ele teria condições de averiguar quem seria o sucessor do Imam falecido e mandar matá-lo.

Al-Mansur pretendia acabar de uma vez por todas com a questão do Imamato, e com isso acabar com o xiismo. Porém, o resultado foi contrário às suas pretenções, pois o seu representante, ao ler o testamento constatou que o Imam (A.S.) havia nomeado cinco herdeiros: o próprio califa, seu governador em Medina, Abdullah Al-Aftah (filho do Imam Al-Akbar), Mussa (seu filho menor) e Hamida (sua filha). Portanto, a premeditação de Al-Mansur foi frustrada.

O Sétimo Imam – Mussa Al-Kadhem (A.S.)

É o Imam Mussa Ben Jaafar (A.S.), cognominado por Al-Kadhem, filho do 6º Imam Jaafar Assadeq (A.S.).

Nasceu na cidade de Al-Abuá, perto de Medina, no ano 128 Hijrita (745 a.D.) e morreu no ano 183 Hijrita (800 a.D.) na cidade de Bagdád, dentro da prisão, em conseqüência dos vestígios de veneno que lhe ministravam na comida. Sucedeu seu pai no Imamato aos vinte anos de idade por determinação de Deus e recomendação de seus ancestrais.

O 7º Imam Al-Kadhem viveu na época dos seguintes califas abássidas: Abu Djaafar Al-Mansur, Al-Mahdi Ibn Al-Mansur, Mussa Al-Hadi Ibn Al-Mahdi e Harun Al-Rachid Ibn Al-Mahdi.

Viveu num período de trevas engastado pelas dificuldades, suportando os revezes da vida por ter se manifestado profundamente bom e religioso, até quando Harun Al-Rachid viajou para a peregrinação, e ao chegar à cidade de Medina mandou que prendessem o Imam quando o mesmo estava orando na mesquita de seu ancestral, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.). Sem respeito pelo culto e pelo lugar, o Imam Al-Kadhem (A.S.) foi acorrentado por seus algozes e levado até a prisão local, e depois de alguns dias ele foi transferido para Bassora e de lá para Bagdád, mudando de uma masmorra para outra até que deram fim à sua vida através do veneno, na Penitenciária Sindi Ben Cháhek, sendo enterrado no cemitério de Coraich, hoje conhecido como cidade de Al-Kadhemiya.

O Oitavo Imam – Ali Ben Mussa Al-Reda (A.S.)

É o Imam Ali Ben Mussa (A.S.), cognominado por Al-Reda, filho do 7º Imam Mussa Al-Kadhem (A.S.).

Nasceu em Medina, no ano 148 Hijrita (765 a.D.) e morreu no ano 203 Hijrita (822 a.D.) na cidade de Tuss, em Khorassan, Irã.

Aos trinta e cinco anos de idade o Imam Al-Reda (A.S.) tomou posse do Imamato, após a morte de seu pai, o Imam Mussa Al-Kadhem (A.S.), pela Vontade de Deus e testamento de seus ancestrais, sendo conterrâneo dos califas abássidas Harun Al-Rachid e dos filhos deste, Al-Amin e Al-Mamún.

Depois da morte de Harun Al-Rachid houve discórdias entre os dois irmãos, Al-Amin e Al-Mamún, concluindo-se em guerra fratricida, até que Al-Amim morre assassinado e Al-Mamún ascende ao trono do califado.

Até aquela ocasião a política dos abássidas em relação aos senhores alauitas era uma política opressora, seguida de execuções e aniquilamento, aumentando dia a dia, sendo que, de tempos em tempos os alauitas resistiam em levantes sangrentos, o que resultava em inquietações e situações embaraçosas para o estado e o califado.

Apesar dos Imames descendentes dos Ahlul Bait (A.S.) não terem nenhuma ligação com os revolucionários, os xiitas, mesmo sendo em número inferior naquela época, consideravam os Imames como sendo os guias religiosos, dignos de obediência e legítimos sucessores do Profeta Mohammad (S.A.A.S.). Eles enxergavam o estado e o califado abássida se destacando tal como foram os impérios de Cosroé, monarca persa, e César, imperador romano, constatando inclusive que o califado abássida era dirigido pelas mãos de uma facção que nada tinha haver com o Islam, e o sistema governamental que dirigia as províncias estava longe do método das lideranças religiosas, o que acarretava num sério perigo ao califado, expondo-o ao declínio e à extinção.

E, diante da conjuntura dos fatos, Al-Mamún passou a meditar sobre os problemas e as intrigas, resolvendo adotar uma nova política, após o que era a política hipócrita, estéril e sem utilidade. E então, ele expôs a sua política hipócrita, revestida de malícia traiçoeira, nomeando o 8º Imam Al-Reda (A.S.) como seu sucessor no califado, e com isso, ele poderia abafar toda e qualquer intriga ou revolta. Por outro lado, os senhores alauitas, vendo que obtiveram uma posição honrosa no governo, cessariam as revoltas e levantes. Da mesma forma, os xiitas, vendo seu Imam próximo ao califado, que consideravam de direito seu, pois reputavam

o califado anterior como usurpador e corrupto, aos poucos perderiam a consideração e o respeito moral pelos seus Imames descendentes dos Ahlul Bait, e consequentemente ocorreria a decadência de sua seita religiosa, e os califas se veriam livres de qualquer perigo nesta questão.

Era evidente que Al-Mamún queria alcançar esse objetivo, pois a morte do Imam Al-Reda (A.S.) não lhe seria difícil. Para concretizar o seu objetivo, fez o Imam (A.S.) vir de Medina para a cidade de Merv e lhe propôs, primeiro o califado e, depois, a sucessão. O Imam Al-Reda (A.S.), a princípio desculpou-se e não aceitou a proposta, porém, diante da insistência por diversos meios de persuasão, o Imam acabou concordando sob a condição de não interferir nos assuntos do estado e de não exonerar nem nomear ninguém.

Isto ocorreu no ano 200 Hijrita (819 A.D.), e não se passou muito tempo e Al-Mamún viu o rápido progresso dos xiitas e sua união em torno do Imam (A.S.), e também seu relacionamento com o povo, com o exército e até com os altos dirigentes do governo. Tudo isso o assustou, levando-o a matar o Imam Al-Reda (A.S.) através de envenenamento.

O 8º Imam foi imolado, e enterrado na cidade de Tuss, no Irã, hoje conhecida como Mach-had.

Curiosamente, Al-Mamún dedicou esforços e proporcionou meios para a tradução ao árabe de obras intelectuais. Também promovia conferências culturais, com a presença de mestres da religião e das seitas, onde eram feitos debates, com a participação pessoal do Imam (A.S.). Existem muitos registros desses debates e conferências em livros xiitas.

O Nono Imam – Mohammad Al-Jawad (A.S.)

É o Imam Mohammad Ben Ali (A.S.), cognominado por Attaqui, isto é, "O Devoto", ou "Ibn Al-Reda", porém, era mais conhecido por "*Al-Jawad*", ou seja, "O Generoso". Seu pai foi o 8ºImam Al-Reda (A.S.).

Mohammad Al-Jawad (A.S.) nasceu em Medina, no ano 195 Hijrita (814 a.D.), e foi assassinado no ano 220 Hijrita (839 a.D.) por ordem do califa abássida Al-Mootassem, através das mãos da esposa do Imam, que era filha de Al-Mamún. Al-Jawad (A.S.) foi enterrado ao lado de seu avô, o 7º Imam Mussa Al-Kadhem (A.S.), na cidade de Al-Kadhemiya.

Em 203 Hijrita (822 a.D.), o 9º Imam Al-Jawad (A.S.) tomou posse do Imamato pela Vontade de Deus e recomendação de seus ancestrais. Tinha ele na ocasião oito anos de idade aproximadamente, e se encontrava em Medina quando seu pai, o 8º Imam Al-Reda (A.S.) morreu.

Por seu lado, o califa abássida Al-Mamún mandou trazer o Imam Al-Jawad (A.S.) para o seu palácio em Bagdád, e o que se notava era o respeito e o carinho que Al-Mamún devotava ao Imam (A.S.), e em 204 Hijrita, aos nove anos de idade, fê-lo se casar com sua filha chamada Umm Al-Fadl, a fim de mantê-lo em Bagdád, o que na realidade era um pretexto para deixá-lo sob vigilância constante, para observá-lo melhor e estudar suas atitudes e pretensões.

O 9º Imam Al-Jawad (A.S.) permaneceu em Bagdád por longo tempo, depois do que, com a permissão de Al-Mamún, transferiu-se para Medina, onde viveu até fins do período do califado de seu sogro Al-Mamún.

Com a morte do califa Al-Mamún, e, sucedeu-lhe no califado Al-Mootassem, o qual mandou o Imam Al-Jawad (A.S.) retornar a Bagdád por duas vezes, e na segunda vez mandou matá-lo com veneno ministrado pelas mãos de Umm Al-Fadl, sua própria esposa e filha de Al-Mamún.

O Imam Al-Jawad (A.S.) teve oito filhos de uma mesma esposa, e que por ironia do destino não foram de sua mulher Umm Al-Fadl, a filha de Al-Mamún.

O Décimo Imam – Ali Al-Hadi (A.S.)

É o Imam Ali Ben Mohammad (A.S.), cognominado por *Annáqui*, porém mais conhecido por *Al-Hadi*, filho do 9º Imam Al-Jawad (A.S.).

Nasceu em Medina no ano 212 Hijrita (829 a.D.) e morreu no ano 254 Hijrita (870 a.D.) em Samarrá, envenenado a mando do califa abássida Al-Muutaz, conforme os registros xiitas.

O 10º Imam Al-Hadi (A.S.) foi contemporâneo de sete califas abássidas, que são: Al-Mamún Ben Harun Al-Rachid, Al-Muutassem Ben Harun Al-Rachid, Al-Wathiq Ben Al-Muutassem, Al-Mutawakel Ben Al-Muutassem, Al-Muntaçar Ben Al-Mutawakel, Al-Mustain e Al-Muutaz.

No tempo de Al-Muutassem, no ano 220 Hijrita (839 a.D.), quando seu pai o Imam Al-Jawad (A.S.) foi assassinado em Bagdád, o 10º Imam

Al-Hadi (A.S.) se encontrava em Medina, onde recebeu o Imamato pela Vontade de Deus e recomendação de seus ancestrais. E em Medina promoveu estudos sobre os conhecimentos islâmicos até o período do califado do Al-Mutawakel.

Por seu lado, Al-Mutawakel mandou um dos seus representantes para Medina, a fim de trazer consigo à Samarra o 10º Imam Al-Hadi, isso no ano 243 Hijrita (860 a.D.), por influência de alguns de seus inimigos. Contudo, Al-Mutawakel escreveu-lhe uma carta onde ele evidenciava o seu respeito e consideração, solicitando-lhe que fosse para a capital do califado.

Quando o Imam Al-Hadi (A.S.) chegou a Samarrá, de início não se notou nada que viesse a sufocá-lo, porém, algum tempo depois o califa começou a recorrer a diversos métodos que causavam a desonra de Al-Hadi (A.S.), enviando seus investigadores a fim que fizessem uma busca na residência do Imam com o objetivo de encontrar algo que o comprometesse perante a lei. No entanto, eles só encontravam livros e mais livros, nada mais.

Al-Mutawakel era o mais severo e cruel dentre os califas abássidas com os descendentes dos Ahlul Bait (A.S.), particularmente em relação ao Imam Ali Ben Abi Taleb (A.S.), ao qual ele tinha um ódio declarado, sempre aludindo ao Imam usando expressões de baixo calão, e inclusive o nomeando como sendo seu "súdito".

Ele também mandou destruir a cúpula da Mesquita do Imam Al-Hussein (A.S.), seu túmulo e muitas casas das proximidades, mandando abrir as comportas de uma represa local a fim de inundar o santuário e o túmulo do Imam (A.S.), transformando aquele pequeno espaço de terra em um campo agrícola, com a intenção de eliminar os sinais do honrado túmulo.

Durante o califado de Al-Mutawakel a situação dos senhores alauitas no Hidjáz se tornou digna de lástima. Suas mulheres vivendo em grande pobreza e se vestindo apenas com capas velhas, que emprestavam umas às outras nas horas de oração. A mesma situação sofriam os líderes alauitas no Egito.

O 10º Imam Al-Hadi (A.S.) suportava pacientemente todo tipo de humilhação e maldades, e após a morte de Al-Mutawakel vieram Al-Muntaçar, Al-Mustaín e Al-Muutaz, o qual mandou executar o Imam Al-Hadi (A.S.).

O Décimo - Primeiro Imam – Hassan Al-Askari (A.S.)

O Imam Hassan Ben Ali Al-Askari (A.S.), filho do 10º Imam Al-Hadi (A.S.) nasceu numa localidade chamada Ascar, no ano 232 Hijrita (847 a.D.) e morreu no ano 260 Hijrita (875 a.D.) de acordo com os registros xiitas, envenenado por ordem do califa abássida Al-Muutamed.

O 11º Imam Al-Askari (A.S.) chegou ao Imamato depois de seu pai, pela vontade de Deus e recomendação de seus ancestrais. Durante o seu Imamato, que não passou de sete anos, dedicou-se à compenetração religiosa e ficava isolado de todos, inclusive dos xiitas, não recebendo senão os mais íntimos de seus amigos e parentes. Mesmo assim passou grande parte de sua vida nas prisões que lhe foram impostas de modo injusto.

Os motivos de tal opressão foram:

Primeiro – O número de xiitas aumentou consideravelmente, e estes reconheciam o Imamato de forma clara e perceptível para todos, e os Imames xiitas também eram conhecidos. Por isso, o governo lhes fazia oposição mais do que antes, mantendo-os sob vigilância e observação permanentes, hostilizando-os e eliminando-os.

Segundo – O califado abássida sabia que os xiitas acreditavam que o 11º Imam (A.S.) teria um filho que conforme o que tinha sido registrado por parte o Imam Al-Hadi e seus ancestrais seria conhecido como *Al-Mahdi Al-Mauúd*, isto é, "O Guia Prometido". A respeito dele o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) se referiu tanto de forma geral como particularizada, e todos já o reconheciam como o décimo - segundo Imam.

Por estes motivos o Imam que maior vigilância sofreu foi o 11º Imam (A.S.), e o califa de então decidiu acabar com a questão dos Imames entre os xiitas, usando de todos os meios necessários, pondo termo final ao que tanto o perturbava.

Quando Al-Muutamed soube da doença do 11º Imam Al-Askari (A.S.) enviou-lhe médicos e juízes de sua confiança para observarem tudo o que ocorria em sua casa. Depois de imolado revistaram toda a residência do Imam, mandando examinar todas as domésticas, e prosseguiram em suas buscas durante dois anos até que desanimaram.

O Imam Al-Askari (A.S.) foi sepultado na sua casa, em Samarrá, perto do túmulo de seu pai.

É sabido que os Imames vindos da linhagem do Profeta (S.A.A.S.) durante todas as suas existências doutrinaram e ensinaram centenas de cultos e de eruditos, que, pela necessidade à brevidade, deixaremos de citar seus nomes, suas obras e a grande herança cultural que deixaram.

O Décimo – Segundo Imam – Mohammad Ibn Al-Hassan Al-Mahdi (A.S.)

É o Imam Mohammad Al-Mahdi (A.S.), isto é, "O Guia", reconhecido como o "Imam da Época" e "Senhor do Tempo". Seu nome coincide com o do Grandioso Profeta (S.A.A.S.). Seu pai foi o 11º Imam Hassan Al-Ascari (A.S.).

Nasceu na cidade de Samarrá no ano 255 Hijrita (868 a.D.), havendo notícias suas até o ano 329 Hijrita (942 a.D.) somente.

Viveu até o ano 260 Hijrita (873 a.D.) sob a proteção de seu pai, quando este foi imolado. Passou oculto das vistas de todos e ninguém conseguia encontrá-lo, a não ser os xiitas mais fiéis.

Com a morte de seu pai, e por inspiração de Deus, o Imam Al-Mahdi (A.S.) optou por ausentar-se, só aparecendo a seus representantes em ocasiões especialíssimas.

Os Representantes Particulares

Inicialmente, o Imam Al-Mahdi (A.S.) nomeou como seu representante Othman Ibn Said Al-Umari, o qual era amigo sincero e leal de seu avô e de seu pai, sendo que, o Imam (A.S.) respondia às indagações dos xiitas através dele.

Depois de Othman Ibn Said Al-Umairi, sucedeu-lhe seu filho Mohammad Ben Othman, depois sucedeu a este Abul Qássem Hussein Ben Ruhal Noubkhati.

Após o falecimento de Abul Qássem Hussein Ben Ruhal Noubkhati o Imam Al-Mahdi (A.S.) nomeou Ali Ben Mohammad Al-Samari, o qual, após assessorá-lo por três anos adoeceu em 329 Hijrita (942 a.D.), restando-lhe apenas alguns dias de vida. Nesta época o enfermo recebeu um comunicado firmado pela "parte sagrada" onde o Imam Al-Mahdi (A.S.) o informava que ele morreria no prazo de seis dias, após o que não haveria representação particular,

pois se iniciaria a "Grande Ausência", que duraria até que Deus permitisse o seu retorno. E conforme este comunicado, a ausência do Imam Al-Mahdi (A.S.) se dividiu em duas partes.

A primeira parte denomina-se por "Pequena Ausência", a qual iniciou em 260 Hijrita (873 a.D.) e terminou em 329 Hijrita (942 a.D.), perdurando por aproximadamente setenta anos.

A segunda parte chamou-se por "Grande Ausência", a qual iniciou em 329 Hijrita (942 a.D.) e ficará perdurando até quando Deus permitir o seu retorno.

Conta-se que o Nobre Profeta (S.A.A.S.) disse: *"Se restasse apenas um dia para este mundo, Deus o prolongaria até que seja enviado um homem da minha nação e da minha linhagem, cujo nome coincidirá com o meu nome, para preencher a Terra de prestação de contas e de justiça, tal como ela foi preenchida com a crueldade, tirania, violência e opressão!"*

Pesquisas sobre o Aparecimento do Al-Mahdi do
Ponto de Vista Geral (os não-Xiitas)

Conforme apontamos nas pesquisas sobre a Profecia e o Imamato, de acordo com a orientação geral, corrente em todos os tipos de seres vivos, existe um determinado gênero humano, que foi preparado e privilegiado com firmeza pela necessária prudência, ou seja, a força da Revelação e da Profecia, que conduz à perfeição e à felicidade, não fossem estas duas questões possíveis ao alcance do homem, em se considerando a sua vida uma existência societária, caso contrário, não haveria absolutamente razão de existirem.

Em outros termos, os seres humanos, desde que surgiram na face da Terra, sempre visavam uma vida social ligada com a felicidade, vivendo pelo objetivo de chegar a esta etapa, e não fosse a realização desses anelos, o homem se privaria de esperança, é o mesmo que, quando existir o alimento não existiria fome, e se não houvesse água, existiria sede, e se não houvesse sexo não haveria procriação.

Por isso e por força dessas necessidades, o futuro da humanidade trará um dia em que a paz irá pairar sobre o mundo e todos viverão com amor, fraternidade e sinceridade, na perfeição da humanidade.

A concretização disso está nas mãos do próprio homem, e o Líder-Dirigente do Mecanismo, conforme a História, será "Al-Mahdi" – Que Deus apresse o seu retorno!

Em todas as religiões do mundo, tais como a Idolatria, o Judaísmo, o Cristianismo, o Zoroastrianismo e o Islam, se anuncia a vinda de um Salvador para a humanidade, embora em cada doutrina, ele tenha características diferentes, e no caso do Islam, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) afirmou: *"Al-Mahdi é de minha descendência e será ele"*.

Pesquisas sobre o Aparecimento do Al-Mahdi do Ponto de Vista dos Xiitas em particular.

De um lado, temos a História e os inúmeros registros, tanto do ponto de vista geral (os não-xiitas) como do ponto de vista dos xiitas (em particular), sobre o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) e sua Linhagem proveniente de sua Casa (Ahlul Bait), relativamente à vinda do "Al-Mahdi", ou seja, "O Guia", como sendo um descendente do Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), e que, com a sua chegada, levará o gênero humano à perfeição verdadeira e o privilegiará com a vida ideal[94].

Contudo, há relatos que apontam "Al-Mahdi" como sendo o filho do 11° Imam Al-Hassan "Al-Ascari"[95], e que após a "Grande Ausência", ele preencherá a Terra com o Julgamento e a Justiça, depois que ela foi preenchida com violência e opressão.

94 Nesta questão, Abu Jaafar disse: "Se levantar um de nossa gente, Deus colocará a sua 'mão' sobre a cabeça dos devotos, e então, Ele reunirá suas mentes e realizará seus sonhos". Por sua vez, Abu Abdulláh disse: "O conhecimento se totaliza em 27 letras, e todos os Profetas vieram apenas com duas letras, e a humanidade só conhece a ambas, porém, quando vier o nosso Enviado, ele mostrará as 25 letras restantes e as ligará às duas, totalizando-as em 27 letras".

95 O 8° Imam Ali Ben Mussa "Al-Reda" falou: "Virá depois de mim o meu filho Mohammad, e depois de Mohammad, seu filho Ali, e depois de Ali, seu filho Al-Hassan, e depois de Al-Hassan, virá seu filho, "O Reformador" que será "O Esperado" durante a sua ausência, o qual será obedecido ao ressurgir, e se restasse um só dia no mundo, Deus o prolongará até a sua chegada, e então, ele preencherá a Terra de justiça tal como ela se preencheu de violência e opressão! E quando o meu pai conversou comigo sobre os seus ancestrais, disse-me que Ali Ben Abi Taleb perguntou um dia ao Profeta: "Ó Mensageiro de Deus, quando surgirá o Reformador proveniente de tua linhagem?" e o Profeta (S.A.A.S.) lhe respondeu: "Ressurgirá tal qual a hora decisiva que chega em seu tempo e tudo pesará nos Céus e na Terra... e será de repente". Por sua vez, Çafar Ben Abi Dâlaf relatou o seguinte: "Certa vez, ouvi

Resposta às Analogias

Os que divergem do Xiismo alegam que, segundo esta seita, o Imam Ausente teria hoje cerca de doze séculos de idade, enquanto que o ser humano não alcança esta faixa etária.

Esta objeção se baseia pela longevidade, e a vida longa, normalmente é impossível que ela chegue à esta faixa, porém, quem pesquisa e se aprofunda no estudo do Grande Mensageiro, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.), no que diz respeito ao Imam Ausente, assim como quanto aos demais Imames provenientes de sua Linhagem, e descendentes dos Ahlul Bait, perceberá que o tipo de vida do Imam Ausente se classifica como uma exceção à regra, ou melhor, um milagre, e é admissível que as exceções à regra não são impossíveis e são encontradas em toda cultura absoluta.

Assim, os agentes que atuam neste mundo não se restringem nos limites da nossa visão e conhecimento objetivo, e não podemos negar a existência desses e de outros agentes, porque são extremamente distantes de nossas possibilidades intelectivas e de nós desconhecidas. Conseqüentemente, temos que admitir que esses valores e fatores existem em um ou mais seres humanos, que lhes proporcionam uma vida muito longa que pode atingir os milhares de anos. Por isso, a ciência médica não desiste de pesquisar a fórmula que prolongue a vida.

Abu Jaafar/Mohammad Ben "Al-Reda" dizer: "O próximo Imam depois de mim, será meu filho Ali. A questão dele será a minha questão e suas palavras serão as minhas palavras, e a obediência a ele será igual como o é para comigo, e o Imam que o sucederá será seu filho Al-Hassan e sua questão será a questão de seu pai e suas palavras serão as palavras de seu pai, e a obediência a ele será como foi dada a seu pai...". Depois, Abu Jaafar se calou pensativo... então eu lhe perguntei: "Ó filho do Mensageiro de Deus, quem será o Imam que virá depois do Imam Al-Hassan?" Nisso, Abu Jaafar começou a chorar copiosamente e depois falou: "Depois de Al-Hassan, o sucederá seu filho, o Reformador pelo direito e será o Esperado!". Também Mussa Ben Jaafar Al-Bagdádi relatou: Certa vez ouvi Abu Mohammad/Al-Hassan Ben Ali dizer: "Eu sou de vós, e mesmo assim, vós descordareis depois que eu me for! Entretanto, aqueles que reconhecem e aprovam os Imames depois do Mensageiro de Deus e negam o meu filho, é o mesmo que reconhecer todos os Profetas e negar a Mohammad como Mensageiro de Deus, e a partir do momento em que se nega reconhecer o Mensageiro de Deus, passa a renegar todos os Profetas, porque a obediência ao primeiro de nós deverá ser ao último de nós, e quem desacatar o último de nós é o mesmo que desacatar o primeiro de nós! Contudo, ao meu filho ocorrerá uma ausência na qual os homens duvidarão de seu reaparecimento, exceto da infalibilidade de Deus".

E esta óbice, vinda daqueles que crêem nos Livros Celestiais, como os judeus, os cristãos e muçulmanos, de acordo com seus Livros Sagrados, e acreditam nos milagres e nas exceções à regra, que se realizavam por intermédio dos Profetas de Deus Supremo, de modo que, é de estranhar e causa-nos espanto diante de suas reações!

Os opositores do Xiismo alegam que os xiitas consideravam como indispensável a existência do Imam a fim de evidenciar a Jurisprudência da religião e suas autenticidades, e para direcionar as pessoas e orientá-las, e a ausência do Imam contraria isso, pois na opinião deles, o Imam que desaparece das vistas humanas e não mais existe algum meio de se chegar até ele, não pode elaborar com sua existência qualquer resultado ou utilidade, ou seja, a sua "presença" tornou-se inútil. E caso Deus Glorioso pretendesse reformar a humanidade através de uma pessoa, Ele tem todo o Poder de criar esta criatura quando se fizer necessário para tal, e não seria necessário criar alguém antes do tempo e da necessidade, em milhares de anos.

Os que assim argumentam, não conhecem o verdadeiro significado do Imamato; o que aliás, já se esclareceu pelas pesquisas sobre o Imamato, de que a incumbência de um Imam e sua responsabilidade não se restringe na evidência dos conhecimentos divinos literalmente, como não os incapacita de direcionarem as pessoas pelo lado exotérico. Por isso, o Imam, além de encaminhar os homens através do exoterismo, se qualifica na sucessão e na diretriz esotérica, como também é ele quem organiza a vida psicológica das pessoas, dando-se ao exemplo na realização das tarefas através do bem e da virtude no caminho que leva a Deus Magnificente.

A presença ou ausência física do Imam, neste sentido, não assume maior importância, pois esotéricamente ele tem comunicação espiritual com os homens.

Estando distante ou invisível, sua existência é sempre necessária, mesmo se prolongando o tempo de seu retorno ou vinda para a redenção da humanidade.

Epílogo

Em nome de Deus, O Clemente, O Misericordioso

A Retórica Psicológica do Xiismo

A retórica psicológica do Xiismo, dirigida à toda a humanidade, resume-se numa frase que é: *"Cientificai-vos de Deus"*.

Em outro sentido, significa:

"Buscai o caminho do conhecimento de Deus, a fim de poderem ser salvos e felizes".

Entretanto, esta foi a expressão pronunciada pelo Profeta nobre (S.A.A.S.) no início de sua missão e pregação:

"Dize: Não há divindade além de Deus e se salvarão!".

E para que se esclareça esta retórica, diremos:

Nós humanos, pelo nosso instinto, somos amantes das paixões que a vida nos oferece, tal como, comer bem, vestir-se bem, palácios, luxo, paisagens bonitas e deslumbrantes, mulheres formosas, amigos fiéis, riquezas, fortunas, poder político, posições elevadas e a anulação de tudo o que a nós se opõe.

No entanto, nós discernimos perfeitamente, pelo que possuímos de intuições e dons, que tais questões e delícias foram elaboradas por causa do homem e não o homem por causa delas, as quais estão à disposição da criatura humana e não o inverso. E se este objetivo não se tornar inválido seria considerado apenas como instinto e luxúria e isto é próprio dos animais irracionais. E o assassinato, o assalto e a destruição da felicidade alheia é da lógica dos lobos, ao passo que, a lógica do homem se constitui pelo raciocínio e pelo estudo e conhecimento.

Por conseguinte, a lógica racional e a percepção da nossa realidade, nos impelem para a verdade e o direito e não para o egoísmo e desejos pessoais. Logo, os diversos tipos de concupiscências, paixões e voluptuosidades, amor próprio e egoísmo, são considerados, de acordo com a lógica mental humana, parte do mundo da natureza e não há para eles qualquer independência, ao contrário daquilo que o homem imagina, de que ele é o senhor da natureza e do Universo, pensado que a natureza tirana deve ser-lhe um instrumento submisso.

A inteligência leva o homem a raciocinar e a se aprofundar nos mistérios desta vida efêmera e a perceber que tudo o que existe de si não veio, mas que o mundo e tudo o que possui tem origem numa fonte inesgotável.

E para que isso seja óbvio, a beleza e fealdade os seres existentes no Céu e na Terra, e o que se torna perceptível pelo homem, não são senão situações que se tornaram existenciais por causa de outras situações, e seu aparecimento nada mais é do que aqueles situações e não a própria situação em si. E como as situações e aptidões gigantescas que gozavam uma existência no passado passaram a ser uma lenda no futuro, assim o é com as situações no dias de hoje também, e o resultado é que tudo tem o seu limite, e por si, acaso não excederia até o mito?

Deus Supremo Magnificente é a única situação que jamais passará! E tudo que existe se estende através d'Ele! E não fosse a existência de Deus, nada poderia existir! E quando o homem se arma com esta cientificação, e atinge a compreensão, passa a perceber que a sua própria existência é simples efeito de uma causa, e que a humanidade e o Universo se apóiam numa existência ilimitada e infinita, por onde a vida, a capacidade, o conhecimento, a perfeição absoluta e tudo que alude ao homem e demais alusões do mundo, não passam de meras janelas, e cada uma, dependendo de suas possibilidades, mostra o outro lado da vida e o que há atrás da natureza.

E quando o homem perde a autenticidade e a independência para si mesmo, ocorrendo o mesmo para toda e qualquer criação existente, passa a devolver tudo ao seu legítimo e verdadeiro dono, e então, seu coração se voltará a Deus Uno e não se submeterá a nada, exceto à Grandiosidade e Magnificência de Deus Supremo e Sua Excelcitude.

E, enquanto o homem permanecer debaixo do Poder de Deus Criador e sob Sua Proteção, tudo que ele vier a conhecer será por intermédio de Deus, passando a ser caracterizado com o temperamento virtuoso e as boas ações (o Islam, e a submissão ao direito que é a própria índole) sob o Zelo de Deus e Seu cuidado.

Este é o nível mais elevado, a perfeição humana e completa posição do homem, isto é, a posição do Imam, o qual pôde chegar até ela, conseguindo-a com o Zelo de Deus Altíssimo e Seu cuidado. E aqueles que buscam alcançar esta colocação elevada e ilustre perfeição, apesar de suas diferentes categorias, são considerados os verdadeiros seguidores do Imam.

Conclui-se que o conhecimento de Deus Supremo e o conhecimento do Imamato, jamais se separarão, bem como, o conhecimento de Deus e o conhecimento da alma não se separarão um do outro. E aquele que conheceu a própria existência, admitirá a existência de Deus Riquíssimo!

Louvado seja Deus, Senhor do Universo!